UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

Ludmilla Louise Cerqueira Maia Prates

Análise do extrato e constituintes químicos de *Erythrina verna* Vell. sobre o crescimento, in vitro, de estreptococos do grupo mutans e toxicidade aguda em modelo experimental murino

Montes Claros – MG

2023

Ludmilla Louise Cerqueira Maia Prates

Análise do extrato e constituintes químicos de *Erythrina verna* Vell. sobre o crescimento, in vitro, de estreptococos do grupo mutans e toxicidade aguda em modelo experimental murino

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências em Saúde da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Saúde.

Área de Concentração: "Mecanismos e Aspectos Clínicos das Doenças"

Orientador: Profa. Dra. Mariléia Chaves Andrade

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Avelino Mota Nobre

Montes Claros – MG

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES

Reitor: Prof. Dr. Antônio Alvimar Souza

Vice-reitor: Profa. Dra. Ilva Ruas Abreu

Pró-reitor(a) de Pesquisa: Profa. Dra. Clarice Diniz Alvarenga Corsato

Coordenadoria de Acompanhamento de Projetos: Prof. Dr. Virgílio Mesquita Gomes

Coordenadoria de Iniciação Científica: Prof. Dr. Marcelo Perim Baldo

Coordenadoria de Inovação Tecnológica: Prof. Dra. Sara Gonçalves Antunes

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Dr. André Luiz Sena Guimarães

Coordenadoria de Pós-graduação Lato-sensu: Prof. Dr. Marcos Flávio Silveira Vasconcelos D'Angelo

Coordenadoria de Pós-graduação Stricto-sensu: Prof. Dr. Carlos Alexandre Bortolo

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Coordenadora: Profa. Dra. Cristina Andrade Sampaio

Subcoordenador: Prof. Dr. Renato Sobral Monteiro Júnior

P912a

Prates, Ludmilla Louise Cerqueira Maia.

Análise do extrato e constituintes químicos de Erythrina verna vell. Sobre o crescimento, in vitro, de estreptococos do grupo mutans e toxicidade aguda em modelo experimental murino. [manuscrito] / Ludmilla Louise Cerqueira Maia Prates – Montes Claros (MG), 2023.

115 f. : il.

Inclui bibliografia.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde /PPGCS, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Chaves Andrade.

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Avelino Mota Nobre.

1. Erythrina verna Vell. 2. Estreptococo mutans. 3. Matéria médica vegetal. 4. Testes de toxicidade. 5. Plantas medicinais. I. Andrade, Mariléia Chaves. II. Nobre, Sérgio Avelino Mota. III. Universidade Estadual de Montes Claros. IV. Título.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Universidade Estadual de Montes Claros

Mestrado e Doutorado em Ciências da Saúde

Anexo nº FA de Ludmilla Louise Cerqueira Maia Prates/UNIMONTES/PRPG/PPGCS/2023

PROCESSO Nº 2310.01.0005292/2023-59

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data da Defesa: 05/04/2023 - webconferência, via plataforma "Google Meet"

NOME DO(A) DISCENTE: LUDMILLA LOUISE CERQUEIRA MAIA PRATES

( ) Mestrado Acadêmico em Ciência Da Saúde

(x) Doutorado Acadêmico em Ciências Da Saúde

TÍTULO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC):

"*ANÁLISE DO EXTRATO E CONSTITUINTES QUÍMICOS DE ERYTHRINA VERNA VELL. SOBRE O CRESCIMENTO, IN VITRO, DE ESTREPTOCOCOS DO GRUPO MUTANS E TOXICIDADE AGUDA EM MODELO EXPERIMENTAL MURINO* "

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Mecanismos e A. Clínicos das doenças

LINHA DE PESQUISA: Etiopatogenia e Fisiopatologia das Doenças

BANCA (TITULARES)

Prof.ª Dr.ª Mariléia Chaves Andrade ORIENTADOR (participação à distância por videoconferência)

Prof. Dr. Sérgio Avelino Mota Nobre COORIENTADOR (participação à distância por videoconferência)

Prof.ª Dr.ª Ana Paula Venuto Moura (participação à distância por videoconferência)

Prof. Dr. Marcos Flávio Silveira Vasconcelos D'Angelo (participação à distância por videoconferência)

Prof.ª Dr.ª Letícia Antunes Athayde Souza (participação à distância por videoconferência)

Prof. Dr. Eduardo Robson Duarte (participação à distância por videoconferência)

BANCA (SUPLENTES)

Prof. Dr. João Marcus Oliveira Andrade

Prof.ª Dr.ª Ernane Ronie Martins

A análise realizada pelos membros examinadores da presente defesa pública de TCC teve como resultado parecer de:

[x] **APROVAÇÃO** [ ] **REPROVAÇÃO**

Documento assinado eletronicamente por **Marileia Chaves Andrade**, **Professora de Educação Superior**, em 05/04/2023, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

Documento assinado eletronicamente por **Marcos Flavio Silveira Vasconcelos Dange**, **Professor de Educação Superior**, em 10/04/2023, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

Documento assinado eletronicamente por **Letícia Antunes Athayde Souza**, **Usuário Externo**, em 11/04/2023, às 13:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Robson Duarte**, **Usuário Externo**, em 17/04/2023, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Venuto Moura**, **Professor(a)**, em 24/04/2023, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

Documento assinado eletronicamente por **Sergio Avelino Mota Nobre**, **Professor(a)**, em 24/04/2023, às 23:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 47.222, de 26 de julho de 2017.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.mg.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **62840963** e o código CRC **79B0F913**.

DEDICATÓRIA

A minha filha Maria Luiza, aos meus familiares, amigos e a todos que contribuíram para a concretização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por estar sempre presente em minha vida, dando-me forças para superar todas as adversidades e obstáculos em meu caminho.

Aos meus pais e irmãos pelo exemplo e por estarem sempre aos meu lado.

À minha filha que me inspirou força e perseverança para a conclusão do trabalho.

À Professora Dra. Ana Cristina de Carvalho Botelho pela oportunidade, pela orientação e apoio durante o caminho.

À Professora Dra. Mariléia Chaves Andrade, minha orientadora, pela confiança, pelo apoio e acima de tudo, pela compreensão durante toda a realização deste projeto.

Ao Professor Dr. Sérgio Avelino Mota Nobre, pela orientação, apoio e amizade.

Ao Dr. Flaviano Silvério, professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, pela contribuição na análise química dos extratos.

A todos aqueles que me ajudaram diretamente durante o doutorado, em especial a Victor, Bruna, Diego, Gésse e Ronize.

Aos membros do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Montes Claros, por proporcionarem mais esta vitória em minha vida profissional.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Muito obrigada!

RESUMO

Erythrina verna Vell. (EV) é uma planta nativa brasileira comumente utilizada na medicina popular, principalmente como tranquilizante e também no tratamento de infecções. Embora composições fitoterápicas sejam comercializadas com esta espécie, poucos estudos sobre o perfil químico e toxicológico têm sido relatados. O objetivo do estudo foi avaliar a atividade biológica e toxicológica do extrato da casca de *Erythrina verna* Vell.. O perfil fitoquímico do extrato de *E. verna* (EVE) foi determinado por cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massas, e a Concentração Inibitória Mínima e a Concentração Bactericida Mínima do extrato butanóico da casca de EV e constituintes químicos foram identificados contra isolados de estreptococcus do grupo mutans (EGM). Além disso, analisamos o efeito sinérgico dos compostos ativos no extrato. A toxicidade aguda foi avaliada de acordo com o protocolo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE 423). Uma única dose do extrato nas concentrações de 5, 50, 300 e 2000 $mgKg^{-1}$ (n=3/grupo) foi administrada por via oral em camundongos Swiss. Os animais foram monitorados por 14 dias juntamente com a avaliação dos sinais clínicos, bioquímicos e histopatológicos, bem como a presença de mortalidade. O EVE apresentou metabólitos secundários e substâncias com atividade antimicrobiana, ácido benzoico e ácido azeláico. Dos três compostos isolados de EVE, o ácido esteárico apresentou a maior atividade bactericida contra os microrganismos testados. No entanto, comparando a atividade bactericida do extrato bruto e do constituinte químico isolado, o EVE apresentou atividade antibacteriana mais eficaz, enquanto os da cavidade oral (C17VA, C12VA e C04PD) apresentaram maior resistência ao extrato e ao ácido esteárico comparado com as cepas padrão (ATCC 25175 e ATCC 27392). O EVE demonstrou efeito sinérgico quando associado à clorexidina, com redução de cerca de 98% da população bacteriana em todos os microrganismos testados. Já a toxicidade aguda não produziu mortalidade ou alterações comportamentais e hematológicas, porém, houve alterações nos níveis de HDL significativamente elevados quando comparados aos animais do grupo controle. O exame histológico do baço, coração e rim mostrou alterações na arquitetura tecidual com focos de infiltrados inflamatórios a partir da concentração de 50 $mgKg^{-1}$. O extrato da casca de *E. verna* pode ser uma alternativa no tratamento de doenças causadas por estreptococos do grupo mutans, principalmente se associado à clorexidina. Entretanto o uso oral do extrato da casca de *E. verna* deve ser realizado com cautela e em baixas doses.

Palavras-Chave: *Erythrina verna* Vell. estreptococos do grupo mutans, fitoterapia, toxicidade aguda.

ABSTRACT

Erythrina verna Vell. (EV) is a native Brazilian plant commonly used in folk medicine, mainly as a tranquilizer and also in the treatment of infections. Although herbal compositions are commercialized with this species, few studies on the chemical and toxicological profile have been reported. The aim of the study was to evaluate the biological and toxicological activity of the bark extract of *Erythrina verna* Vell.. The phytochemical profile of the *E. verna* extract (EVE) was determined by gas chromatography coupled to mass spectrometry, and the Minimum Inhibitory Concentration and Minimum Bactericidal Concentration of the butanoic extract of EV bark and chemical constituents were identified against isolates from mutans group streptococci (MGS). In addition, we analyzed the synergistic effect of the active compounds in the extract. Acute toxicity was assessed according to the Organization for Economic Co-operation and Development protocol (OECD 423). A single dose of the extract at concentrations of 5, 50, 300 and 2000 $mgKg^{-1}$ (n=3/group) was orally administered to Swiss mice. The animals were monitored for 14 days along with the evaluation of clinical, biochemical and histopathological signs, as well as the presence of mortality. EVE showed secondary metabolites and substances with antimicrobial activity, benzoic acid and azelaic acid. Of the three compounds isolated from EVE, stearic acid showed the highest bactericidal activity against the microorganisms tested. However, comparing the bactericidal activity of the crude extract and the isolated chemical constituent, EVE showed more effective antibacterial activity, while those from the oral cavity (C17VA, C12VA and C04PD) showed greater resistance to the extract and to stearic acid compared to the standard strains (ATCC 25175 and ATCC 27392). EVE demonstrated a synergistic effect when associated with chlorhexidine, with a reduction of about 98% of the bacterial population in all tested microorganisms. On the other hand, acute toxicity did not produce mortality or behavioral and hematological changes, however, there were changes in HDL levels significantly elevated when compared to animals in the control group. The histological examination of the spleen, heart and kidney showed changes in tissue architecture with foci of inflammatory infiltrates from a concentration of 50 $mgKg^{-1}$. E. verna bark extract can be an alternative in the treatment of diseases caused by mutans group streptococci, especially if associated with chlorhexidine. However, the oral use of *E. verna* bark extract should be performed with caution and in low doses.

Keywords: *Erythrina verna* Vell. mutans group streptococci, phytotherapy, acute toxicity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Produto 01

Produto 02

LISTA DE TABELAS

Produto 01

Produto 02

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

O uso dos recursos naturais pela humanidade, com finalidade profilática, curativa e/ou paliativa, é relatado desde a antiguidade. Antes do século XX, extratos de plantas, animais, microrganismos e minerais representavam os únicos produtos disponíveis para o tratamento das doenças [1].

As plantas constituem a principal fonte para o desenvolvimento de produtos utilizados na medicina tradicional. Seu uso é bastante difundido na cultura popular devido sua facilidade de aquisição e eficácia no tratamento de enfermidades [2,3]. A Organização mundial da Saúde (OMS) apoia o uso adequado de medicamentos à base de espécies vegetais, principalmente para os cuidados primários a saúde, além de incentivar pesquisas científicas nesta área [4]. Com isso houve um aumento no interesse de pesquisadores na investigação do potencial terapêutico, morfologia, composição química e propriedades farmacológicas de várias espécies de plantas [5-7].

O potencial terapêutico das plantas medicinais é justificado pela presença de componentes bioativos que apresentam muitas atividades biológicas comprovadas [8]. Dentre os componentes bioativos das plantas destaca-se os metabolitos secundários, que são substância determinantes na adaptação às condições ambientais e proteção das espécies vegetais [9].

Um dos efeitos terapêuticos dos metabólitos secundários de elevada importância e interesse farmacêutico é a atividade antimicrobiana. Devido à preocupação com a falta de eficácia dos agentes antimicrobianos para patologias diversas, associada aos efeitos colaterais e resistência microbiana confirmada nos últimos anos [10,11].

Os estreptococos do grupo mutans são microrganismos presente na cavidade oral e está relacionado com o processo cariogênico, a partir da formação de biofilme. Um dos fatores que determina o poder de virulência desses microrganismos é sua capacidade de produção de biofilme [12]. Em estudo realizado pelo nosso grupo de pesquisa observou-se que a seleção de isolados de estreptococos do grupo mutans pela sua capacidade de produção de biofilme está diretamente ligado a resistências desses microrganismos a antibiótico e extrato vegetais [13]. A cárie é uma doença multifatorial que acomente um grande número de pessoas no mundo, sendo que seu tratamento acarreta em gastos elevado os orgão públicos e ao individuo acometido, com isso a busca por novas alternativas que auxiliem no tratamento e prevenção da cárie são vista com bons olhos na atualidade [14]. Nesse cenário as plantas é

uma alternativa de baixo custo, fácil acesso e de ampla aceitação pela população. Além disso, o Brasil destaca-se como uma das regiões de maior biodiversidade vegetal [15].

A espécie *Erythrina verna* Vell. é utilizada como antidepressiva, sedativa, calmante, ansiolítica, antimicrobiano, tônico hepático e anti-inflamatória [16-18]. Apesar de seu uso está bem difundido na medicina popular essa espécie carece de estudos que amplie o seu leque de ações farmacológicas e descreva seus efeitos tóxicos aos seres vivos.

Apesar do uso tradicional das plantas medicinais e da crença da população que os produtos naturais são inócuos e menos tóxicos, o seu uso deve ser feito com cautela e amparado por estudos que avaliam a toxicidade das substâncias químicas das plantas ao organismo vivo [19].

Portanto o presente trabalho investiga a composição química, a atividade antimicrobiana e toxicológica de *Erythrina verna* a fim de validar as indicações terapêuticas empíricas referentes a esta planta.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar a composição química e mensura os potenciais efeitos biológicos e toxicológicos do extrato da casca de *Erythrina verna* Vell..

2.2 Objetivos Específicos

i. Mensurar a Concentração Inibitória Mínima do extrato da casca de *Erythrina verna* Vell. e seus componentes sobre estreptococos do grupo mutans.

ii. Prover a caracterização fitoquímica do extrato de *Erythrina verna* Vell..

iii. Avaliar o efeito sinérgico do extrato de *Erythrina verna* Vell. associado com a clorexidina.

iv. Estabelecer a dose letal 50% (DL50) do extrato da casca de *Erythrina verna* Vell., por meio do teste de toxicidade aguda em um modelo murino experimental.

v. Analisar os parâmetros clínicos, bioquímicos e histopatológicos após o teste de toxicidade aguda em um modelo murino experimental.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Aspectos históricos das Plantas Medicinais

Ao longo do tempo, o homem tem utilizado dos recursos oferecidos pela natureza no tratamento de um largo espectro de doenças. Um dos primeiros relatos de documentação escrita sobre a utilização das plantas medicinais é a obra chinesa Pen Ts'ao (A Grande Fitoterapia), há 2800 anos a.C.. Na história egípcia os papiros documentavam o uso das plantas como remédio pelos médicos, o Papiro de Ebers, de 1550 a.C. documenta mais de 700 medicamentos, no qual são mencionadas fórmulas com espécies vegetais que são usadas até hoje [20]. Outro documento importante é a Matéria Médica Chinesa, que foi extensamente documentada ao longo dos séculos, com primeiro registro em 1100 a.C., contendo indicações de tratamento à base de fitoterápicos para 52 doenças [8,19]. Outras contribuições do uso dos produtos naturais foram relatadas por civilizações do Egito, China e Grécia datados de 500 a.C. [22,23].

As primeiras informações sobre a toxicidade das plantas foram relatadas por Dioscorides, na obra De Materia Medica (sobre as formas de curar), onde descrevia informações a respeito das dosagens sugeridas e os possíveis efeitos tóxicos de cerca de 600 espécies vegetais. Durante os séculos V a XI os conhecimentos das plantas medicinais foram mantidos na cultura europeia, através da tradução de várias obras de Galeno, Dioscorides e Hipócrates [20].

No Brasil, a história da utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influências marcantes das culturas indígenas, africanas e europeia. Os índios foram os pioneiros nessa abordagem no território brasileiro e detinham o conhecimento sobre as ações benéficas causadas pelo uso das plantas. Os seus conhecimentos são transmitidos de gerações, através dos pajés. Já os africanos trouxeram consigo plantas que eram utilizadas em rituais religiosos, e por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas. Os colonizadores europeus introduziram no Brasil as boticas, locais onde eram

comercializados os medicamentos trazidos da Europa. A união dessas três vertentes foi a base do conhecimento das plantas medicinais no Brasil [24-26].

No início do século XX com o desenvolvimento da síntese química ocorreu a introdução dos fármacos sintéticos fazendo com que a terapia com plantas medicinais passasse a ser negligenciada. A medicina tradicional passou a ser substituída pelos medicamentos industrializados [27]. Entretanto no final do século XX houve uma mudança no pensamento e hábito das pessoas com a retomada do uso das plantas medicinais no lugar dos medicamentos sintéticos. Favorecido pelo fato de os fármacos sintéticos apresentarem alto custo, diversas reações adversas, a cultura de que o natural é melhor e as ideias de desenvolvimento sustentável [28,29].

3.2 Plantas medicinais

As plantas tem sido uma fonte exemplar de medicamentos e tem atraído a atenção dos cientistas de todo o mundo devido as suas ações farmacológicas e seus efeitos colaterais mínimos. Inicialmente as plantas foram usadas na sua forma natural (chás, emplastros, infusões e outros) com o decorrer dos anos, precisamente no início do século XIX elas se tornaram fontes de matérias-primas para a síntese de fármacos e atualmente são peças-chave para o desenvolvimento de medicamentos [30].

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), planta medicinal é “todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas para fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos”. Na Declaração de Alma-Ata (1978) a OMS relata que cerca de 80% da população de países em desenvolvimento utilizam plantas medicinais para os cuidados básicos com a saúde [4].

As plantas medicinais têm contribuído significativamente para a atenção primária à saúde das pessoas em todo o mundo. Aumentos populacionais, uso inadequados de medicamentos, alto custo de tratamentos, efeitos colaterais de várias drogas sintéticas e desenvolvimento de resistência a doenças infecciosas levaram a o uso crescente de materiais vegetais como fonte de medicamentos para uma ampla variedade de doenças humanas. Devido a esses motivos, associado ao vasto conhecimento tradicional sobre o uso de plantas

medicinais e a facilidade da obtenção do material vegetal percebe-se um crescimento na utilização destas plantas em populações de países em desenvolvimento [31,32].

As plantas medicinais e seus derivados fazem parte dos recursos terapêuticos da Medicina Tradicional (MT) e/ou Medicina Complementar/Alternativa (MCA). Esses tipos de medicinas representam diferentes recursos que complementam ou substituem as terapias convencionais [1][33]. A estratégia da Organização Mundial da Saúde (OMS), 2014-2023, visa fortalecer o papel da medicina tradicional, enfatizando a importância de promover e incluir a utilização de plantas medicinais nos sistemas de saúde de seus países membros [2][34].

No Brasil apesar do uso das plantas medicinais ser uma prática antiga e seu conhecimento repassado ao longo dos anos, a introdução desse tipo de tratamento nos Cuidados Primários a Saúde é recente. O primeiro fitomedicamento totalmente pesquisado e desenvolvido no Brasil foi o Acheflan (2005) a partir da planta erva-baleeira ou maria-milagrosa (*Cordia verbenacea*) e possui afeito anti-inflamatório de uso tópico [35]. O que acarretou no aumentando de interesse dos pesquisadores e órgãos governamentais na área da fitoterapia. Um marco importante ocorreu em 22 de junho de 2006 com a promulgação do decreto presidencial nº 5.813 na qual, foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), objetivando a garantia da eficácia e segurança frente ao uso das plantas medicinais. No mesmo ano ocorreu implantação das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais para prevenir e curar doenças. Continuado pela publicação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em 2008. Já em 2010, por meio da portaria n° 886 foi criada e implementada no Sistema Único de Saúde (SUS), a primeira assistência farmacêutica baseada na utilização de plantas medicinais, o Programa Farmácia Viva, que tem como objetivo a produção de fitoterápicos acessíveis à população [36]. A implementação da fitoterapia no SUS representa o resgate de uma prática milenar, onde se integram o conhecimento científico, o conhecimento popular e tradicional e seus fundamentos sobre o adoecimento e as formas de tratá-los. O Ministerio da Saúde através da resolução, RDC nº 26/2014, define as categorias de medicamento fitoterápico e produto tradicional fitoterápico e estabelece os requisitos mínimos para o registro e renovação de registro de medicamento fitoterápico, e para o registro, renovação de registro e notificação de produto tradicional fitoterápico [37]. Publicado pela Anvisa o Memento Fitoterápico da

Farmacopeia Brasileira (MFFB) e aprovado pela RDC nº84/2016 tem como objetivo de orientar a prescrição de plantas medicinais e fitoterápicos [38]. Essas resoluções são importante para estabelecer regras que garantam a segurança no uso de produtos fitoterápicos, principalmente pela notoriedade que as plantas medicinais vem ganhando no cuidado com a saúde no Brasil.

As ações terapêuticas realizada pelas plantas medicinais devem-se aos compostos que apresentam ampla diversidade em termos de estruturas, propriedades físico-químicas e biológicas [39]. Esses compostos são encontrados em diferentes partes da planta (raízes, caules, folhas, frutos, flores e semente), sendo eles responsáveis pelas respostas fisiológicas em organismos vivos [40].

Dentre os compostos produzidos pelas plantas os metabólitos secundários são os mais utilizados na síntese de novos fármacos, visto que estes metabólitos, geralmente apresentam estruturas complexas, exercendo funções fisiológicas importantes para a adaptação das plantas ao meio ambiente em que estão inseridas contribuindo com a interação em diferentes ecossistemas [41]. Essas substâncias são encontradas em concentrações relativamente baixas em determinados grupos de plantas, conferindo-lhes a resistência necessária para sobrevivência contra a ação de patógenos (bactérias, fungos e vírus), predadores ou mesmo outras plantas (atividade antigerminativa ou tóxicas) [42].

Os metabólitos secundários de plantas são classificados em três grandes grupos de acordo com sua rota biossintética: compostos fenólicos, alcaloides e terpênicos. Estas moléculas são utilizadas pela indústria farmacêutica para a produção de medicamentos, cosméticos ou nutracêuticos [41, 33-45].

Alguns desses compostos conferem aos extratos vegetais e suas frações propriedades que possibilita o seu uso com fins medicinais. Várias espécies vegetais já possuem suas propriedades descritas, dentre as quais se destacam: *Achillea millefolium* - Antitérmica, analgésica, expectorante, antidiarréica, anti-hipertensiva, antiinflamatória, hemostática e cicatrizante [46,47], *Achyrocline satureioides* - antiespasmódica, carminativa, sedativa [48,49], *Valeriana officinalis* - Sedativa, hipotensora, anticonvulsivante, antiespasmódica [50], *Passiflora incarnata* - Sedativa, ansiolítica, hipnótica suave, miorrelaxante e espasmolítica, estabilizadora do sistema nervosos central [51,52], *Trifollium pratensis* - estrogênica, antioxidante, utilizada na Síndrome Climatérica para controle dos fogachos e sudorese [53], *Vernonia polyanthes* - expectorante empregada nas tosses, gripes, bronquites e pneumonias

[54,55], *Tabebuia avellanedae* - Lapachol possui atividade antiinflamatória, antimalárica, antibacteriana, antifúngica, antiparasitária e imunomoduladora [50], *Sesamum indicum* - Indicado para tonteiras, visão turva, acúfenos e constipação intestinal [56], *Scutellaria baicalensis* - Antibacteriana, antitérmica, detoxicante, antinflamatória, antitumoral, anti-HIV-1, antioxidante, diurética, hipotensora, antialérgica. Indicada em infecções das vias aéreas superiores, como amigdalites e laringo-faringites, escarlatina, hepatites virais, nefrites e anexites [57,58], *Salvia officinalis* - Carminativa, antisudorífica, antioxidante, hipoglicemiante, estrogênica, antibacteriana, anticolinesterásica, ativadora da memória [59,60]. Entretanto apenas 20% das espécies vegetais tiveram suas ações farmacológicas descritas cientificamente. Essa medicina natural desperta o interesse dos pesquisadores, que buscam descobrir e/ou obter novas drogas contribuindo para o aumento do arsenal de ações farmacológicas atribuídas as plantas medicinais. Muitas dessas pesquisas partem das observações populares sobre o uso e eficácia das plantas medicinais em populações tradicionais. Dentre as ações farmacológicas a antimicrobiana vem ganhando destaque no meio cientifico, pelo fato da falta de eficácia dos agentes antimicrobianos para patologias diversas associada a resistência microbiana, despertam a atenção na busca de drogas mais efetivas. A resistência bacteriana vem sendo considerada como um crescente problema de saúde pública mundial, uma vez que devido a seleção de microrganismos patogênicos resistentes houve uma redução do número de antibióticos válidos disponíveis [61,62]. Com isso o uso de antimicrobianos de origem natural torna-se uma alternativa eficaz e econômica.

3.3 Erythrina

O gênero *Erythrina* pertence à família botânica *Fabaceae* com cerca de 130 espécies de regiões tropicais e subtropicais do mundo. É amplamente distribuído no sul e sudeste do Brasil, norte da Argentina e Paraguai, sul da Bolívia e Peru [63]. São árvores de porte médio com flores grandes vermelhas ou alaranjadas, nas quais deriva o nome *Erythrina*, já que *erythros* (grego) significa vermelho, em alusão à cor das flores de diversas espécies deste gênero. Ocorrem numa ampla variedade de habitats, desde matas tropicais até bosques de altitude. No Brasil são encontradas cerca de onze (11) espécies de *Erythrina*, no território: *E. verna, E. falcata, E. domuinguezii, E. amazônica, E. velutina, E. crista-galli, E. fucas, E. poeppigiana, E. speciosa, E. similis, E. ulei* [64].

Sabe-se que essas espécies produzem alcaloides [65-69], terpenos [70] e flavonoides [67,68,70-75] e suas cascas e folhas de caule são comumente usadas para fazer chás (infusão ou decocção) que se acredita que exibem propriedades tranquilizantes e anti- ansiedade

[76,77]. Com base em seu uso comum na medicina popular, a maioria das pesquisas sobre o gênero envolveu o isolamento e a caracterização de seus constituintes alcaloides. Desde a primeira pesquisa fitoquímica do alcaloide de *Erythrina* na década de 1930 [78], o número total desse composto só aumentou, sendo hoje relatados aproximadamente 110 alcaloides em plantas do gênero *Erythrina* [79]. A triagem de bioensaio desses alcaloides mostrou atividade ansiolítica [80], sono induzido [81], atividade anticonvulsivante [82], antagonismo dos receptores nicotínicos neuronais da acetilcolina [83], leishmanicida e anticatarato [84].

Outra classe de substância fitoquímica estudada no gênero *Erythrina* são os flavonoides. Estudos relatam que esses compostos podem modular as vias de sinalização de proteínas e lipídio [85-89]. Além disso, os polifenóis têm sido associados a um risco reduzido de desenvolvimento de demência [90].

3.4 Erythrina verna

Erythrina verna Vell. é uma árvore com aproximadamente 20 metros de altura, com espinhos ao longo dos troncos, perde todas as folhas na época da floração, produz pequenos frutos do tipo vagem, contendo entre uma e três sementes. Ocorre naturalmente no Cerrado, Amazônia e Mata Atlântica, preferencialmente nas encostas e matas abertas. É conhecida popularmente como mulungu, flor-de-coral, suina-suínã, corticeira, canivete, amansa-senhor, capa-homem, tiririceiro, árvore de coral entre outros. A espécie *Erythrina verna* Vell. é uma das mais utilizada para fins medicinais, tendo as seguintes ações farmacológicas descritas: antidepressiva, sedativa, calmante, ansiolítica, antibacteriana, e anti-inflamatória [14-16]. É também utilizada popularmente contra ansiedade, estresse, febre, bronquite, dor no estômagoe e asma [16, 91,92].

Alguns medicamentos em associação com *Erythrina verna* são descritos na literatura como comprimidos contendo *E. verna*, *Crataegus oxyacantha* L. e *Passiflora alata*. Também são encontradas cápsulas ou soluções contendo extrato seco de *E. verna*, *Passiflora alata*, *Adonis vernalis* e *Leptolobium elegans*. Esses medicamentos são usados no tratamento de ansiedade e como calmante [92-94].

As ações farmacológicas da *E. verna* são provenientes dos compostos químicos presente nas diversas partes vegetais desta espécie. Ela é rica em alcaloides (erisotrina, eritratidina, eritratidinona, 11-hidroxieritratidinona e epieritratidinona, mas também apresenta tripterpenos (lupeol e eritrodiol), flavonoides (faseolina e homohesperidina), fenóis (faseolidina) e fitoesteróides (betasistosterol e estigmasteroel) [94-96].

Em estudo realizado por De Lima e colaboradores (2006) foram descritos os metabolitos flavanonas, flavanoides, flavanois e xantonas encontrados no extrato etanólico das cascas [97]. Já Proença e colaboradores (2012) relataram a presença de alcaloides, flavonoides, taninos, triterpenos e esteroides após análise por cromatografia em camada delgada das cascas de *E. verna* [98]. De Bona e colaboradores (2012) relatam açúcares redutores, fenóis, taninos, flavonoides, alcaloides, derivados de cumarina, esteróides e triterpenóides, saponina e depsídeos e depsidonas em extrato hidroalcoólico das folhas [99].

A *Erythrina verna* mais especificamente as suas cascas estão inseridas na primeira edição da Farmacopeia Brasileira. Também está incluída no Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, uma lista contendo as plantas medicinais com potencial para gerar produtos de interesse ao SUS (Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse aos SUS-RENISUS), publicado pelo Ministério da Saúde [100,101].

Entretanto é importante destacar que são escassas as informações bibliográficas sobre a espécie *E. verna*, restringindo à investigação da atividade farmacológica e caracterização de alcaloides.

3.5 Estreptococos do grupo mutans

Dentre as ações farmacológicas atribuídas a espécie *Erythrina verna* a atividade antimicrobiana é um importante fator estudado no meio cientifico, apoiado por relatos de populações tradicionais sobre seu uso em infecções na cavidade bucal. Dentre os microrganismos presentes na cavidade oral os estreptococos do grupo mutans ganham destaque, uma vez que estão relacionados aos casos de infecções periodontais e periapicais [102].

Entre as patologias infecciosas mais comum na cavidade oral a cárie é a que apresenta maior evidência, por se tratar de uma doença multifatorial, transmissível e dieta dependente, caracterizada pela desmineralização localizada do tecido dentário (esmalte, dentina e cemento). Apesar dos avanços na redução de incidência, continua sendo um processo com elevado índice de prevalência em seres humanos [103,104]. O processo de formação de cárie dentária tem sido intensivamente estudado [105], sendo caracterizado pela interação de três fatores primordiais: hospedeiro, dieta e microbiota, onde bactérias acidogênicas e acidúricas,

destacando os estreptococos do grupo mutans, particularmente, *Streptococcus mutans*, interagem com outros microrganismos no biofilme sobre a superfície do dente ocasionando a erosão ou à desmineralização do tecido dentário mais externo através de ácidos, em especial o lático, produzido na fermentação de carboidratos realizada pelos microrganismos que constitui o biofilme dentário [106].

Os estreptococos do grupo mutans (EGM), são bactérias gram, que foram descobertos no início do século XX, e descritos como "mutantes" por sua morfologia celular ser mais achatada do que outros estreptococos [107]. Essa bactéria é capaz de sintetizar polissacarídeos extracelulares insolúveis, por meio de enzimas glucosiltransferase (GTFs) o que promove o acúmulo e permanência do microrganismo no dente, possui alta capacidade de metabolizar diversos carboidratos presentes na dieta produzindo ácidos orgânicos que desmineralizam o esmalte do dente, o que lhe confere caráter acidogênico e a habilidade de sobreviver em meio ácido (aciduricidade) [108,109]. Além da acidogenicidade e da aciduricidade, a capacidade de sintetizar glucanos, na presença de sacarose, representa importante fator de virulência associado ao EGM [105,110].

A enzima glucosiltransferase (GTF) secretada pelo EGM hidrolisa a sacarose em glicose e frutose e polimeriza as moléculas de glicose liberadas, formando polissacarídeos extracelulares (PEC) denominados glucanos. Diversos tipos de glucanos são produzidos, os quais variam na solubilidade em água, onde GTF B, responsável pela produção de glucanos insolúveis em água; GTF C, responsável pela produção de glucanos solúveis e insolúveis; e GTF D, responsável, exclusivamente, pela produção de glucanos solúveis e também na proporção das ligações entre as moléculas de glicose, as quais podem ser do tipo α-(1-3) ou do tipo α-(1-6). Os glucanos insolúveis em água são aqueles onde prevalecem as ligações do tipo α-(1-3), e são os mais importantes na formação de uma matriz extracelular "pegajosa" insolúvel, essencial para o acúmulo de *S. mutans* no biofilme dentário dental [101,102].

3.6 Cárie

A cárie dentária é uma doença multifatorial, transmissível e dieta dependente, caracterizada pela desmineralização localizada do tecido dentário (esmalte, dentina e cemento). Apesar dos avanços na redução de incidência, continua sendo um processo com elevado índice de prevalência em seres humanos [113,114]. O processo de formação de cárie dentária tem sido intensivamente estudado [115,116], sendo caracterizado pela interação de três fatores

primordiais: hospedeiro, dieta e microbiota, onde bactérias acidogênicas e acidúricas que interagem com outros micro-organismos no biofilme sobre a superfície do dente ocasionam a erosão ou à desmineralização do tecido dentário mais externo através de ácidos, em especial o lático, produzido na fermentação de carboidratos realizada pelos micro-organismos que constitui o biofilme dentário [117, 121].

Com relação à suscetibilidade à cárie, o indivíduo pode apresentar fatores extrínsecos relacionados e estrutura sociocultural e fatores intrínsecos como fluxo, composição e capacidade tampão da saliva, aspectos hereditários e imunológicos difíceis de serem controlados, já os dentes possuem graus de mineralização do esmalte com maior ou menor resistência aos ácidos. No entanto não existe dente suficientemente resistente ao processo cariogênico. Sendo o fator suscetibilidade de grande importância para as estratégias de prevenção [122].

A cárie, apesar de apresentar significante declínio em algumas populações, continua sendo um importante problema de saúde pública. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a cárie é considerada uma das doenças mais comum no mundo e afeta quase 100% dos adultos, 80% dos adolescentes e cerca de 60% a 90% das crianças em idade escolar, o que representa um alto custo em despesas públicas em países desenvolvidos (em torno de 5% a 10% da despesa total com saúde), já os países em desenvolvimento esse valor excede a capacidade financeira desses países e muitas das pessoas acometidas por essa doença não são assistidas [123].

Os principais grupos de bactérias que produzem ácido lático são *Streptococcus* do grupo *mutans* e *Lactobacillus*. Esses grupos de bactérias, atuando em conjunto ou isoladamente, são os principais causadores da cárie dentária [124,125]. Os microrganismos que ganham mais destaque no processo cariogênico são os *Streptococcus* do grupo *mutans*, que são cerca de 60% dos microrganismos que compõem o biofilme dentário [126].

O controle desses microrganismos na prevenção da cárie dentária se dá principalmente pelos métodos de remoção mecânica e controle químico. Outro fator que contribui para diminuição do índice de carie é a mudanças de hábitos como a redução da frequência do consumo de açúcares que contribui para um equilíbrio ecológico do biofilme [127]. Com relação as substâncias químicas empregadas nesse controle destacam-se os antibióticos, antissépticos, enzimas e fluoretos. A clorexidina é o antisséptico mais utilizado para prevenir o acúmulo de biofilme, sendo também utilizado como referência em estudos testes de eficiência de agente antimicrobiano. Apesar de baixa toxicidade dessa substancia, já existem relatos de feitos colaterais, dos quais podemos citar: pigmentação extrínseca dos dentes, gosto metálico na boca, descamação de mucosa, náuseas e vômitos, sensibilidade oral, além de reações alérgicas [128].

A busca por novos processos e/ou substâncias químicas que ajude no controle do processo cariogênico se faz cada vez mais necessário, principalmente em comunidades que não tem acesso aos tratamentos odontológicos convencionais. Nesse cenário as plantas medicinais é uma importante alternativa, visto que já são relatados na literatura o uso de 132 espécies de plantas na odontologia, com destaque para a romã (*Punica granatum*) [129]. Dentre as espécies utilizada na medicina tradicional a *Erythrina verna* pode ser considerada uma alternativa para reduzir doenças como a cárie devido relatos do uso em comunidades tradicionais no tratamento de infecções orais e pela ação antimicrobiana da espécie.

3.7 Segurança no uso de plantas medicinais

As plantas medicinais contêm substâncias bioativas que podem ser benéficas ou nocivas à saúde humana, dependendo da dose empregada [130]. As pessoas creem erroneamente que produtos naturais são "ausentes de produtos químicos ou tóxicos" que seu uso não trará danos ou perigos à sua saúde, ignorando possíveis efeitos secundários e tóxicos de espécies utilizadas habitualmente [131]. A busca por extratos ou plantas com novas ações farmacológicas deve seguir critérios para assegurar a eficácia e diminuir os efeitos adversos causados pelo uso desses produtos naturais.

Dentre as formas de uso das plantas como fonte terapêutica incluem-se os chás, os extratos brutos ou suas frações padronizadas em preparações farmacêuticas e os compostos isolados, usados diretamente como drogas ou precursores em processos de síntese. Independente do uso considerado, fatores como qualidade, segurança e eficácia são requisitos indispensáveis [132,133].

Estudos são extremamente importantes, pois o uso de produtos derivados de plantas pode levar a diversos agravos à saúde, como reações alérgicas, reações tóxicas, efeitos adversos e efeitos mutagênicos [134], já que muitas plantas que possuem poder curativo podem apresentar substâncias tóxicas ou composição química variável [135,136]. Para avaliar as condições de uso, faz-se necessário o estudo das plantas comprovando os efeitos terapêuticos, administrando diferentes doses e também direcionando as pesquisas com o intuito de promover o uso com segurança. Para tanto não basta comprovar apenas o efeito terapêutico, é necessário comprovar a inocuidade avaliando os riscos e usos através de

estudos de toxicidade, levando em consideração o perfil bioquímico, hematológico e patológico do animal em teste. Existem inúmeros estudos científicos que comprovam que algumas plantas são tóxicas e mesmo assim são empregadas pela população, em algumas situações, sem restrições [137].

No desenvolvimento de fitoterápicos são necessários alguns dados sobre identificação botânica, autenticidade, pureza, integridade, análise das substâncias ativas, forma de exploração dos recursos naturais, controle em processo e métodos utilizados, testes de estabilidade, farmacologia e toxicologia pré-clínica e clínica, entre outros requisitos [138].

Do ponto de vista toxicológico, é preciso considerar que uma planta medicinal ou um possível fitoterápico, possa apresentar não somente efeitos imediatos, o que é facilmente correlacionado após a ingestão, mas também efeitos não proeminentes após determinado período acarretando hepatotoxicidade e nefrotoxicidade [139,142]. A legislação brasileira (Resolução 196/96 - CNS) regulamenta as pesquisas pré-clínicas e clínicas para registro de medicamentos, para a utilização de determinada planta medicinal como medicamento, tendo visto a comprovação científica das análises farmacológicas e toxicológicas [143].

Estudos toxicológicos referente a espécie *Erythrina verna* são escassos na literatura. Existem relatos de que as sementes de *E. verna* apresentam certa toxicidade, podendo levar à problemas desde que existam outros fatores de risco associados, tais como o uso concomitante de outros medicamentos [65]. Por esse motivo também é importante verificar a composição química e os feitos tóxicos das demais partes vegetais da espécie em questão.

4. PRODUTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS GERADOS

Produto 1: Antimicrobial and Synergistic Activity of *Erythrina verna* Extract Against Isolates of Prominent Dental Cavity Bacteria of the mutans group streptococci

Artigo formatado segundo as normas para publicação do periódico Brazilian Journal Microbiology.

ABSTRACT

Erythrina verna Vell. (EV) popularly known as 'mulungu' is used in Brazilian folk medicine as a tranquilizer and also in the treatment of infections. This work aimed to evaluate the antimicrobial and synergistic activity of the EV extract and its chemical constituents against the mutans group streptococci (MGS) isolates. The phytochemical profile of *E. verna* extract (EVE) was determined by gas chromatography coupled with mass spectrometry, and the Minimum Inhibitory Concentration (MIC) and Minimum Bactericidal Concentration (MBC) of the butanoic extract of the EV bark and chemical constituents were identified against MGS isolates. Furthermore, we analyzed the synergistic effect of the active compounds in the extract. The EVE showed secondary metabolites and substances with antimicrobial activity, benzoic acid and azelaic acid. Of the three compounds isolated from EVE, stearic acid showed the highest bactericidal activity against the microorganisms tested. However, comparing the bactericidal activity of the crude extract and the chemical constituent isolated, the EVE showed more effective antibacterial activity, while those from the oral cavity (C17VA, C12VA and C04PD) showed greater resistance to the extract and stearic acid than the standard. strains did (ATCC 25175 and ATCC 27392). EVE demonstrated a synergistic effect when associated with chlorhexidine, with a reduction of about 98% bacterial population in all tested microorganisms. *E. verna* bark extract can be an alternative in the treatment of diseases caused by MGS, especially if associated with chlorhexidine.

Keywords: *Erythrina verna* Vell., mutans group streptococci, antimicrobial activity, medicinal plant, synergism.

INTRODUCTION

The mutans of group streptococci (MGS) comprises gram-positive bacteria (GPB) that colonize the surface of teeth, participating in the formation of the oral biofilm [1]. The *Streptococcus mutans* species is the most prominent for being an important etiological agent of dental cavities. Dental cavity is a highly prevalent and costly disease, with higher prevalence in children in early childhood and low socioeconomic status [2,3].

Biofilm formation occurs through an orderly and dynamic process where there is a need for the fixation and proliferation of bacteria on the surfaces of the teeth (reversible and irreversible bacterial adhesion), maturation

and dispersion [4]. The most used control is the mechanical method, mainly through brushing, but thismethod has some limitations and for this reason it is associated with chemical methods for the disruption of this cariogenic biofilm [5-6]. Although the association with a chemical method is often effective, the development of resistance by microorganisms to antimicrobials and usual synthetic compounds has led researchers from different areas to seek alternatives in natural products used in traditional medicine to combat the most diverse varieties of oral pathologies [7-10]. Plants are important sources of natural therapeutic products, many of which constitute a model for the synthesis of many drugs. Studies report that plant extracts and phytochemical compounds have been used more frequently for medicinal purposes [11-16].

The genus *Erythrina* belongs to the Fabaceae family and is distributed across tropical and subtropical regions of the northern and southern hemispheres. The generic name *Erythrina* comes from the Greek "*erythros*" which means red, due to the color of the flowers of the species in the genus. Among the 110 species of the genus, 70 are native to America. In Brazil, 11 species of this genus have been cataloged [17]. The species *Erythrina verna* (EV) is frequently used in Brazilian folk medicine as an anxiolytic, antidepressant, and in the treatment of insomnia. The use of *Erythrina verna* bark in the treatment of oral infections is a cultural knowledge passed on for several generations in some communities in Minas Gerais, however there are no reports of this practice in the literature and neither are there any scientific studies that prove this pharmacological action.

Popular observations on the use and efficacy of medicinal plants contribute significantly to the dissemination of their pharmacological actions. This natural medicine arouses the interest of researchers, who seek to discover and/or obtain new drugs, either in their entire form or isolated compounds. The therapeutic potential of medicinal plants is justified by the presence of bioactive components that have many proven biological activities [18,19] Among the bioactive components of plants, secondary metabolites stand out, which are crucial substances in adapting to environmental conditions and protecting plant species. Furthermore, these compounds serve as attractants for pollinators and act as agents of competition between plants and of symbiosis between plants and microorganisms [20,21]. The pharmacological potential and popular reports encourage research with *E. verna*, since the investigation of the chemical constitution of the species is essential for the association between its bioactive compounds and respective pharmacological properties.

MATERIAL AND METHOD

Botanical material

The bark of *E. verna* was collected in the Vale do Arapuim community, municipality of Varzelândia, Minas Gerais, Brazil (15.76107°S and 043.85611°W The harvest was under registration A701FE6 on SisGen (National System for the Management of Genetic Heritage and Associated Traditional Knowledge. The species was identified by Dr. Santos D'Angelo Neto, and the voucher specimen was deposited and registered in the herbarium of the State University of Montes Claros under the registration 5802. The validation of the species name was done through www.theplantlist.org.

Extract preparation

For the preparation of the extract, the collected EV inner bark underwent an asepsis process, followed by drying in an oven with forced air circulation at 50 °C, crushing and spraying in an industrial blender and knife mill with subsequent sieving until dusting [22]. Cold extraction was carried out using butanol as an extractor. For this procedure, 50g of powdered plant material were weighed in an amber flask, to which 500 ml of the extractor were added. The flask was kept at room temperature (27°C) for five days, with daily homogenizations. We performed rough filtration using gauze to retain the larger fragments and, subsequently, vacuum filtration to separate the smaller particles. Soxhlet extractions were performed using the solvents dichloromethane and ethyl acetate, distinctly, in the same mass-volume ratio applied for the butanoic extract (10% m/v). The extracts were dried in a forced circulation oven (model FANEM, 502) at 60 °C.

Phytochemical characterization

Preliminary phytochemical analysis of the butanoic extract from the EV bark was conducted according to the methodology described by Matos [23]. The extract was analyzed through chemical reactions of coloration and/or precipitation considering the main classes of secondary metabolites: tannins, flavonoids, steroids and triterpenoids, saponins, alkaloids, coumarin, phenolic compounds, and reducing sugars.

CG-MS Analyses

The characterization of the compounds was carried out by gas chromatography coupled to a mass spectrometer (GC-MS). Chromatographic analyses were performed using a gas chromatograph (Agilent Technologies, GC 7890A), gas chromatography-mass spectrometry (GC-MS) and DB-5 capillary column (Agilent Technologies, 30 m long x 0.25 mm internal diameter x 0.25 µm film thickness). Helium (99.9999% purity) was used as the carrier gas at a rate of 1.0 $mL.min^{-1}$. Sample preparation and analysis followed the manufacturer's instructions. The procedure was performed in triplicate. Identification of the components of each extract was performed using the mass spectra database (NIST 2.0) and scientific literature.

Antimicrobial Activity and Bacterial Strains

S. mutans ATCC 25175 and *S. sobrinus* ATCC 27392 from international reference collections of the American Type Culture Collection (ATCC) were used in this study. We also used strains (C12VA, C17VA, and C04PD) belonging to the Laboratory of Epidemiology and Biocontrol of Microorganisms and previously isolated from biofilms from the oral cavity of school-age children. These isolates belong to a study carried out previously by our research group, in which isolates of streptococci from the mutans group were selected based on the biofilm production capacity (virulence factor), where the C12VA isolate has a high, average C04PD and o C17VA low biofilm production capacity []. The microorganisms were cultivated in brain heart infusion agar (BHI – Oxoid England) at 37 ºC for 24 h. The suspension of each strain was prepared in sterile saline solution (NaCl at 0.85% m/v) and calibrated using a spectrophotometer as recommended by the Clinical and Laboratory Standards Institute (CLSI) [24].

Determination of minimum inhibitory concentration (MIC) and minimum bactericidal concentration (MBC)

MIC of the butanoic extract of *Erythrina verna* and active compounds of EV was measured using the adapted macrodilution method [24]. The extract and chemical constituents were analytically weighed and then solubilized in dimethylsulfoxide (DMSO). Each of the aforementioned bacterial strains was subjected to an antibiogram containing six concentrations (3000, 1500, 750, 375, 187.5, and 93.75 μgmL^{-1}) of the dry extract-DMSO solutions. Chlorhexidine (CLX - 0.12% v/v) was used as a reference control substance in addition to the treatments: Controls of sterility of the culture broth, controls of each active compound in the extract, and controls of the viability of the inoculum used. Each treatment was performed in triplicate. Test tubes were incubated at 37°C for 24 hours. 10 µL aliquots were removed from each tube and spread onto Petri dishes with BHI agar for subsequent direct colony counting. MBC was defined as the lowest concentration of the extract component capable of causing the death of 99.9% of bacterial cells, in relation to the count obtained in the control treatment of inoculum viability. The plates were incubated at 37 °C for 24h, followed by an assessment of the number of colonies in each replicate [25]. The absence of bacterial growth after 24h of incubation determined the MBC.

Synergistic Activity

Different combinations of EVE and chlorhexidine were tested the two against the standard strains *S. mutans* (ATCC 25175) and *S. sobrinus* (ATCC 27392) using the adapted checkerboard method [26]. The tests were performed in triplicate. The concentrations of the agents used started with the 8 times the MBC value of the extract (375 $\mu g.mL^{-1}$) and chlorhexidine (2,0 $\mu g.mL^{-1}$) were serially diluted in steps of six times, referring to 1X, (1/2)X, (1/4)X, (1/8)X, (1/16)X and (1/32)X. The 96-well plate microdilution method was used, following the standard guidelines [24]. Each bacterial strain was inoculated into BHI broth at 37 °C until reaching standard turbidity on a 0.5 McFarland scale. Then 50 µL of one substance and 50 µL of the other substance were added to the well together with 100 µL of the inoculated broth. The interpretation of the synergistic effect of each tested substance was determined by calculating the Inhibitory Fraction Index (IFI) using the following formula:

$$IFI\ of\ substance\ (A) = \frac{Combined\ MBC}{MBC\ of\ substance\ A\ alone}$$

$$IFI\ of\ substance\ (B) = \frac{Combined\ MBC}{MBC\ of\ substance\ B\ alone}$$

$$\Sigma\, IFI = IFI\ (A) + IFI\ (B)$$

The results of combinations of antimicrobial agents were classified according to the criteria proposed by Lee, Jang and Cha as synergism (IFI ≤ 0.5), indifference (IFI > 0.5< 4), and antagonism (IFI ≥ 4) [27].

Data analysis

Statistical analysis was performed in GraphPad Prism software (version 7.0, San Diego, California, USA), with 95% ($p<0.05$) confidence. Data were given as mean ± standard error (SE). Normality was checked by the Shapiro Wilk test. Statistical significance of values for the different groups was estimated by two-way ANOVA (number of bacterial cells) and t-test (synergism), followed by post-test Bonferroni control multiple comparisons.

RESULTS

The phytochemical analysis of EVE detected classes of flavonoids, tannins, phenolic compounds, triterpenes, steroids, and reducing sugars (Suppl. 1). Saponins and coumarins were not detected by the phytochemical analysis of EVE. Moreover, the extracts with the ethyl acetate and dichloromethane solvent, and butanoic extract had 13, 19, and 17 compounds identified by GC-MS analysis out of the 32, 47 and 55 components present in the samples, respectively (Suppl.2). Several fatty acids were detected, among which palmitic acid (hexadecanoic acid), stearic acid (octadecanoic acid), and linoleic acid (9Z, 12Z)-octadeca-9,12-dienoic acid) were the only ones common in the three extracts.

The butanoic extract of *E. verna* was used for antimicrobial activity assessment because it has greater bactericidal potential against MGS isolates than do the extracts with the solvents ethyl acetate and dichloromethane, a result previously observed in a work by our group research (unpublished data). Palmitic acid, linoleic acid, and stearic acid, which were present in the three extracts, were also used in the antimicrobial activity assessment (Table 1).

The identical substances found in the chromatographic analysis, in the different types of extracts, were tested for their inhibitory (MIC) and bactericidal (MBC) capacity. As to MIC and MBC evaluations, we observed that palmitic acid inhibited exclusively the isolate C17VA at concentrations equal to 375 μgmL^{-1}. Linoleic acid did not present bactericidal properties against the tested microorganisms. Interestingly, stearic acid inhibited growth of all tested isolates, with a MIC value of 375 μgmL^{-1} for *Streptococcus mutans*, *Streptococcus sobrinus*, C17VA, and C12VA, and 1500 μgmL^{-1} for C04PD. MBC value for *Streptococcus mutans*, *Streptococcus sobrinus*, C17VA and C12VA was of 750 μgmL^{-1} and for CO4PD was of 3000 μgmL^{-1}. The butanoic extract also inhibited all tested isolates, with a MIC of 187.5 $\mu gmL^{-1}$for *Streptococcus mutans* and *Streptococcus sobrinus*; 375 μgmL^{-1} for C12VA, C17VA and C04PD. MBC for *Streptococcus mutans* and *Streptococcus sobrinus* was of 375μgmL^{-1} and 750 $\mu g\ mL^{-1}$for C17VA, C12VA, and C04PD (Table 1).

The synergistic effect was evaluated by the checkerboard method, where the MIC and MBC of EVE and CLX were analyzed separately and also the combination of EVE+ CLX against MGS isolates. From the assay it was observed that for the tested isolates there was a synergistic action between EVE and CLX (EVE+CLX). For *S. mutans*, C12VA and C04PD showed an IFI of 0.375, while for *S. sobrinus* and C17VA an IFI of 0.25 (Table 2). The minimum bactericidal concentration of EVE for *S. mutans*, C12VA and C04PD was 375 $\mu g\ mL^{-1}$ when combined with CLX, MBC reduced to 93.75 $\mu g\ mL^{-1}$ (4 times lower), whereas for the isolates *S. sobrinus* and

C17VA this reduction is 8 times, going from 375 µg mL^{-1} to 46.875 µg mL^{-1} of MBC. Regarding chlorhexidine for all isolates, the combination of EVE+ CLX reduced MBC from 2.0 µg mL^{-1} to 0.25 µg mL^{-1}. The count of EVE+CLX colony forming units ($2,92x10^2$) had a reduction of more than 98% of CFUs compared to the control ($1,28x10^8$) (Figure 1)

DISCUSSION

Secondary metabolites are agents of interaction between plants and other organisms, and these compounds are generally responsible for the pharmacological action of medicinal plants. Phytochemical screening is important as it enables the identification of phytochemical constituents and indicates the relevant secondary metabolite groups in a plant species. Phytochemical prospection of EVE demonstrated the presence of flavonoids, tannins, phenolic compounds, triterpenes, steroids, and reducing sugars. These results corroborate those reported by Proença et al. who observed the presence of flavonoids, tannins, triterpenes, and steroids through thin-layer chromatography analysis of *E. verna* barks [28]. De Lima et al. reported the presence of flavonoids in the ethanol extract of *E. verna* barks [29]. Coumarins and saponins, which are substances present in this species, were not detected, but this is justified by the fact that they are found in other parts of the plant [16]. The constituents identified in the phytochemical analysis corroborate the pharmacological properties of this plant species, however, the detailed identification of compounds performed by GC-MS contributes with additional information about pharmacological roles of this species.

A total of 49 compounds was identified by GC-MS, of which only four compounds found in significant amounts were present in all extracts, namely: palmitic acid, stearic acid, linoleic acid, and glycerol. He et al. observed the presence of many fatty acids, including palmitic, stearic, linoleic, cerotic, myristic, margaric, and pentadecanoic acid, which represent important substances in the development and maintenance of plants [30]. Among the other substances identified in *Erythrina verna* extracts, benzoic and azelaic acid have antimicrobial activity [31,32]. The flavonoid trithydroxyflavonone was also identified, which belongs to a group of compounds with pharmacological actions already well described in the literature as anti-inflammatory, antioxidant, anti-allergic, hepatoprotective, antidiabetogenic, antithrombotic, antiviral, among others [33,34]. Despite alkaloids being the main substances reported in the literature in various parts of *Erithryna verna,* using the phytochemical methods of Mayer, Dranderndorff and Bouchardart, we did not detected alkaloids [16,35,36]. This was confirmed by chromatography. Some factors associated with such discrepancy may be associated with variations such as type of solvent (polarity difference between organic solvents), methodology used in the extraction process, inherent plant physiology, environmental conditions including climate, nutrition, geography, season and time of collection, soil conditions (pH and nutrients), interactions between plant/plant, plant/insects and plant/microorganisms [37-40].

The need to overcome defenses acquired by MGS against traditionally used drugs drives the search for new extracts and/or active substances. The present work is a pioneer in testing the antimicrobial action of EV against MGS isolates. The genus *Erythrina* represents a group of plants that have in its composition bioactive

compounds with antimicrobial activity [41,42]. In this study, we observed that both the plant extract and its acid constituent showed bactericidal and bacteriostatic action with different degrees of activity (MIC and MBC) against MSG bacteria. There is still no consensus among authors on the parameters of antibacterial activity for extracts and pure compounds. According to Kuete and Efferth, where antibacterial activity parameters are provided for extracts as: significant (MIC < 100 µg mL^{-1}), moderate (100 < MIC ≤ 625 µg mL^{-1}) or weak (MIC > 625 µg mL^{-1}) [43]. As for Tamokou and collaborators, it is estimated that they are very active if MIC values < 100 µg mL^{-1}, significantly active if 100 ≤ MIC ≤ 512 µg mL^{-1}, moderately active if 512 < MIC ≤ 2048 µg mL^{-1} and little active if MIC > 2048 µg mL^{-1} [44]. As for Aligiannis and collaborators, the extract is considered a strong inhibitor MIC ≤ 500 µg mL^{-1}, moderate inhibitor ≥500 µg mL^{-1}MIC ≤1500 µg $mL^{-1}$and weak inhibitor: MIC ≤1500 µg mL^{-1} [45]. Considering the Tamokou line, the butanolic extract of *E. verna* is considered to be significantly active, since it has an MIC equal to 187.5 µg mL^{-1} compared to *S. mutans* and *S. sobrinus*. And moderately active for the other strains (C17VA, C04PD and C12VA). With regard to stearic and palmitic acids, because they are pure substances, they are considered low or insignificant, since they have an MIC equal to 375 µg mL^{-1}, following criteria adopted by Kuete and Efferth for pure substances (or isolated): significant (MIC < 10 µg mL^{-1}), moderate (10 < MIC ≤ 100 µg mL^{-1}) and low or insignificant (MIC > 100 µg mL^{-1}) [43]. However, despite not falling within the parameters established above, stearic acid showed bactericidal and bacteriostatic action in all tested isolates and may present antimicrobial action when associated with other substances of the *E. verna* extract. Another factor observed was that the isolates from the oral cavity (C12VA, C17VA, and C04PD) were more resistant than were the standard strains (ATCC 25175 and ATCC 27 392) when subjected to the action of EVE and stearic acid. This phenomenon can be explained by the fact that, in order to multiply and/or colonize an ecological site, all cellular organisms produce some type of inhibitory substance as part of their self-defense mechanism. The oral cavity is an environment where complex interactions occur between microorganisms with intense competition between them; therefore, the production of compounds, such as lytic enzymes, organic acids, toxins, and peptides (bacteriocins), allow these organisms to compete or defend themselves against other living beings to guarantee their survival, factors that may explain the greater resistance of the C12VA, C17VA, and C04PD isolates to the tested substances [46].

Studies on the antimicrobial action of plant extracts demonstrate that antimicrobial effects usually occur due to structural and functional damage to the plasma membrane, action on the enzyme system and genetic material of bacteria [47,48]. Comparing the results obtained using the butanoic extract from the inner bark of *E. verna* and the identified fatty acids, we observed that the extract has superior antimicrobial potential against MGS. Some studies have shown that medicinal plant extracts exhibit more pronounced biological activities than their isolated constituents [49,50]. The complex chemical composition of extracts favors joint action on multiple cellular and molecular targets, leading to measurable biological effects. Crude extracts from plants can often have more effective antimicrobial action against pathogens due to synergism between bioactive constituents [42].

The synergistic action was observed in the present work between extract and chlorhexidine (Table 2). The combination of EVE with CLX has provided a reduction in the minimum bactericidal concentration of 8 times

for *S. mutans*, C12VA and C04PD and 16 times for *S. sobrinus* and C17VA. Regarding chlorhexidine, its association with EVE resulted in a 16 time reduction in the value of MBC for the tested isolates. Synergistic interactions are observed when the effect produced by a combination of substances is greater than what might be expected based on the individual contribution of its components [14]. The combination of active substances has shown promise in the treatment of complex diseases, as such association allows for simultaneous action on several targets, ensuring greater efficacy and less chance of drug resistance [51].

The synergic effect observed in this study allowed to reduce the concentration from one of the main antibiotic used against MSG. This probably happened by the formation of a new structural complex that allowed greater affinity with components of the bacterial cell structure, even in reduced concentration [52].

Therefore, the results have shown that the butanolic extract of *E. verna* bark can become an important adjuvant of known antibacterial drugs, being key to helping to mitigate the emergence of multi-resistant microorganisms and assist in the treatment of diseases caused by MGS.

CONCLUSION

The present study validates the potential antimicrobial effect of *Erythrina verna* extracts against different strains of the *mutans Streptococci* group. Our results showed that the crude EV bark extract has more effective antimicrobial activity against MSG than its tested isolated constituents. The association of EVE with CLX had a synergistic effect at different concentrations, in addition to providing a significant reduction in the MBC values of both. Thus, the data obtained support the use of this extract in the treatment of diseases caused by MSG and establish its capacity as a probable basis for alternative antibiotic resistance compounds.

ACKNOWLEDGMENTS

The assistance of the staff is gratefully appreciated the Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) and the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

FUNDING

This study has been financially supported by Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

CONFLICT OF INTEREST

The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

ACCB, LLCMP, MCA and SAMN conceived the project, DPSL, GMP, LLCMP and VHDG performed the experiments. LLCMP, MCA and SAMN wrote the manuscript. ACCB, MCA and SAMN contributed to the critical revision of the manuscript. LLCMP, MCA and VHDG edited the manuscript and helped to perform the

statistical analysis of the data. All the authors discussed the results and commented on the manuscript. The authors read and approved the final manuscript.

REFERENCES

1. Koneman EW, Allen SD, Janda WM, Schreckenberger PC, Winn JWC (2001) Diagnóstico microbiológico ,5ª ed., Editora Médica e Científica Ltda.
2. Kazeminia M, Abdi A, Shohaimi S, Jalali R, Vaisi-Raygani A, Salari N, Mohammadi M (2020) Dental caries in primary and permanent teeth in children's worldwide, 1995 to 2019: a systematic review and meta-analysis. Head & Face Medicine. https://doi:10.1186/s13005-020-00237-z
3. Nomura Y, Otsuka R, Wint WY, Okada A, Hasegawa R, Hanada N (2020) Tooth-Level Analysis of Dental Caries in Primary Dentition in Myanmar Children. International Journal of Environmental Research and Public Health. https://doi:10.3390/ijerph17207613
4. Cvitkovitch DG, Yung-Hua L, Ellen RP (2003) Quorum sensing and biofilm formation in streptococcal infections. J. Clin. Invest. https://doi:10.1172/JCI20430
5. Jensen ME, Schachtele CF (1983) Plaque pH measurements by different methods on the buccal and approximal surfaces of human teeth after a sucrose rinse. J. Dent. Res. https://doi: 10.1177/00220345830620101001
6. Jardim Jr EG,Pedrini D, Xavier EA,Jardim OS (1998) Eficácia do listerine sobre a placa. RGO.
7. Castro SL (2001) “In vivo” Study efficacy of antiseptics on microaerobic microorganisms of theoral cavity. RevDent.
8. Ooshima T, Matsumura M, Hoshino T, KawabatasT,Soube S, Fujiwara T (2001) Contributions of three glycosltransferases to sucore-dependent adherence of *Streptococcus mutans*. J. Dent Res. https://doi:10.1177/00220345010800071401
9. Drumond MRS, Castro RD, Almeida RVD, Pereira MSV, Padilha WWN (2004) Estudo comparativo in vitro da atividade antibacteriana de produtos fitoterápicos sobre bactérias cariogênicas. PesqBrasOdontopedClinIntegr.
10. Borba AM, Macedo M, Walter LRF(2008) Alternative dentistry with medicinal plants in Chapada dos Guimarães - MatoGrosso, Brazil. South Braz Dent J.
11. Palombo E (2009) Traditional medicinal plant extracts and natural products with activity against oral bacteria: potential application in the prevention and treatment of oral diseases. Oxford J.
12. Cleff MB, Meinerz ARM, Madrid I, Fonseca AO, Alves GH, Meireles MCA, et al. (2012) Perfil de suscetibilidade de leveduras do gênero Candida isoladas de animais ao óleo essencial de *Rosmarinusofficinalis*L. Rev. Bras. plantas medicinais. https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000100007
13. Souza WM, Ramos RAN, Alves LC, Coelho MCOC, Maia MBS (2010) Avaliação in vitro do extrato hidroalcoólico (EHA) de alecrim pimenta (Lippiasidoides Cham.) sobre o desenvolvimento de ovos

de nematódeos gastrointestinais (Trichostrongylidae). Rev. bras. plantas medicinais. https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000300005

14. Carelli G, Macedo SMD, Valduga AT, Corazza ML, Oliveira JV, Franceschi E et al. (2011) Avaliação preliminar da atividade antimicrobiana do extrato de erva-mate (Ilexparaguariensis A. St. - Hil.) obtido por extração com CO_2 supercrítico. Rev. bras. plantas medicinais. https://doi.org/10.1590/S1516-05722011000100016
15. Leitão F, Leitão SG, Fonseca-Kruel, VS, Silva IM, Martins K (2014) Medicinal plants traded in the open-air markets in the State of Rio de Janeiro, Brazil: na overview on their botanical diversity and toxicological potential. Rev. Bras. Farmacogn. https://doi.org/10.1016/j.bjp.2014.04.005
16. De Bona AP, Batitucci MCP, Andrade MA, Riva JAR, Perdigão TL (2012) Estudo fitoquímico e análise mutagênica das folhas e inflorescências de Erythrina mulungu (Mart. ex Benth.) através do teste de micronúcleo em roedores. Rev. bras. plantas medicinais. https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000200014
17. Lorenzi H, Matos FJA (2008) Plantas medicinais do Brasil: nativas exóticas, 2ª ed., Nova Odessa: Instituto Plantarum.
18. Tondo EC, Bartz S (2001) Microbiologia e sistemas de gestão da segurança de alimentos. Porto Alegre: Sulina.
19. Cragg GM, Newman DJ (2013) Natural products: A continuing source of novel drug leads. Biochimica et Biophysica Acta. http://doi:%2010.1016/j.bbagen.2013.02.008
20. Taiz L, Zeiger E (2006) Plant physiology, 4ª ed., Sinauer Associates Inc.
21. Salem MA, Perez de Souza L, Serag A, Fernie AR, Farag MA, Ezzat SM, Alseekh S (2020) Metabolomics in the Context of Plant Natural Products Research: From Sample Preparation to Metabolite Analysis. Metabolites. http://doi:10.3390/metabo10010037
22. Yenesew A, Derese S, Midiwo BCC, Heydenreich M, Peter MG (2005) Antimicrobial flavonoids from the stem bark of *Erythrina burttii*. Fitoterapia. https://doi.org/10.1016/j.fitote.2005.04.006
23. Matos, F.J.A., 2009. Introdução à Fitoquímica Experimental, 3ª ed., Edições UFC.
24. CLSI.Clinical and Laboratory Standards Institute (CLSI) (2003). Metodologia dos testes de sensibilidade a agents antimicrobianos por diluição para bactérias de crescimento aeróbico:Norma aprovada –sexta edição – M7-A6.
25. ISO 7218 (2007) Microbiology of food and animal feeding stuffs – General requirements and guidance for microbiological examination, 3ª ed., The InternationalOrganization for Standardization.
26. Rand KH, Houck HJ, Brown P, Bennett D (1993) Reproducibility of the microdilution checkerboard method for antibiotic synergy. Antimicrob Agents Chemother. http://doi:10.1128/aac.37.3.613
27. Lee YS, Jang KA, Cha JD (2012) Synergistic Antibacterial Effect between Silibinin and Antibiotics in Oral Bacteria. Journal of Biomedicine and Biotechnology. http://doi:10.1155/2012/618081

28. Proença GV, Silva MG, Sabha M, Vila MMDC, Gerenutti M (2012) Toxicological effects of *Erythrina mulungu* Mart. on the reproductive performance of pregnant rats. Pharmacologyonline.
29. de Lima MRF, de Souza LJ, dos Santos AF, de Andrade MC, Sant'Ana AEG, Genet JP et al. (2006) Anti-bacterial activity of some Brazilian medicinal plants. Journal of Ethnopharmacology. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2006000300004
30. He M, Qin CX, Wang X, Ding NZ (2020) Plant Unsaturated Fatty Acids: Biosynthesis and Regulation. Journal Frontiers in Plant Science. https://doi.org/10.3389/fpls.2020.562785
31. Ngurah BIGM, Nyoman YN, Dafroyati Y, Gunadi IGA, Taneo M (2020) Antibacterial evaluation of 2,4-dihidroxy benzoic acid on *Escherichia coli* and *Vibrio alginolyticus*. Journal of Physics.
32. Liu H, Yu H, Xia J, Liu L, Liu HS, Peinemann F (2020) Topical azelaic acid, salicylic acid, nicotinamide, sulphur, zinc and fruit acid (alpha-hydroxy acid) for acne. Cochrane Database Syst Rev. http://doi:10.1002/14651858.CD011368.pub2
33. Flausino JOA, Pereira AM, Bolzani VDS, Nunes RLS (2007) Effects of erythrinian alkaloids isolated from *Erythrina mulungu* (Papilionaceae) in mice submitted to animal models of anxiety. Biological and Pharmaceutical Bulletin. http://doi:10.1248/bpb.30.375
34. Otavio FJ, Santos LA, Verli H, Pereira AM, Bolzani VS, Nunes RLS (2007) Anxiolytic effects of erythrinian alkaloids from *Erythrina mulungu*. Journal of Natural Products. http://doi:10.1021/np060254j
35. Gobbo LN, Lopes NP (2007) Plantas medicinais: fatores de influência no conteúdo de metabólitos secundários. Química Nova. https://doi.org/10.1590/S0100-40422007000200026
36. Guaratini T, Silva, DB, Bizaro AC, Sartori LR, Humpf HU, Lopes NP et al. (2014) In vitro metabolism studies of erythraline, the major spiroalkaloid from *Erythrina verna*. BMC Complement Altern Med. http://doi:10.1186/1472-6882-14-61
37. Frischknecht PM, Battig M, Baumann TW (1987) Effect of drought and wounding stress on indole alkaloid formation in Catharanthus roseus. Phytochemistry. https://doi.org/10.1016/S0031-9422(00)84769-X
38. Höft M, Verpoorte R, Beck E (1996) Growth and alkaloid contents in leaves of Tabernaemontana pachysiphon Stapf (Apocynaceae) as influenced by light intensity, water and nutrient supply. Oecologia. http://doi: 10.1007/BF00327899
39. Morais LAS (2009) Influência dos fatores abióticos na composição química dos óleos essenciais. Horticultura Brasileira.
40. Morais LAS, Catini AL, Castanha RF (2014) Influência da adubação orgânica na atividade antifúngica dos extratos de alfavaquinha. Horticultura Brasileira.
41. Rukachaisirikul T, Inno KP, Aroonrerk N, Boonamnuaylap W, Limrangsun S, Boonyon C et al. (2007) Antibacterial pterocarpans from *Erythrina subumbrans*. J. Ethnopharmacol. http://doi:10.1016/j.jep.2006.09.022

42. Lee OH, Lee BY (2010) Antioxidant and antimicrobial activities of individual and combined phenolics in *Olea europaea* leaf extract. Bioresource Technology. http://doi:10.1016/j.biortech.2009.12.052
43. Kuete V, Efferth T (2010) Plantas medicinais camaronesas: farmacologia e produtos naturais derivados. Front Pharmacol.
44. Tamokou JD, Mbaveng TA, Kuete V (2017) Antimicrobial activities of African medicinal spices and vegetables. In: Kuete V (ed) Medicinal spices and vegetables from Africa: therapeutic potential against metabolic, infammatory, infectious and systemic diseases. 1st edn, Chap 8. Aca- demic Press, Cambridge, Elsevier.
45. Aligiannis N. et al. Composition and antimicrobial activity of the essential oil of two Origanum species. J. Agric. Food Chem. http://doi: 10.1021/jf001494m
46. Cleveland J, Montville TJ, Nes IF, Chikindas ML (2001) Bacteriocins: safe, natural antimicrobials for food preservation. Int. J. Food Microbiol. http://doi:10.1016/s0168-1605(01)00560-8
47. Arqués J, Rodríguez E, Nuñez M, Medina M (2008) Inactivation of Gram-negative pathogens in refrigerated milk by reuterin in combination with nisin or the lactoperoxidase system. European Food Research and Technology. http://doi:10.1007/s00217-007-0695-8
48. Burt SA, Van der Zee R, Koets AP, Graaff AM, Van Knapen F, Gaastra W et al. (2007) Carvacrol induces heat shock protein 60 and inhibits synthesis of flagellin in Escherichia coli O157:H7. Appl Environ Microbiol. http://doi: 10.1128/AEM.00340-07
49. Carmona F, Pereira AMS (2013) Herbal medicines: old and new concepts, truths and misunderstandings. Revista Brasileira de Farmacognosia. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2013005000018
50. Efferth T, Koch E (2011) Complex interactions between phytochemicals. The multi-target therapeutic concept of phytotherapy. Current Drug Targets. http://doi:10.2174/138945011793591626
51. Pillai SK, Moellering RC, Eliopoulos GM (2005) Antimicrobial combinations. In: Lorian V., Ed., Antibiotics in laboratory medicine, 5ª ed., The Lippincott Williams & Wilkins Co.
52. Reuk-ngam N, Chimnoi N, Khunnawutmanotham N, Techasakul S (2014) Antimicrobial activity of coronarin D and its synergistic potential with antibiotics. Biomed Res Int. http://doi:10.1155/2014/581985

Table 1. Minimum Inhibitory and Bactericidal Concentrations capable of reducing populations of the *Streptococcus mutans* group to levels less than or equal to 90%, depending on the different substances tested.

	Streptococcus strains of the mutans group									
	ATCC 25175		**ATCC 27392**		**C1[illegible]VA**		**C0[illegible]PD**		**C1[illegible]VA**	
	MIC	**MBC**	**MIC**	**MBC**	**MIC**	**MBC**	**MIC**	**MBC**	**MIC**	**MBC**
E.verna Extract	187.5	375	187.5	375	375	750	375	750	375	750
Palmitic acid	WI	WI	WI	WI	375	1500	WI	WI	WI	WI
Stearic acid	375	750	375	750	375	750	1500	3000	375	750
Linoleic acid	WI	WI	WI	WI	WI	WI	WI	WI	WI	WI
CLX	0.5	2.0	0.25	2.0	0.25	2.0	0.5	2.0	0.5	2.0

CLX= chlorhexidine, MIC = Minimum Inhibitory Concentration (µg/mL), MBC = Minimum Bactericidal Concentration, capacity to reduce ≥90% cell count (µg/mL), WI = Without Inhibition

Table 2. Synergistic effect of *E. verna* extract with chlorhexidine on *Streptococcus mutans* group.

Strain	Substance tested	MBC (µg mL^{-1}) combined/ alone	IFI	∑IFI	Effect
S. mutans ATCC 25175	EVE	93.75/375	0.25	0.375	Synergistic
	CLX	0,25/2	0.125		
S. sobrinus ATCC 27392	EVE	46.875/375	0.125	0.25	Synergistic
	CLX	0.25/2	0.125		
C12VA	EVE	93.75/375	0.25	0.375	Synergistic
	CLX	0.25/2	0.125		
C17VA	EVE	46.875/375	0.125	0.25	Synergistic
	CLX	0.25/2	0.125		
C04PD	EVE	93.75/375	0.25	0.375	Synergistic
	CLX	0.25/2	0.125		

IFI: Inhibitory Fraction Index; (EVE): *E. verna* extract; (CLX): chlorhexidine; MBC: minimum bactericidal concentration.

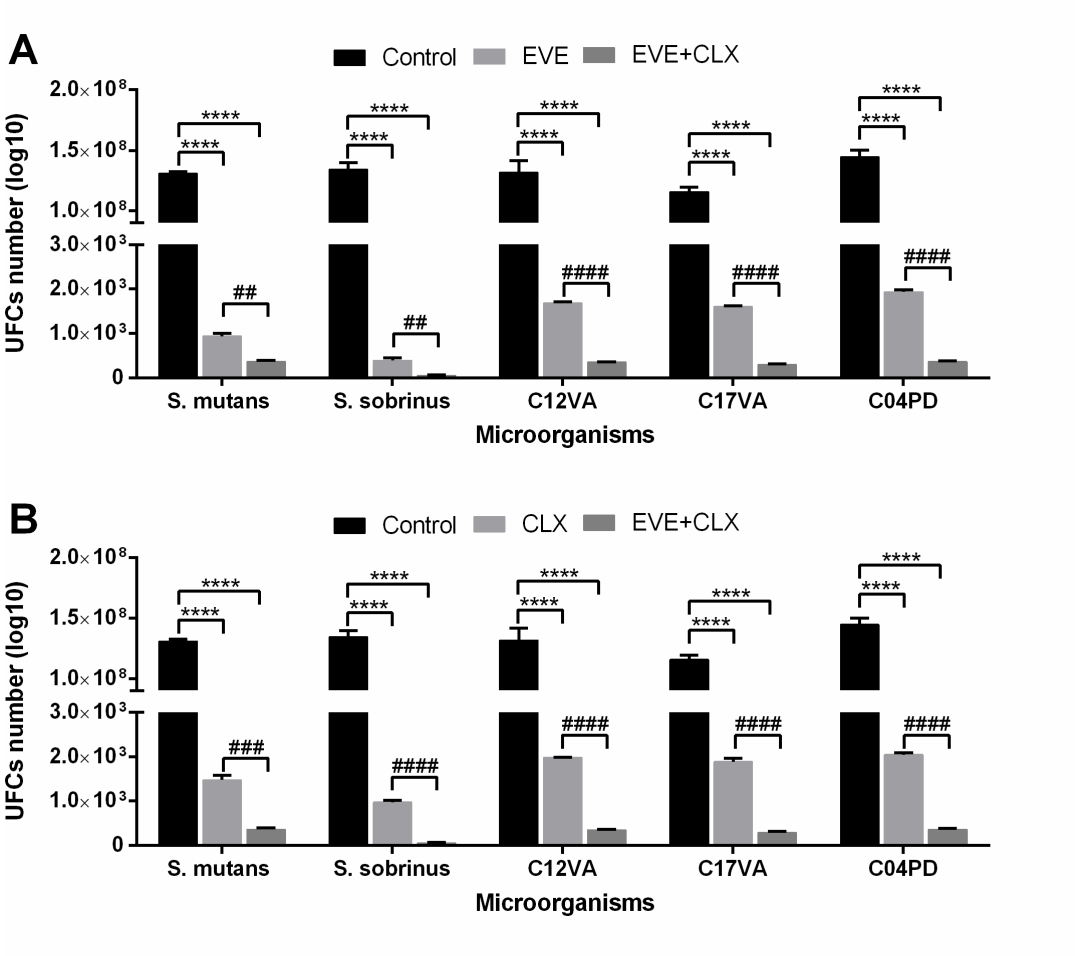


Figure 1- A-Effect of *E. verna* butanolic extract and the association of the extract with chlorhexidine and B-Effect of chlorhexidine and the association of the extract with chlorhexidine on the number of colonies forming units of the microorganisms *S. mutans*, *S. sobrinus*, C12VA, C17VA and C04PD in relation to the control. Values expressed as mean ± SEM. Two-way ANOVA followed by Bonferroni multiple comparison test. **** $p < 0.0001$ when compared to the control group. Unpaired t-test. ## $p<0.01$, ### $p<0.001$ and #### $p<0.0001$.

Produto 2: Safety evaluation of acute oral intake of *Erythrina Verna* Vell. extract (Fabaceae): a toxicological approach to clinical, biochemical, and histopathological parameters in an experimental murine model

Artigo formatado segundo as normas para publicação do periódico Anais da Academia Brasileira de Ciências

ABSTRACT

Erythrina verna Vell. (Fabaceae) is a Brazilian native plant commonly used in folk medicine, mainly as an anxiolytic. Although herbal compositions are marketed with this species, few studies on the toxicity profile have been reported. The aim of the study was to evaluate the safety of acute oral intake of the butanolic extract of *Erythrina verna* on clinical, biochemical, and histopathological parameters in an experimental murine model. Acute toxicity did not produce mortality or behavioral and hematological changes, however, there were changes significantly elevated HDL levels when compared to animals in the control group. Histological examination of the spleen, heart, and kidney showed degenerative characteristics with foci of inflammatory infiltrates starting at the 50 $mgKg^{-1}$ concentration. The results of the study suggest that the oral use of *Erythrina verna* bark extract should be performed with caution and at low doses.

Keywords: Acute toxicity; *Erythrina verna* Vell.; Mice; Phytotherapy.

INTRODUCTION

Since ancient times, natural products have been used in the treatment of several pathologies (Sousa et al. 2020), highlighting the medicinal plants, mainly due to the

easy access and low cost. According to the World Health Organization (WHO), about 80% of the world population uses natural products to treat diseases, and in many developing countries medicinal plants are the only way to access health (WHO 2002, Junior et al. 2005). Since the '70s, WHO has encouraged the implementation of public policies for the use of Traditional and Complementary/Alternative Medicine in member States (OMS 2006). In Brazil, the use of medicinal plants was reinforced with the publication, in 2006, of the National Policy for Integrative and Complementary Practices (PNPIC), in SUS (Unified Health System). Incorporating in Primary Health Care the use of the following alternative practices: homeopathy, medicinal plants and phytotherapy, traditional Chinese medicine/acupuncture, anthroposophic medicine, and social thermalism-crenotherapy (BRASIL 2006, BRASIL 2012).

These measures contribute to natural products gaining greater prominence and visibility; however, one must consider that the use of medicinal plants based on traditional knowledge is not enough to validate them as effective and safe drugs (BRASIL 2008), requiring scientific research of their real effects on the body, knowledge of the active principle and toxicity analysis. As with any other formulation with a medicinal application, it is necessary to guarantee the parameters of quality, effectiveness, efficiency, and safety (BRASIL 2004).

The incorrect use of plants, plant extracts, or isolated active constituents may cause several health problems, such as allergic and toxic reactions and mutagenic effects, once they present variable chemical composition, and may trigger adverse reactions due to the components themselves or by the presence of contaminants (BRASIL 2004). Studies in the area of toxicology and pharmacology of these natural products should be carried out, according to the recommendations of the legislation in force, to ensure safety and efficacy for their use (Brandão et al. 2008, Zöllner and Schwarz 2013). *In vitro* and *in vivo* research are necessary for the quality of phytotherapeutic products, considering that there is little information available regarding the toxic potential of a great part of the plants described as medicinal (Schmidt 2006). Many plant species are commonly used by the population but lack scientific studies that add to the knowledge of popular use information to ensure the safety and efficacy of its

use, such as how to prepare, how to use, appropriate dose, correct identification of the plant and knowledge of which part of the plant should be used.

In this scenario, the species *Erythrina verna has* few studies on its safe and rational use, although it is widely used in traditional medicine and is even an ingredient of phytotherapeutic formulations marketed in our country. The species *E. verna* is native to Brazil and is distributed throughout the central-western, northeastern, northern, and southeastern regions of the country (Lorenzi 1992). Due to its popular use, *E. verna* was listed among the medicinal species with the potential to generate products for SUS in the RENISUS list (National List of Plants of Interest to SUS) (BRASIL 2022), highlighting the following pharmacological actions attributed to this species the use for insomnia (Vasconcelos et al. 2011, Guaratini et al. 2014), as a tranquilizer (Flausino 2007, Patocka 2009), antidepressant (Faggion et al. 2011, De Oliveira et al. 2012), hypnotic (Faggion et al. 2011, Rosa et al. 2012), pain in general (Faggion et al. 2011, Vasconcelos et al. 2011), anti-inflammatory (Vasconcelos et al. 2011, Rosa et al. 2012), antimicrobial (De Lima et al. 2006), anticonvulsant (Faggion et al. 2011, Rosa et al. 2012), antipyretic (Oliveira 2009) and in the treatment of central nervous system disorder (Vasconcelos et al. 2007, De Oliveira et al. 2012).

Despite some reports in the literature about the toxic effects of plant parts of the species *E. verna*, there is a great lack of studies that determine the levels of toxicity and the identification of possible histological changes caused by this plant in microscopic structures of biological tissues. Thus, this work aimed to evaluate the toxicity profile of the oral ingestion of the butanolic extract of *E. verna* on clinical, biochemical, and histopathological parameters in an experimental murine model.

1. METHODS

2.1 Botanical material

The bark of *E. verna* was collected in the Vale do Arapuim community, municipality of Varzelândia, Minas Gerais, Brazil (15.76107°S and 043.85611°W). The harvest was registered under registration A701FE6 on SisGen (National System for the Management of Genetic Heritage and Associated Traditional Knowledge). The species was identified by Dr. Santos D'Angelo Neto, and the voucher specimen was deposited and registered in the herbarium of the State University of Montes Claros under the registration 5802. The validation of the species name was done through www.theplantlist.org.

2.2 Extract Preparation

For the extract preparation, the collected bark of *E. verna was* aseptically dried in running water and sterile distilled water (ADE) in an oven (model 502-2-A/ FANEM) with forced air circulation at 40°C, crushed, and pulverized in an industrial blender and knife mill, and then sieved until a fine powder material was obtained (Yenesew et al. 2005). For the cold butanolic extract, 50 g of the powdered plant material was weighed into an amber flask and 500 mL of the solvent (butanol) was added. The flask was then stored for five days, with daily homogenization. After this period, the extract was filtered with gauze to retain the larger fragments. Subsequently, vacuum filtration was performed to retain the smaller particles. The extracts were dried in a forced circulation oven at 50°C.

2.3 GC-MS Analyses

The characterization of the compounds was carried out by gas chromatography coupled to a mass spectrometer (GC-MS). Chromatographic analyses were performed using a gas chromatograph (Agilent Technologies, GC 7890A), gas chromatography-mass spectrometry (GC-MS) and DB-5 capillary column (Agilent Technologies, 30 m long x 0.25 mm internal diameter x 0.25 µm film thickness). Helium (99.9999% purity) was used as the carrier gas at a rate of 1.0 $mL.min^{-1}$. Sample preparation and analysis followed the manufacturer's instructions. The procedure was performed in triplicate. Identification of the components of

each extract was performed using the mass spectra database (NIST 2.0) and scientific literature.

2.4 Animals

Swiss mice (*Mus musculus*), females (nulliparous and non-pregnant), 6 to 8 weeks old and an average weight of 34 – 35 g, from the animal house of the State University of Montes Claros (Unimontes) were used for the present assay. The animals were kept under standard conditions of temperature (22° C ± 3° C), relative humidity (30-70%), and illumination (12h- light/dark cycle). They received water and diet *ad libitum throughout the* experiments. The management of the animals, from the beginning to the end of the study, was ethically conducted according to the experimental protocol approved by the Ethics Committee on Animal Experimentation and Welfare of the State University of Montes Claros (CEEBEA- Unimontes), process (227/2021).

2.5 Acute Toxicity Study

The experimental protocol was designed following the OECD (*Organization for Economic Cooperation and Development*) *Guideline* 423 (acute toxicity) guidelines (OECD, 2001). A total of 12 female mice were randomly divided into four groups (n=3 mice), which received treatment with butanolic extract of *E. verna*, here after referred to as EV. The extracts were administered in suspension, by gavage technique in a single dose at concentrations of 5, 50, 300, and 2000 $mgKg^{-1}$ in a fixed volume of 0.34 mL. The control group received only the vehicle and freshwater. After dose administration, all groups of animals were observed for 15 min, 30 min, 1 h, 2 h, 4 h, and 8 h after dosing and then daily for a period of 14 days. Bodyweight, food consumption, and water intake were recorded. The experimental design is depicted in Figure 1.

2.6 Macroscopic Analysis (General Signs) of Toxicity

To facilitate monitoring, the animals were marked on various parts of the body. Daily, mice were observed for effects on locomotion, behavior (agitation, drowsiness, decreased activity, paw licking, avoidance reaction, and aggressiveness), respiration, cyanosis, piloerection, tail erection (straub), diarrhea, tremors, convulsions, and death

(Iwamoto et al. 2015, Litcheld and Wilcoxon 1949). The toxicity analysis was done by determining the lethal dose (LD50), statistically calculated from observations of mortality after exposure to doses/concentrations of the test substance, to verify the relationship between the dose administered and the toxicological response obtained.

2.7 Microscopic Toxicity Analysis

At the end of the treatment, the animals were fasted for 12 hours and anesthetized with an intraperitoneal injection of a solution of xylazine and ketamine of maximum 0.10mL/100g of body mass, in the proportion of 8.75mL of ketamine and 1.25 mL of xylazine. Blood samples were collected from abdominal laparotomy, followed by exsanguination via the inferior vena cava. One part of the blood was added in tubes containing EDTA (for evaluation of hematological parameters), and another part in dry tubes (for evaluation of biochemical parameters). The animals were necropsied for macroscopic evaluation of organ morphology. The organs kidney, liver, lung, spleen, and heart were carefully removed, dissected, and had their weight measured on analytical scales (Vijavalakshmi et al. 2000).

2.8 Histopathological analysis

Portions of each organ were fixed in 10% neutral buffered formalin solution and subjected to the histological process of progressive dehydration in alcohol, diaphanization, and clarification with xylene and paraffin embedding. The sections (5µm thick) were stained with hematoxylin and eosin (H&E). Evaluations were performed using a fluorescence microscope (Olympus, Center Valley, PA, USA). The analysis was performed blinded by a pathologist.

2.9 Statistical analysis.

Statistical analysis was performed in GraphPad Prism software (version 7.0, San Diego, California, USA), with 95% ($p<0.05$) confidence. Data were given as mean ± standard error (SE). Normality was checked by the Shapiro Wilk test. Statistical significance of values for the different groups was estimated by one-way ANOVA (organs weight, hemogram, and biochemical profile) and two-way ANOVA (body weight and intake), followed by post-test Bonferroni control multiple comparisons.

2. RESULTS

3.1 Identification of chemical compounds by GC/MS

Twelve substances present in the crude extract of *E. verna* (Table S1).

3.2 Ingestion of E. verna extract does not produce clinical signs of toxicity in animals.

The intragastric administration of a single dose of the butanolic extract of *E. verna* at concentrations of 5, 50, 300 and 2000 $mgKg^{-1}$ in *Swiss* mice did not produce mortality or signs of toxicity during the 14-day observation period. At concentrations of 300 $mgkg^{-1}$ and 2000 $mgKg^{-1}$ of the EV butanolic extract, reduced mobility (no response to stimuli) was observed after 30 minutes of gavage and recovered after 4 hours of treatment. No significant changes were observed in body weight over time, water consumption and food intake during the 14 days of acute oral administration of *E. verna* extract compared to the control group (Figure 2). Acute administration of the EV butanolic extract did not produce death in 50% of the mice at the maximum dose of 2000 $mgkg^{-1}$. Therefore, the LD50 was higher than 2000 $mgKg^{-1}$.

3.3 Evaluation of body weight, relative organ weight, food, and water intake

The 14-day treatment did not result in significant changes in the weight (g) of the animals (Figure 2), also without reflection on the relative weight of the organs in the treated groups compared to the control group (Table 3). Regarding food intake, there was no change in feed consumption by animals in any group. However, animals that received EV extract at a concentration of 50 $mgkg^{-1}$ ingested more water than the control animals ($p<0.005$).

3.4 Oral administration of E. verna does not produce hematological changes

Regarding the hematological parameters, no significant changes were seen in the animals treated with the different doses of EV when compared to the control, as verified in Table 1.

3.5 Acute administration of E. verna butanolic extract does not produce signs of toxicity on biochemical parameters

Biochemical parameters were evaluated after 14 days of oral administration of *E. verna* extract and are shown in Table 2. EV administration of 50 $mgKg^{-1}$ resulted in a significant increase in glutamic oxaloacetic transaminase (TGO) levels. In turn, animals treated with the concentrations of 300 and 2000 $mgKg^{-1}$ showed significantly increased levels of HDL (high-density lipoprotein) when compared to animals in the control group. For the other parameters evaluated, no significant differences were observed when compared to the control group.

3.6 Acute consumption of E. verna extract causes dose-dependent histopathological changes in experimental animals

Acute administration of the butanolic extract of *E. verna* produced dose-dependent histological changes in the liver, kidney, lung, and spleen (Figure 3).

The impact on renal tissue was more intense since changes were observed in the groups treated with the butanolic extract of *E. verna* at all concentrations, with intensity positively dose-related and associated with the presence of inflammatory process and glomerular alteration.

The histological analysis of the liver and heart shows that the animals treated with the extract did not show any changes in the organs compared to the control group. In the spleen, the concentration of 5 $mgKg^{-1}$ did not present changes, but distinct consequences were evidenced with the increase of the dose: with 50 mg/Kg we observed punctual necrotic processes. At the dose of 300 $mgKg^{-1}$, there was an increase in the necrotic process with relevant macrophage infiltration, and these signs were intensified at the dose of 2000 $mgKg^{-1}$. In the lung, no changes caused by the extract were observed.

DISCUSSION

The species *E. verna* is traditionally used in folk medicine, mainly to treat insomnia, nervous system disorders and as a sedative (Vasconcelos et al. 2011, Guaratini et al. 2014, Rosa et al. 2012). Although this plant is widely used in traditional medicine in macerates (oral and topical use), there is a gap in the scientific literature about its oral toxicity. Therefore, the present study adds information on the toxicological profile of the butanolic extract of the bark of *E. verna*, performing an oral toxicity test in mice for 14 days.

In toxicological analysis, the main criterion for assessing acute toxicity by a substance (LD50) is mortality (Asare et al. 2012). No deaths were observed after single-dose administration of the extract. The chemical substance can be classified into three categories according to toxicity in rats: very toxic, a substance with LD50 less than 25 $mgKg^{-1}$; toxic, substances with DL50 between 25 and 200 $mgKg^{-1}$; and harmful with DL50 between 200 and 2000 $mgKg^{-1}$. According to OECD 423 (OECD, 2001), the bark extract of *E. verna* has low acute toxicity and should be included in category 5 with an estimated LD50 greater than 2000 $mgKg^{-1}$. A study by Proença and colleagues (2012) evaluated the LD50 for the hydroalcoholic extract, from the barks of *E. verna*, administered as a single oral dose in Swiss mice, and no death was reported in the animals during the observation period (14 days).

De Bona and collaborators (2012), in a study with extract of the leaves and/or inflorescences of *E. verna*, when administered as a single dose intraperitoneally in Swiss mice, observed an LD50 of 1.37 gkg^{-1} of the inflorescence extract, and for the leaf extract, there was no death of the animals up to 48 hours of observation. The genus *Erythrina*, despite presenting several pharmacological actions widespread by popular knowledge, must be used with caution, since depending on the plant part or species used it can have a toxic effect. A study with aqueous extract of *E. velutina* leaves did not observe mortality or adverse symptoms up to a dose of 5 gKg^{-1} in rats orally (Silva 2008).

However, hydroalcoholic extract of *E. velutina* inflorescence has a median lethal dose (LD50) equal to 1.37 gKg^{-1} (Leite et al. 2006). Lollato et al. (2010), evaluating extracts of *E. speciosa* did not observe mortality or adverse effects up to a dose of

2000 $mgKg^{-1}$ in mice. The species *E. falcata* presents an intermediate dose between 3.75 gkg^{-1} and 5.0 gkg^{-1} (Cerutti et al. 2000) and *E. senegalensis* presents a dose of 450 $mgKg^{-1}$ (Saidu et al. 2000).

Another important factor to analyze the toxicity of a substance is behavioral changes, and in our study, the extract analyzed did not affect the behavior of animals, except motility, which was affected during the first 4 hours after the extract administration. The *E. verna* extract sedative action may explain the reduced motility observed. Pereira and Machado (2008) in a study with *E. verna* showed that acute intraperitoneal administration of *E. verna* bark hydroalcoholic extract provided an anxiolytic effect, comparable to clonazepam.

Changes in body weight without metabolic regulation may be an indicator of toxicity (Yi-Chen et al. 2018). In our study evaluating acute toxicity, oral administration of the extract did not cause significant changes in the animals' body weight, in relation to the relative weight of the evaluated organs, only the spleen showed a significant difference (5, 300 and 2000 $mgKg^{-1}$) when compared to animals in the control group.

Because hematological parameters usually indicate a pathological state before macroscopic changes, this evaluation is of great importance as they are highly sensitive indicators of drug-induced toxicity (Marinho et al. 2022). In the present study, single-dose administration of the butanolic extract of the bark of *E. verna* did not result in hematological changes in most parameters. There was a change in hemoglobin at concentrations of 300 and 2000 $mgkg^{-1}$. However, it should be considered that hematological and biochemical changes occur relatively slowly, and the experimental time and administration profile may not be sufficient to identify all possible changes (Ferreira et al. 2014).

In the present study, the administration of a single dose of butanolic extract from the bark of *Erythrina verna* did not result in hematological changes in most parameters, there was a change in hemoglobin at concentrations of 300 and 2000 $mgkg^{-1}$.

Interestingly, the concentrations of 300 and 2000 $mgKg^{-1}$ showed an increase in the HDL parameter when compared to the control, demonstrating a hypolipemic property

of *E. verna*. This increase may represent a beneficial action to the body, since HDL, high-density lipoproteins, are responsible for removing excess free cholesterol from the periphery, driving it to the liver, and promoting metabolization and secretion into bile, which is known as reverse cholesterol transport (Lemos et al. 2006). What needs to be clarified is which active ingredient is inducing this increase and whether it might not be a counterregulatory mechanism of homeostatic processes altered by *E.* verna. For the other biochemical variables, blood glucose, total cholesterol, triglycerides, TGP, and albumin, the results showed that the levels were within the normal range (Table 2).

Few histological studies of *E. verna* extract are reported in the literature, despite the importance of understanding the microscopic events underlying the macroscopic changes that occur in organs following *E. verna* administration. This evaluation is of utmost relevance to ensure reliability and safety of use. And interestingly, it was in these analyses that we demonstrated the most impacts of the tested substance on the animals' bodies. Histopathological changes in the kidneys were observed in the acute toxicity test in animals that received any test concentrations of the extract. The kidney is an organ that performs three main functions, including the elimination of toxic substances that are produced during metabolism, the regulation of hemostasis of the internal fluid medium, and the production of hormones that can be used to assess renal status (Oh and Hustead 2011). Several metabolites present in medicinal plants, such as flavonoids, can be toxic to the kidneys, renal tubular changes have been described following exposure to these compounds (Wang et al. 2019). In the present study, the kidney presented changes in tissue architecture from the concentration of 50 $mgKg^{-1}$ when compared to the control (arrow). In the concentration of 50 $mgKg^{-1}$ there was loss of distal tubule architecture, 300 $mgKg^{-1}$ presence of swelling, with compressed Bowman's Capsule and decrease in the lumen of the distal tubules and 2000 $mgKg^{-1}$ presence of inflammatory process.

In the histological analysis of the heart, it was observed that the EV extract from the concentration of 5 $mgKg^{-1}$ presented inflammatory infiltrates. Cardiotoxicity is a fundamental parameter to be observed in phytotherapy since the substances present in natural products can cause heart failure and lead to death (Thrall et al. 2015). The

spleen presented alterations in those treated with EV extract, at concentrations of 50, 300 and 2000 $mgKg^{-1}$, presence of giant cells (proportional to dose dependent) and the high number of macrophages observed in the histological analysis indicates a mononuclear inflammatory process determined by innate immunity, perhaps because little-selective antigenic stimuli coming from natural products induce less aggressive inflammatory responses to the organism. Further studies with more analysis points will demonstrate details of this inflammatory process, delimiting its intensity, cellular activation *status*, and the resolving aspects mediated by cytokine profiles.

Toxicological studies are necessary to ensure safety in the use of natural products since several toxic substances of chemical active principles are described in the literature (Atchou et al., 2021; Auti and Kulkarni, 2019; Figueredo et al., 2018). This study showed that *E. verna* extract does not produce mortality in mice by a single dose, however, punctual alterations, dose-dependent, observed in different tissues signal and reinforce caution for its oral use. Moreover, we highlight that the study performed by OECD 423 presents itself as toxicity screening, making it possible to explore target organs with a larger number of animals and for a prolonged period of drug administration to visualize significant differences. Thus, we reinforce the importance of this study to support the selection of the dose for future studies of chronic toxicity tests, as well as the safe use of this species by the population.

3. CONCLUSION

The present toxicity study found that the acute oral lethal dose of butanolic extract of *E. verna* is higher than 2000 $mgKg^{-1}$. However, even single doses should be used with caution, since these doses of 5, 50, 300, and 2000 $mgKg^{-1}$ resulted in histological changes in the spleen, kidney, and heart of mice. Because *E. verna* is already used in Brazilian popular medicine for the treatment of insomnia, nervous system disorders, and as an anxiolytic and sedative, these results provide primary but valuable data regarding the toxicity profile of this species that can guide future studies on the action of bioactive compounds and their actions on target organs.

LIST OF ABBREVIATIONS

ALT – alanine aminotransferase; ANOVA – analysis of variance; AST– aspartate aminotransferase; BW – body weight; CEEBEA – ethics committee on animal experimentation and welfare; AP – alkaline phosphatase; HDL – high-density lipoprotein; H&E – haematoxylin and eosin; SisGen – Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado; SE – standard error; EV – *Erythrina verna*; MCH = Mean corpuscular hemoglobin; MCHC = Mean corpuscular hemoglobin concentration; MCV = Mean corpuscular volume.

DECLARATION OF INTERESTS

The authors declare that they have no known competing financial interests or personal relationships that could have appeared to influence the work reported in this paper.

ETHICS APPROVAL

All applicable institutional and/or national guidelines for the care and use of animals were followed.

CONFLICT OF INTEREST

All authors do not have conflicts of interest.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

ACCB, LLCMP, MCA and SAMN conceived the project, DPSL, RVF, BVC, GMP, LLCMP and VHDG performed the experiments. LLCMP, MCA and SAMN wrote the manuscript. ACCB, MCA and SAMN contributed to the critical revision of the manuscript. LLCMP, MCA and VHDG edited the manuscript and helped to perform the statistical analysis of the data. All the authors discussed the results and commented on the manuscript. The authors read and approved the final manuscript.

REFERENCES

ASARE GA, GYAN B, BUGYEI K, ADJEI S, MAHAMA R, ADDO P, OUT-NYARKO L, WIREDU EK & NYARKO A. 2012. Toxicity potentials of the nutraceutical Moringa oleifera at supra-supplementation levels. J. Ethnopharmacol. 139: 265–272. https://doi.org/10.1016/j.jep.2011.11.009

ATCHOU K, LAWSON-EVI P & EKLU-GADEGBEKU K. 2021. Safety assessment of the dried hydroethanolic extract of *Pterocarpus erinaceus* Poir. stem bark. Phytomed. Plus 1: 100053. https://doi.org/10.1016/j.phyplu.2021.100053

AUTI ST & KULKARNI YA. 2019. Acute and 28-day repeated dose oral toxicity study of caraway oil in rats. Drug Metab. Pers. Ther. 1–12. https://doi.org/10.1515/dmpt-2019-0011

BRANDÃO MGL, ZANETTI NNS, OLIVEIRA GRR, GOULART LO & MONTE-MOR RLM. 2008. Other medicinal plants and botanical products from the first edition of the Brazilian Official Pharmacopoeia. Braz. J. Pharmacog. 18: 127-34. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2008000100022

BRASIL. 2004. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução. RE no. 90/2004. Normas para estudos toxicológicos de produtos fitoterápicos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo. Brasília, DF.

BRASIL. 2006. Portaria n. 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. 2008. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.960 de 09 de dezembro de 2008. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. 2012. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde. 156 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica; n. 31).

BRASIL. 2022. Ministério da Saúde. Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do SUS – RENISUS.

CERUTTI SM, VENDRAMINI M, DE SOUZA WS, DE SOUZA CMZ, FORNEI AC, SILVA JR, OLIVEIRA F & MELO LL. 2000. Análise da toxicidade aguda do extrato hidroalcoólico bruto de *Erythrina falcata* em camundongos (*Mus musculus*). R. bras. Biol. Lecta-USF, Bragança Paulista 18: 75-83.

DE BONA AP, BATITUCCI MCP, ANDRADE MA, RIVA JAR & PERDIGÃO TL. 2012. Phytochemical and mutagenic analysis of leaves and inflorescences of *Erythrina mulungu* (Mart. Ex Benth) through micronucleus test in rodents. Rev. Bras. Pl. Med. 14: 344-51. https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000200014

DE LIMA MRF, DE SOUZA LJ, DOS SANTOS AF, DE ANDRADE MCC, SANT'ANA AEG, GENET JP, MARQUEZ B, NEUVILLE L & MOREAU N. 2006. Anti-bacterial activity of some Brazilian medicinal plants. J. Ethnopharmacol 105: 137-47. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2006000300004

DE OLIVEIRA MSG, AQUINO AB, DA SILVA DL, AQUINO PGV, SANTOS MS, PORFIRIO APR, SANT'ANA AEG, SANTOS BVO & JUNIOR JXA. 2012. Antinociceptive and anti-inflammatory activity of hydroalcoholic extracts and fractions from *Erythrina mulungu*. Braz. **J**. Pharmacog 22: 157-61. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2011005000210

FAGGION SA, CUNHA AOS, FACHIM HA, GAVIN AS, DOS SANTOS WF, PEREIRA MAS & BELEBONI RO. 2011. Anticonvulsant profile of the alkaloids (+)-erythravine and (+)-11-(alpha)-hydroxyerythravine isolated from the flowers of *Erythrina mulungu* Mart ex Benth (Leguminosae Papilionaceae). Epilepsy Behav. 20:441-6. https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2010.12.037

FERREIRA SA, GUIMARÃES AG, FERRARI FC, CARNEIRO CM, PAIVA NCN & GUIMARÃES DAS. 2014. Assessment of acute toxicity of the ethanolic extract of *Lychnophora pinaster* (Brazilian arnica). Braz. **J**. Pharmacog. 24: 553–560. https://doi.org/10.1016/j.bjp.2014.09.005

FIGUEREDO KC, GUEX CG, REGINATO FZ, DA SILVA HAR., CASSANEGO GB, LHAMAS CL, BOLIGON AA, LOPES GHH & BAUERMAN LF. 2018. Safety assessment of *Morus nigra* L. leaves: Acute and subacute oral toxicity studies in Wistar rats. J. Ethnopharmacol 224: 290–296. https://doi.org/10.1016/j.jep.2018.05.013

FLAUSINO JROA, PEREIRA AM, BOLZANI VDS & NUNES-DE-SOUZA RL. 2007. Effects of erythrinian alkaloids isolated from *Erythrina mulungu* (Papilionaceae) in mice submitted to animal models of anxiety. Biol. pharm. bull. 30: 375-8. http://dx.doi.org/10.1248/bpb.30.375

GUARATINI T, SILVA DB, BIZARO AC, SARTORI LR, HUMPF HU & LOPES NP, 2014. In vitro metabolism studies of erythraline, the major spiroalkaloid from *Erythrina verna*. BMC complement. altern. med. 14: 61. https://doi.org/10.1186%2F1472-6882-14-61

IWAMOTO LH, VENDRAMINI CDB, MONTEIRO PA, RUIZ ALTG, SOUSA IMO, FOGLIO MA, DE CARVALHO JE & RODRIGUES RA. 2015. "Anticancer and anti-infammatory activities of a standardized dichloromethane extract from Piper umbellatum L. leaves," Evid Based Complement Alternat Med. https://doi.org/10.1155/2015/948737

JUNIOR VFV, PINTO AC & MACIEL MAM. 2005. Plantas medicinais: cura segura. Química nova, 28: 519-528. https://doi.org/10.1590/S0100-40422005000300026

LEITE EMA & AMORIM LCA. 2006. Noções básicas de toxicologia. Universidade Federal de Minas Gerais.

LEMOS M, MANENTI IE, COSTA JL & MORIGUCHI E. 2006. HDL management: recente advances and perspectives beyond LDL reduction. Arq. Bras. Cardiol. 87: 6. https://doi.org/10.1590/S0066-782X2006001900017

LITCHFELD JA & WILCOXON F. 1949. "A simplifed method of evaluating dose-efect experiments," J. Pharmacol. Exp. Ther. 96: 99–113.

LOLLATO G, SCARMINIO IS, MOREIRA EG. 2010. Behavioral effects of aqueous and dichromethane extracts of *Erythrina speciosa* Andrews, Fabaceae, leaves in mice. Braz. J. Pharmacog 20: 939-944. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2010005000048

LORENZI H. 1992. Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora.

MARINHO BM, GUIMARAES VHD, SOUSA JN, MORAES DS, GOMES ESB, VIEIRA CR, REIS ST, COSTA OT, FARIAS LC, GUIMARÃES ALS ET AL. 2022. Brazilian Cerrado plant (arnica) Lychnophora ericoides Mart. (Asteraceae) toxicity characterization in mice. Phytomed Plus. https://doi.org/10.1016/j.phyplu.2021.100154

NATIONAL INSTITUTE OF STANDARS AND TECHNOLOGY (NIST). NIST Livro de Química na Web, SRD 69. https://doi.org/10.18434/T4D303

OH RC & HUSTEAD TR. 2011. "Causes and evaluation of mildly elevated liver transaminase levels," Am Fam Physician 84:1003–1008.

OLIVEIRA MSG. 2009. Estudo fitoquímico e avaliação antinociceptiva e anti-inflamatória de *Erythrina mulungu* (Fabaceae). Universidade Federal de Alagoas.

OMS 2006. Organização Mundial de Saúde. Estratégia sobre Medicina Tradicional 2002-2005. Genebra: OMS.

ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OEDC) 2001. Guidelines for the Testing of Chemicals: 423. Acute Oral Toxicity-Fixed Dose Procedure. Organisation for Economic Cooperation and Development France: Paris.

PATOCKA J. 2009. Mulungu - Anxiolytics from an amazonian rainforest. Psychiatrie 13:89-91.

PEREIRA WF & MACHADO MQM. 2008. Estudo comparativo do efeito ansiolítico da *Erythrina verna* (Mulungu) e clonazepan (Rivotril) em modelo animal de ansiedade. Horizonte Científico. 2: 1-19.

PROENÇA GV, SILVA MG, SABHA M, VILA MMDC & GERENUTTI M. 2012. Toxicological effects of *Erythrina mulungu* Mart. on the reproductive performance of pregnant rats. **Pharmacol. online** 2: 23-8.

ROSA DS, FAGGION SA, GAVIN AS, DE SOUZA MA, FACHIM HA, DOS SANTOS WF, SOARES AMP, CUNHA AO & BELEBONI RO. 2012. Erysothrine, an alkaloid

extracted from flowers of *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth: Evaluating its anticonvulsant and anxiolytic potential. Epilepsy Behav. 23: 205-12. https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2012.01.003

SAIDU K, ONAH J, ORISADIPE A, OLUSOLA A, WAMBEBE C & GAMANIEL K. 2000. Antiplasmodial, analgesic, and antiinflammatory activities of the aqueous extract of the stem bark of *Erythrina senegalensis*. J. Ethnopharmacol. 71: 275-80. https://doi.org/10.1016/s0378-8741(00)00188-4

SCHMIDT T. 2006. Structure-Activity Relationships of Sesquiterpene Lactones. Stud. Nat. Prod. Chem. 33:309–392. https://doi.org/10.1016/S1572-5995(06)80030-X

SILVA FT. 2008. Avaliação clínica do potencial da atividade ansiolítica do extrato seco de *Erythrina velutina.* Laboratório de Fisiologia do Comportamento, Universidade Federal do Sergipe.

SOUSA JN, MAFRA V, GUIMARÃES VHD, PARAISO AF, DE FARIAS LD & SANTOS SHS. 2020. Davilla elliptica (Dilleniaceae) a. St.-Hil. Ethnomedicinal, phytochemical, and pharmacological aspects: A review. Phytochem Lett. 39: 135–143. https://doi.org/10.1016/j.phytol.2020.08.009

THRALL MA. 2015. Hematologia e bioquímica clínica veterinária, 2 ed., Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 349-360.

VASCONCELOS SM, LIMA NM, SALES GT, CUNHA GM, AGUIAR LM, SILVEIRA ER, et al. 2007. Anticonvulsant activity of hydroalcoholic extracts from *Erythrina velutina* and *Erythrina mulungu*. J. Ethnopharmacol. 110: 271-4 https://doi.org/10.1016/j.jep.2006.09.023

VASCONCELOS SMM, SALES GTM, LIMA N, LOBATO RFG, MACEDO DS, BARBOSA-FILHO JM, LEAL LKAM, FONTELES MMF, SOUSA FCF, OLIVEIRA JL, ET AL. (2011). Anti-inflammatory activities of the hydroalcoholic extracts from *Erythrina velutina* and *E. Mulungu* in mice. Braz. **J**. Pharmacog. 21:1155-8. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2011005000134

VIJAYALAKSHMI T, MUTHULAKSHMI V & SACHADANANDAM P. 2000. Toxic studies on biochemical paraments carred out in rats with Serakottainei, siddha drug-milk extract *Semecarpus anacardium* nut. J. Ethnopharmacol. 69: 9-15. https://doi.org/10.1016/s0378-8741(99)00020-3

WANG Y, ZHANG H, JIANG JM, ZHENG D, TAN HS, TANG LM & XU HX. 2019. Multiorgan toxicity induced by EtOH extract of Fructus Psoraleae in Wistar rats. Phytomedicine. 58: 152874. https://doi.org/10.1016/j.phymed.2019.152874

WHO 2002. World Health Organization. Report on infectious diseases. Geneva: WHO.

YENESEW A, DERESE S, MIDIWO JO, BII CC, HEYDENREICH M & PETER MG. 2005. Antimicrobial flavonoids from the stem bark of *Erythrina burttii*. Fitoterapia 76: 469–72. https://doi.org/10.1016/j.fitote.2005.04.006

YI-CHEN, WU MX, JIE-LIU, MA XJ, SHI JL, WANG SN, ZHENG ZQ & GUO JY. 2018. Acute and sub-acute oral toxicity studies of the aqueous extract from radix, radix with cortex and cortex of Psammosilene tunicoides in mice and rats. J. Ethnopharmacol. 213: 199-209. https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.11.011

ZÖLLNER T, SCHWARZ M. 2013. Herbal Reference Standards: applications, definitions and regulatory requirements. Braz. **J**. Pharmacog. 23: 1- 21. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2012005000144

Figure legends

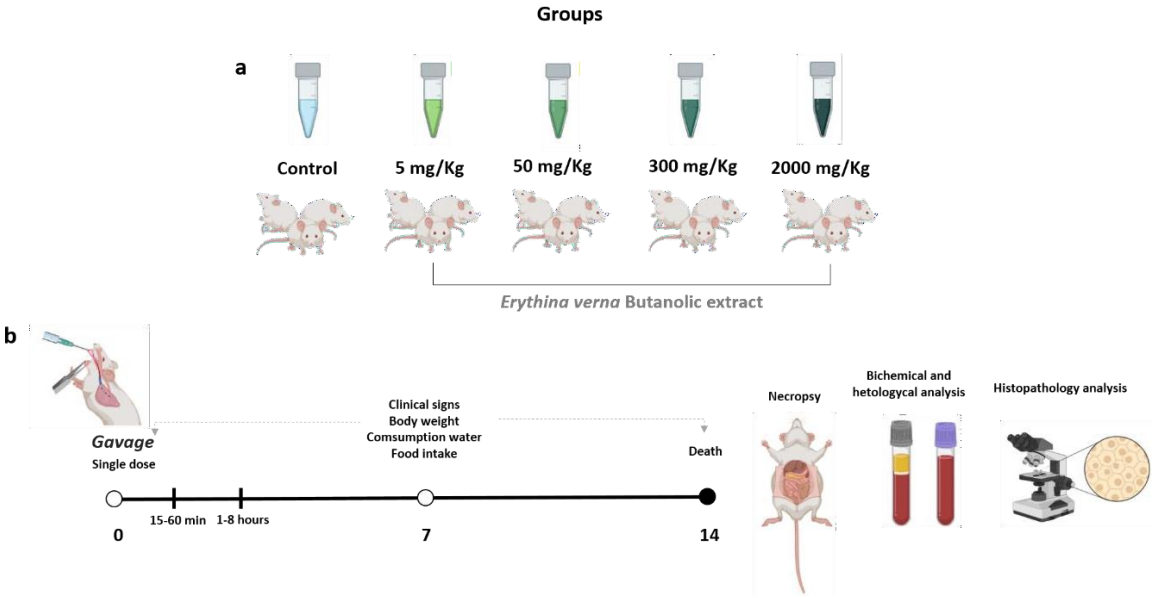


Figure 1. Summary methodological scheme of the procedures performed in the study.

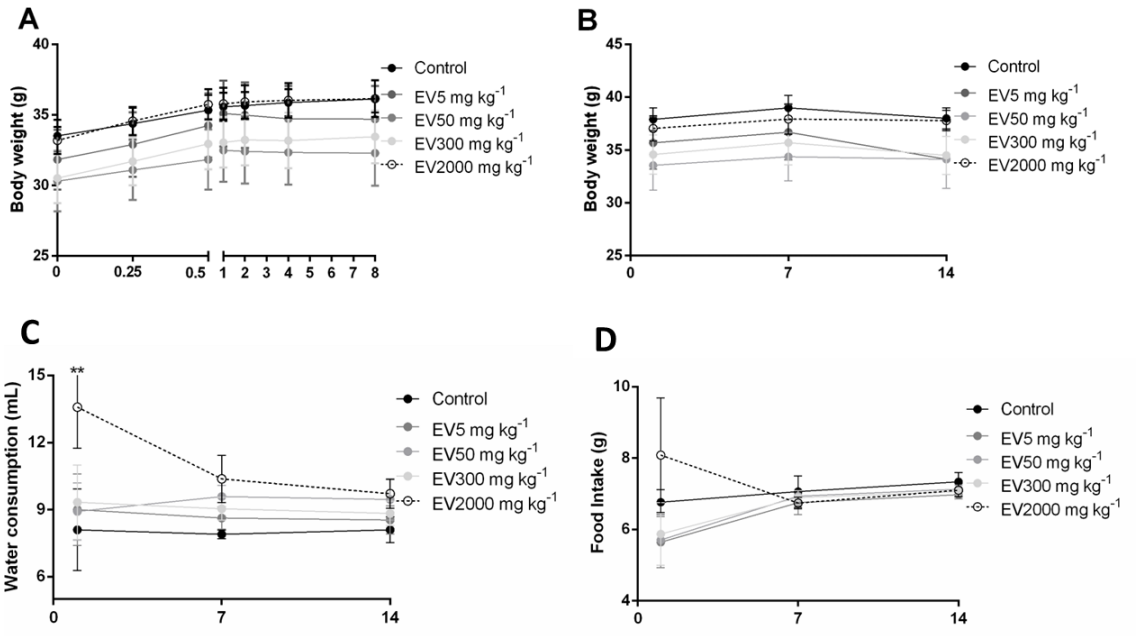


Figure 2. A and B- Effect of the butanolic extract of *E. verna* on the body weight of female Swiss mice treated in a single dose at concentrations 5, 50, 300 and 2000 mgKg^{-1} in relation to the control. C and D – Values obtained in the consumption of water (C) and feed (D) evaluated for 14 days, in female mice, in the control group and treated at different doses with

E. verna extract. Values expressed as mean ± SEM. One-way ANOVA followed by Bonferroni multiple comparison test. ** p <0.1 when compared to the control group, n = 3 for each group.

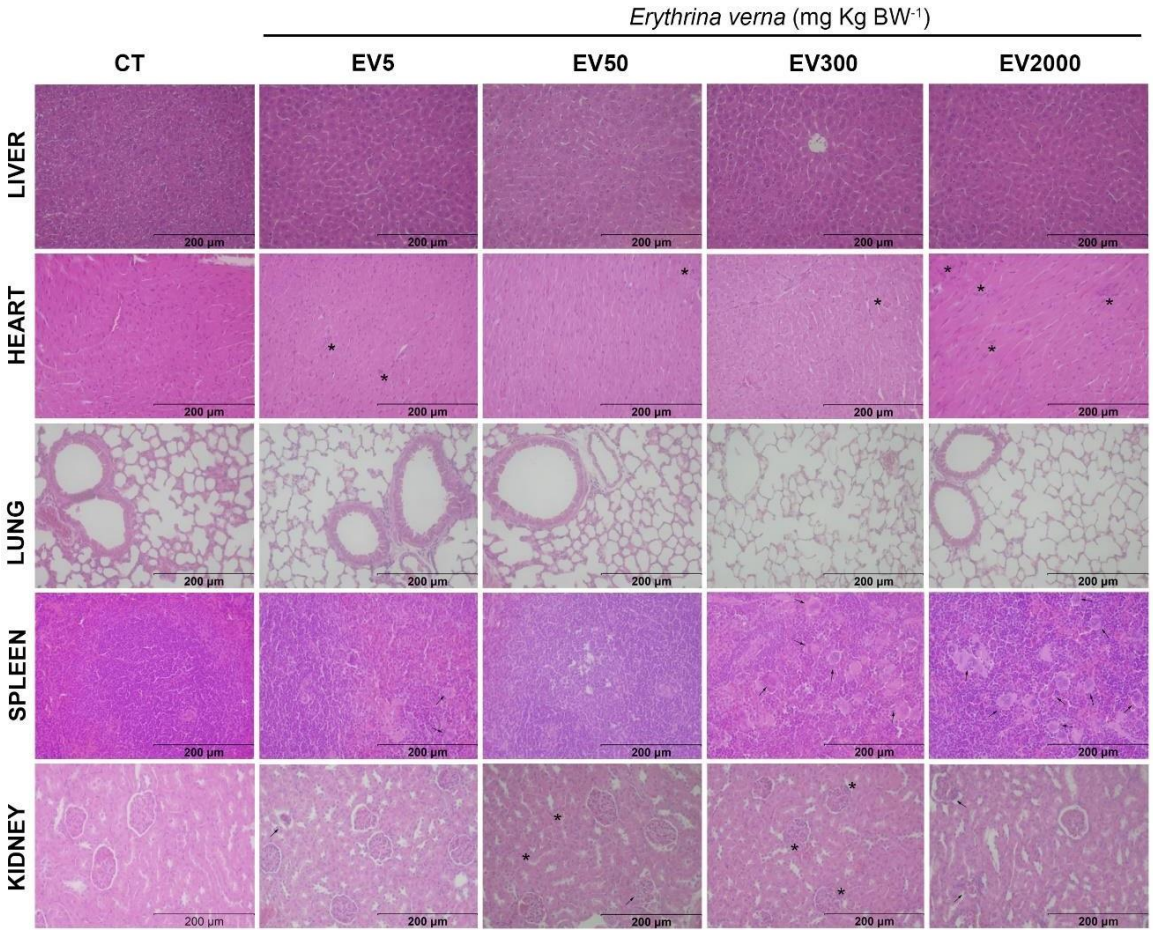


Figure 3. Photomicrograph of the liver, kidney, spleen and lung of female mice control and treated with 50, 300 and 2000 mgKg^{-1} of butanolic extract of *Erythrina verna* in the acute oral toxicity test after 14 days of treatment. Size bar for comparison 200 µm. H& E (20x). * Inflammatory infiltrate.

Table 1

Parameters	Control	*Erythrina verna*			
		5 mgKg^{-1}	**50 mgKg^{-1}**	**300 mgKg^{-1}**	**2.000 mgKg^{-1}**
Erytrocytes (millions/µL)	8.62 ± 0.11	8.89 ± 0.34	9.05 ± 0.42	9.07 ± 0.19	9.65 ± 1.46
Hemoglobin (gm/dL)	14.5 ± 0.81	15.6 ± 0.32	15.2 ± 0.42	16.6 ± 0.26**	15.9 ±0.61*
Hematocrit (%)	47.47 ± 0.38	47. ± 1.51	51.9 ± 3.06	51.9 ±1.37	50.9 ± 1.90
MCV (fL)	55.06 ±0.49	53.8 ± 1.45	57.3 ± 1.51	57.3 ± 2.48	53.4 ± 6.79
MCH (pg)	16.78 ± 0.78	17.6 ± 0.81	16.9 ± 1.24	18.3 ± 0.13	16.8 ± 3.02
MCHC (g/dL)	30.46 ± 1.47	32.7 ± 0.89	29.4 ± 2.37	32.0 ± 1.30	31.2 ± 1.66
Platelets	970.33 ± 167.81	1,938.33 ± 185.73	1,749.33 ±101.05	2,663.33 ± 873.79	1,918.33 ± 811.20
Total leucocytes	4200.00 ± 624.5	3833.33 ± 251.7	3033.3 ± 208.2	4366.7 ± 950.4	5066.7 ± 1887.7
Segmented neutrophils (%)	41.33 ± 6.11	38.3 ± 7.64	26.7 ± 2.89	36.7 ± 5.77	44.0 ± 21.0
Lynphocytes (%)	56.67 ± 5.77	61.7 ± 7.64	73.3 ± 2.89	63.0 ± 6.08	55.0 ± 21.8
Eosinophil (%)	2.00 ± 2.0	0.00 ± 0.00	0.00 ± 0.00	0.33 ± 0.58	1.00 ± 1.00
Monocytes (%)	0.00 ± 0.00	0.00 ± 0.00	0.00 ± 0.00	0.00± 0,00	0.00 ± 0.00

MCH = mean corpuscular hemoglobin; MCHC = mean corpuscular hemoglobin concentration; MCV = mean corpuscular volume. Values expressed as mean ± SEM. One-way ANOVA followed by Bonferroni multiple comparison test. * $p < 0.05$, ** and $p < 0.1$ when compared to the control group, n = 3 for each group.

Table 2

Parameters	Controle	Erythrina verna			
		5 $mgKg^{-1}$	**50 $mgKg^{-1}$**	**300 $mgKg^{-1}$**	**2.000 $mgKg^{-1}$**
Colesterol Total (mg/dl)	96.7 ± 16.17	131.3 ± 6.11	129.0 ± 31.0	138.3 ± 48.69	67.3 ± 19.43
Glicose (mg/dl)	170.3 ± 74.3	189.3 ± 18.2	157.3 ± 4.16	131.3 ± 48.8	134.0 ± 26.5
AST (U/L)	158.0 ± 42.1	213.3 ± 15.5	217.3 ± 26.0	224.0 ± 57.7	224.0 ± 52.3
Triglicerideos (mg/dL)	131.3 ± 40.3	92.7 ± 5.77	65.0 ± 6.25***	98.3 ± 5.86	133.3 ± 37.0
ALT (U/L)	29.7 ± 11.0	38.3 ± 6.80	33.0 ± 10.1	37.7 ± 11.6	32.7 ± 1.20
Albumina (g/dl)	3.57 ± 0.38	4.67 ± 0.64	4.50 ± 0.30	4.07 ± 0.95	4.73 ± 0.23
HDL (mg/dl)	28.7 ± 5.87	36.3 ± 3.06	38.5 ± 5.16	58.1 ± 9.43***	53.7 ± 3.84**

HDL = high density lipoprotein; AST = aspartate aminotransferase; ALT = alanine aminotransferase. Values are mean ± SEM. (n = 3). n significantly different from control, $p < 0.05$ using the Kruskal-Wallis test, followed by the post-Dunn test. Values expressed as mean ± SEM. One-way ANOVA followed by Bonferroni multiple comparison test. * $p < 0.05$, ** $p < 0.01$ and *** $p < 0.001$ when compared to the control group., n = 3 for each group.

Table 3.

Organs	Control	Erythrina verna			
		5 mgKg^{-1}	**50 mgKg^{-1}**	**300 mgKg^{-1}**	**2.000 mgKg^{-1}**
Spleen (g/BW)	0.0043 ± 0.0004	0.0044 ± 0.0005	0.0039 ± 0.0014*	0.0038 ± 0.0012**	0.0043 ± 0.0006*
Heart (g/BW)	0.0045 ±0.0005	0.0048 ± 0.001	0.0054 ± 0.0019	0.0047 ± 0.0007	0.0045 ± 0.0005
Liver (g/BW)	0.0540 ± 0.0056	0.0474 ± 0.0012	0.0440 ± 0.0038	0.0429 ± 0.0019	0.0437 ± 0.0019
Lung (g/BW)	0.0063 ± 0.0003	0.0099 ± 0.0020	0.0064 ± 0.0013	0.0096 ± 0.0012	0.0067 ± 0.0006
Kidney (g/BW)	0.0112 ± 0.0005	0.0121 ± 0.0006	0.0108 ± 0.0008	0.0114 ± 0.0002	0.0123 ± 0.0009

BW- Body Weight. One-way ANOVA followed by Bonferroni multiple comparison test * $p < 0.05$, ** $p < 0.1$ when compared to the control group.

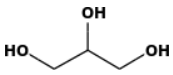
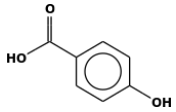
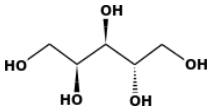
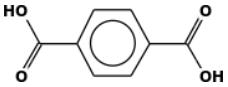
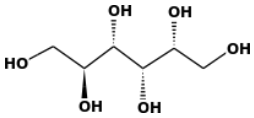
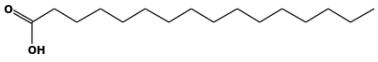
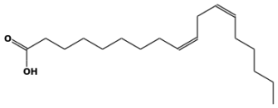
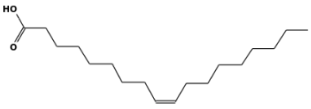
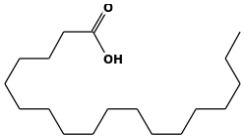
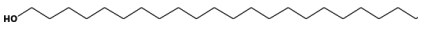
Table 1. Hematological parameters of Swiss mice treated with butanolic extract of *Erythrina verna* bark in the acute toxicity study.

Table 2. Biochemical parameters of Swiss mice treated with butanolic extract of *Erythrina verna* bark in the acute toxicity study.

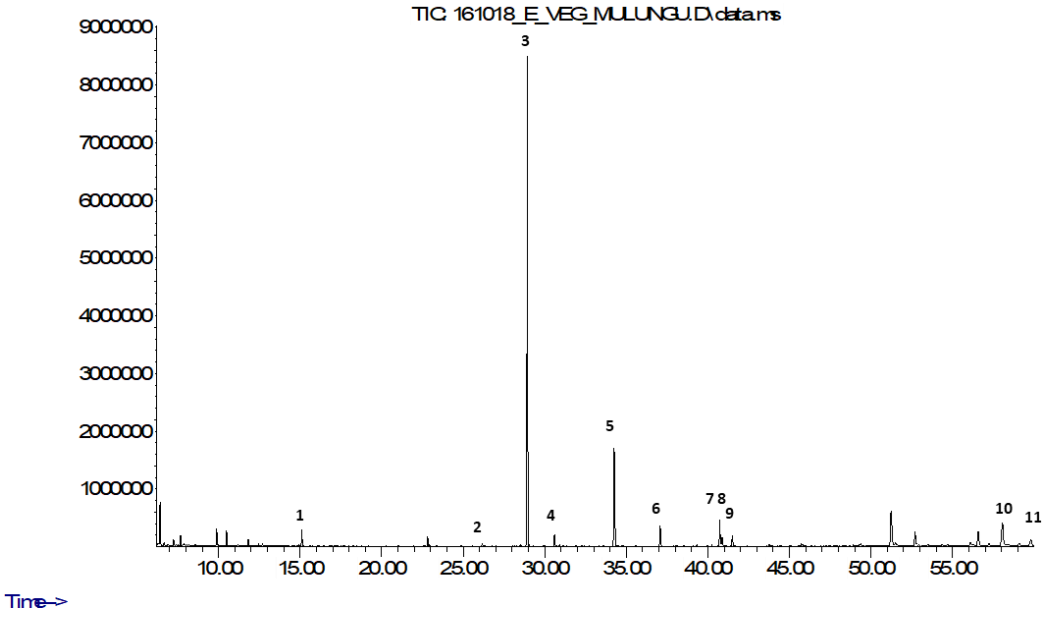
Table 3. Effect of the butanolic extract of *Erythrina Verna* bark on the relative weight of organs in *Swiss* mice treated for 14 days with different doses.

Supplementary material

Table S1. Chemical constituents identified by GC/MS from crude extract of *Erythrina verna*.

Peak	RT (min)	Area	%	Compound	Chemical structure	Reference
1	15.10	902164	1.43	Glycerol		[NIST]
2	26.16	7447225	0.28	4-Hydroxybenzoic Acid		[NIST]
3	28.94	1474834	50.16	Arabitol		[NIST]
4	30.59	261211587	1.16	Terephthalic acid		[NIST]
5	34.25	6054125	11.91	Glucitol		[NIST]
6	37.06	62028244	2.30	Hexadecanoic acid		[NIST]
7	40.72	11983991	2.51	(Z,Z)-9,12-Octadecadienoic acid		[NIST]
8	40.86	13087589	0.98	(Z)-Octadec-9-enoic acid		[NIST]
9	41.49	5112903	1.21	Octadecanoic Acid		[NIST]
10	56.57	15895056	3.05	Hexacosan-1-ol		[NIST]
11	59.79	7624170	1.46	Hexacosanoic Acid		[NIST]

RT: retention time; %: relative area


Abundance
TIC: 161018_E_VEG_MULUNGU.D\data.ms
9000000
8000000
7000000
6000000
5000000
4000000
3000000
2000000
1000000
1
2
3
4
5
6
7 8
9
10
11
10.00
15.00
20.00
25.00
30.00
35.00
40.00
45.00
50.00
55.00
Time->

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitem concluir que o extrato da casca de *Erythrina verna* apresenta potencial efeito antimicrobiano contra diferentes cepas de estreptococos do grupo mutans. Além disso o extrato bruto de EV foi mais eficiente na inibição dos microrganismos testados comparado com seus compostos isolados. O uso do extrato de EV associado com a clorexidina possui efeito sinérgico, uma vez que reduz significativamente o número de unidades formadoras de colônia. Com relação a toxicidade constatou que a dose letal oral aguda do extrato butanólico de *E. verna* é superior a 2000 $mgKg^{-1}$. Os dados obtidos suportam o uso deste extrato no tratamento de doenças causadas por estreptococos do grupo mutans e estabelecem sua capacidade como provável base para compostos alternativos de resistência a antibióticos. No entanto, mesmo doses únicas devem ser usadas com cautela, pois doses de 5, 50, 300 e 2.000 $mgKg^{-1}$ resultaram em alterações histológicas no baço, rim e coração de camundongos.

REFERÊNCIAS

1. Lahlou M. The Success of Natural Products in Drug Discovery. Pharmacology & Pharmacy. 2013; 04:17-31. https://doi.org/10.4236/pp.2013.43A003

2. Souza CD, Felfili JM. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. Acta Botânica Brasileira. 2006; 20:135-142.

3. Leão RBA, Ferreira MRC, Jardim MAG. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. Revista Brasileira Farmacognosia. 2007; 88:21-25.

4. WHO. Research Guidelines for Evaluating the Safety and Efficacy of Herbal Medicines. Manilla: WHO Regional Office for Western Pacific; 1993.

5. Salehi B, Ata A, Anil Kumar N, Sharopov F, Ramírez-Alarcón K, Ruiz-Ortega A, et al. Antidiabetic Potential of Medicinal Plants and Their Active Components. Biomolecules. 2019; 9(10):551. https://doi.org/10.3390/biom9100551

6. Seepe HA, Nxumalo W, Amoo SO. Natural Products from Medicinal Plants against Phytopathogenic *Fusarium* Species: Current Research Endeavours, Challenges and Prospects. Molecules. 2021; 26(21):6539. https://doi.org/10.3390/molecules26216539

7. Odukoya JO, Odukoya JO, Mmutlane EM, Ndinteh DT. Ethnopharmacological Study of Medicinal Plants Used for the Treatment of Cardiovascular Diseases and Their Associated Risk Factors in sub-Saharan Africa. Plants (Basel). 2022;11(10):1387. https://doi.org/10.3390/plants11101387

8. Cragg GM, Newman DJ. Natural products: A continuing source of novel drug leads. Biochimica et Biophysica Acta. 2013; 1830: 3670-3695. https://doi.org/10.1016/j.bbagen.2013.02.008

9. Kaur S, Suseela V. Unraveling Arbuscular Mycorrhiza-Induced Changes in Plant Primary and Secondary Metabolome. Metabolites. 2020;10(8):335. https://doi.org/10.3390/metabo10080335.

10. Badke MR, Budó MLD, Alvim NAT, Zanetti GD, Heisleret EV. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Texto Contexto Enfermagem. 2012; 21:363-70. https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000200014

11. Germano PML, Germano MIS. Higiene e Vigilância Sanitária de Alimentos. 4. ed. Barueri, SP: Manole; 2011.

12. Lemos JA, Palmer SR, Zeng L, Wen ZT, Kajfasz JK, Freires IA, Abranches J, Brady LJ. The Biology of *Streptococcus mutans*. Microbiol Spectr. 2019;7(1). https://doi10.1128/microbiolspec.GPP3-0051-2018

13. Prates LLCM. Atividade de extratos de *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth. sobre o

crescimento populacional e a formação de biofilme de Streptococcus do grupo mutans. Dissertação(Mestrado Ciências da Saúde) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, p. 64, 2017.

14. Wasfi R, Abd El-Rahman OA, Zafer MM, Ashour HM. Probiotic Lactobacillus sp. inhibit growth, biofilm formation and gene expression of caries-inducing Streptococcus mutans. J Cell Mol Med. 2018;22(3):1972-1983. http://doi: 10.1111/jcmm.13496

15. Joly CA, Verdade M & Berlinck RGS. Diagnóstico da pesquisa em biodiversidade no Brasil. Rev. Usp. 2011; 89:114–133.

16. Onusic GM, Nogueira RL, Pereira AMS, Flausino OA, VIana MB. Effects of chronic treatment with a water-alcohol extract from *Erythrina mulungu* on anxiety-related responses in rats. Biol Pharm Bull. 2003; 26:1538–1542. https://doi.org/10.1248/bpb.26.1538

17. Onusic GM, Nogueira RL, Pereira AMS, Viana MB. Effect of acute treatment with a water-alcohol extract of *Erythrina mulungu* on anxiety-related responses in rats. Braz J Med Biol Res. 2002; 35: 473–477. https://doi.org/10.1590/S0100-879X2002000400011

18. Vasconcelos SM, Lima NM, Sales GT, Cunha GM, Aguiar LM, Silveira ER, et al. Anticonvulsant activity of hydroalcoholic extracts from *Erythrina velutina* and *Erythrina mulungu*. J Ethnopharmacol. 2007;110(2):271-4. https://doi.org/10.1016/j.jep.2006.09.023

19. Vilegas W, Cardoso CAL, Quevedo AEP. Controle químico de qualidade de fitoterápicos e plantas medicinais. In: Cechinel Filho V, Yunes RA. Química de produtos naturais, novos fármacos e a moderna farmacognosia.5º edição. Ed. Itajaí, SC: Univali, 2016.

20. Eldin S, Dunford A. Fitoterapia na atenção primária à saúde. São Paulo: Manole, 2001.

21. Jütte R, Heinrich M, Helmstädter A, Langhorst J, Meng G, Niebling W, et al. Herbal medicinal products - Evidence and tradition from a historical perspective. J Ethnopharmacol. 2017; 207:220-225. https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.06.047

22. Firmo WCA, Menezes VJM, Passos CEC, Dias CN, Alves LPL, Dias ICL, et al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. Caderno de Pesquisa. 18: n. especial; 2011.

23. Alves LF. Produção de Fitoterápicos no Brasil: História, Problemas e Perspectivas. Revista Virtual de Química. 2013; 5:450-513.

24. Almeida MZ. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. In: Plantas Medicinais [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA. 2011:34-66. https://doi.org/10.7476/9788523212162

25. Petrovska BB. Historical review of medicinal plants' usage. Pharmacogn Rev. 2012; 6(11):1-5. https://doi.org/10.4103/0973-7847.95849

26. Šantić Ž, Pravdić N, Bevanda M, Galić K. The historical use of medicinal plants in traditional and scientific medicine. Psychiatr Danub. 2017; 29(4):787-792.

27. Fernandes TM. Plantas Medicinais – memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2004.

28. Sheldon JW. Medicinal Plants: Can utilization and conservation coexist? Advances in Economy Botany.1997; 12:104.

29. Batista LM, Valença AMA. Fitoterapia no Âmbito da Atenção Básica no SUS: Realidades e Perspectivas. Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada. 212; 12:293-296.

30. Simões C, Schenkel E, Mello J, et al. Farmacognosia do produto natural ao medicamento. Porto Alegre. 2017; 502 - 537.

31. Lucy H, Edgar JD. Medicinal plants: a reemerging health aid, division of life sciences UNESCO; 1999.

32. Veiga JVF, Pinto AC, Maciel MAM. Medicinal plants: safe cure? Química Nova. 2005; 28(3):519-528.

33. Rahman MH, Roy B, Chowdhury GM, Hasan A, Saimun MSR. Medicinal plant sources and traditional healthcare practices of forest-dependent communities in and around Chunati Wildlife Sanctuary in southeastern Bangladesh. Environmental Sustainability. 2022; 5(2):207–41. https://doi.org/10.1007/s42398-022-00230-z

34. Melro JCL, Fonsesca AS, Silva JMJ, Franco SPB, Souza MA, Pimentel YFC, et al. Ethnodirigid study of Medicinal plants used by the population assisted by the "Programa de Saúde da Família" (Family Health Program) in Marechal Deodoro - AL, Brazil. Brazilian Journal of Biology [online]. 2020; 80(2):410-423. https://doi.org/10.1590/1519-6984.214039

35. Barreiro EJ, Bolzani VS. Biodiversidade: fonte pontencial para a descoberta de fármacos. Química Nova. 2009; 32(2). https://doi.org/10.1590/S0100-40422009000300012

36. Guerra MP, Nodari RO, Reis MS, Schmidt W. Agricultura, Biodiversity and "Appropriate Biotecnologies" in Brazil. Ciência e Cultura, 1998; 50:408-416.

37. BRASIL, RDC nº26,de 13 de maio de 2014. Regulamenta o registro de Medicamentos Fitoterápicos (MF) e o registro e a notificação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos (PTF). Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2014.

38. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. Memento fitoterápico: farmacopéia brasileira. Brasília, DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária; 2016.

39. Choi SR, Lee MY, Kim SA, Oh J, Hyun DW, Lee S, et al. Nontargeted Metabolomics as a Screening Tool for Estimating Bioactive Metabolites in the Extracts of 50 Indigenous Korean Plants. Metabolites. 2021;11(9):585. https://doi.org/10.3390/metabo11090585

40. Phillipson JD. Phytochemistry and medicinal plants. Phytochemistry. 2001; 56:237-43.

41. Fumagali E, Gonçalves RAC, Machado MFS, Vidoti GJ, Oliveira AJB. Produção de metabólitos secundários em cultura de células e tecidos de plantas: O exemplo dos gêneros *Tabernaemontana* e *Aspidosperma*. Brazilian Journal of Pharmacognosy. 2008; 18(4):627-641. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2008000400022

42. Lapa AJ, Souccar C, Lima-Landaman MTR, Godinho RO, Lima TCM. Farmacologia e toxicologia de produtos naturais. In: Simões CMO, Shenkel EP, Gosmann G, Mello JCP, Mentz LA, Petrovick PR. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 6. Ed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da UFRGS/Editora da UFSC. 2010; 247-262.

43. Tays L, Zeiger E. Fisiologia vegetal. 3 ed. Porto Alegre: Artmed; 2004.

44. Nass LL. Recursos genéticos vegetais. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos Vegetais e Biotecnologia; 2007.

45. Granato EM, Granato MM, Gerenutti M, Silva MG, Ferraz HO, Vila MMDC. Prospecção fitoquímica da espécie vegetal *Trixis antimenorrhoea* (Schrank) Kuntze. Revista Brasileira de Farmácia. 2013; 4(2):130-135.

46. Boorhem RLL. Herbal Drugs and Extracts Used in Phytoterapy. Revista Fitos. 2009; 4(1):37-55.

47. Chen XQ, Wang M, Zhang X, Guo WW, Wu X. Study on chemical constituents of Achillea alpine. Chin. J. Chin. Mater. Med. 2015; 40:1330–1333.

48. Matos FJA. Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades, 2ª ed. Ed. UFC, Fortaleza; 1994.

49. Retta D, Dellacassa E, Villamil J, Suarez SA., Bandoni AL. "Marcela, a promising medicinal and aromatic plant from Latin America: a review," Industrial Crops and Products, 2012; 38(1): 27–38. https://doi.org/10.1016/j.indcrop.2012.01.006

50. Medicina natural. Natural Medicines Comprehensive Database. Ed. Therapeutic Research Faculty, Stockton, CA; 2007.

51. Dhawan K, Kumar R, Kumar S, Sharma A. Correct identification of Passiflora incarnata Linn., a promising herbal anxiolytic and sedative. J Med Food. 2001; 4(3):137-44. https://doi.org/10.1089/109662001753165710

52. Hansel R, Tyler V, Schulz V. Fitoterapia Racional (trad.); 4ª ed. Ed. Manole, Barueri; 2002.

53. Rocha L, D'Hyppolito J, Silva R. Fitoterapia Magistral – Um guia prático para manipulação de fitoterápicos. Publ. ANFARMAG, São Paulo; 2005.

54. Lorenzi H, Matos FJA. Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Instituto Plantarum; 2002.

55. Oliveira DG, Prince KA, Higuchi CT, Santos ACB, Lopes LMX, Simões MJS, et al. Antimycobacterial activity of some Brazilian indigenous medicinal drinks. Rev. Ciênc. Farm. Básica Apl. 2007; 28:165–169.

56. Farmacopéia chinesa. *Pharmacopoeia of the People's Republic of China*. English edition. Chemical Industry Press, Beijing, China; 1992.

57. Huang KC. The Pharmacology of Chinese Herbs. 2nd ed., CRC Press, Lincoln; 1999.

58. Duan X, Jia CF, Duan M. Treatment of non-small-cell lung cancer by Fuzheng anticancer prescription combined with chemotherapy. Shanxi Traditional Chinese Medicine. 2014; 35:311–312.

59. Blumenthal M, Busse, WR, Goldberg A. The Complete German Commission e Monographs: Therapeutic Guide to Herbal Medicines. Austin: American Botanical Council and Boston: Integrative Medicine Communications; 1998.

60. Jakovljevic M, Jokic S, Molnar M, Jasic M, Babic J, Jukic H, et al. Bioactive profile of various Salvia offici*n*alis L. preparations. Plants (Basel). 2019; 8(3). **https://doi.org/10.3390/plants8030055**

61. Rincón S, Panesso D, Díaz L, Carvajal LP, Reyes J, Munita JM, et al. Resistencia a antibióticos de última línea en cocos Gram positivos: la era posterior a la vancomicina [Resistance to "last resort" antibiotics in Gram-positive cocci: The post-vancomycin era]. Biomedica. 2014; 34(1):191-208. https://doi.org/10.1590/S0120-41572014000500022

62. Eisenreich W, Rudel T, Heesemann J, Goebel W. Link Between Antibiotic Persistence and Antibiotic Resistance in Bacterial Pathogens. Front Cell Infect Microbiol. 2022; 12:900848. https://doi.org/10.3389/fcimb.2022.900848

63. Lorenzi H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum; 2009.

64. Jiménez CT, Bautista M, Velázquez GC, Jaramillo MOA, Guerrero SJA, Urrutia HTA, et al. Promising Antioxidant Activity of *Erythrina* Genus: An Alternative Treatment for Inflammatory Pain? Int J Mol Sci. 2020; 22(1):248. https://doi.org/10.3390/ijms22010248

65. Rosa DS, Faggion SA, Gavin AS, Anderson SM, Fachim HA, Santos WF, et al. Erysothrine, an alkaloid extracted from flowers of *Erythrina mulungu* Mart. ex Benth: evaluating its anticonvulsant and anxiolytic potential. Epilepsy Behav 2012; 23(3):205–212. https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2012.01.003

66. Faggion SA, Cunha AO, Fachim HA, Gavin AS, dos Santos WF, Pereira AM, et al. Anticonvulsant profile of the alkaloids (+)-erythravine and (+)-11-alpha-hydroxy-erythravine isolated from the flowers of *Erythrina mulungu* Mart ex Benth (Leguminosae-Papilionaceae). Epilepsy Behav 2011; 20(3):441–446. https://doi.org/10.1016/j.yebeh.2010.12.037

67. Flausino OJ, Santos LA, Verli H, Pereira AM, Bolzani VS, Nunes-de Souza RL. Anxiolytic effects of erythrinian alkaloids from *Erythrina mulungu*. J Nat Prod 2007; 70(1):48–53. https://doi.org/10.3390/plants7020043

68. Flausino OA Jr, Pereira AM, da Silva BV, Nunes RLS. Effects of erythrinian alkaloids isolated from *Erythrina mulungu* (Papilionaceae) in mice submitted to animal models of anxiety. Biol Pharm Bull. 2007; 30(2):375–378. https://doi.org/10.1248/bpb.30.375

69. Parsons AF, Palframan MJ. Erythrina and related alkaloids. Alkaloids Chem Biol 2010; 68:39–81.

70. Cui L, Thuong PT, Lee HS, Ndinteh DT, Mbafor JT, Fomum ZT, Oh WK. Flavanones from the stem bark of *Erythrina abyssinica*. Bioorg Med Chem. 2008; 16(24):10356–10362. https://doi.org/10.1016/j.bmc.2008.10.012

71. Cui L, Thuong PT, Fomum ZT, Oh WK. A new Erythrinan alkaloid from the seed of *Erythrina addisoniae*. Arch Pharm Res. 2009; 32(3):325–328.

72. Nkengfack AE, Fomum ZT, Ubillas R, Tempesta MS. A new prenylated isoflavone and triterpenoids from *Erythrina eriotriocha*. J Nat Prod. 1990; 53(6):1552–1556. https://doi.org/10.1021/np50072a024

73. Njamen D, Mbafor JT, Fomum ZT, Kamanyi A, Mbanya JC, Recio MC, et al. Anti-inflammatory activities of two flavanones, sigmoidin A and sigmoidin B, from *Erythrina sigmoidea*. Planta Med. 2004; 70(2):104–107.

74. Tanaka H, Oh-Uchi T, Etoh H, Shimizu H, Tateishi Y. Isoflavonoids from the roots of *Erythrina poeppigiana*. Phytochemistry. 2002; 60(8):789–794.

75. Cui L, Lee HS, Ndinteh DT, Mbafor JT, Kim YH, Le TV, et al. New prenylated flavanones from *Erythrina abyssinica* with protein tyrosine phosphatase 1B (PTP1B) inhibitory activity. Planta Med. 2010; 76(7):713–718. https://doi.org/ 10.1055/s-0029-1240682

76. Togola A, Austarheim I, Theis A, Diallo D, Paulsen BS. Ethnopharmacological uses of *Erythrina senegalensis*: a comparison of three areas in Mali, and a link between traditional knowledge and modern biological science. J Ethnobiol Ethnomed. 2008; 4:6. https://doi.org/10.1186/1746-4269-4-6

77. Kumar A, Lingadurai S, Jain A, Barman NR. *Erythrina variegata* Linn: a review on morphology, phytochemistry, and pharmacological aspects. Pharmacognosy Rev. 2010; 4(8):147–152. https://doi.org/10.4103/0973-7847.70908

78. Folkers K, Major RT, Isolation of erythroidine, an alkaloid of curare action, from *Erythrina americana* Mill. J. Am. chem. soc. 1937; 59(8): 1580–1581.

79. Parsons A, Palframan MJ. Erythrina and related alkaloids. In Cordell GA, editor, The Alkaloids: Chemistry and Biology. Vol. Chennai: Academic Press. 2010; 68:39-81.

80. Flausino O, Santos LD, Verli H, Pereira AM, Bolzani VD, Nunes R.LS. Anxiolytic Effects of Erythrinian Alkaloids from *Erythrina* mulungu. J. Nat. Prod. 2007; 70:48–53.

81. Ozawa M, Honda K, Nakai I, Kishida A, Ohsaki A. Hypaphorine, an indole alkaloid from Erythrina velutina, induced sleep on normal mice. Bioorganic & Medicinal Chemistry Letters. 2008; 18(14):3992-3994.

82. Faggion SA, Cunha AOS, Fachim HA, Gavin AS, dos Santos WF, Pereira AMS et al. Pharmacokinetic disposition of erythraline in rats after intravenous administration Epilepsy Behav. 2011; 20:441–446.

83. Crestey F, Jensen AA, Borch M, et al. Design, synthesis, and biological evaluation of Erythrina alkaloid analogues as neuronal nicotinic acetylcholine receptor antagonists. Journal of Medicinal Chemistry. 2013; 56(23):9673-9682.

84. Demarque DP, Callejon DR., Pinto LG, et al. Pharmacokinetic disposition of erythraline in rats after intravenous administration. *Rev. Bras. Farmacogn.* 2019; 29: 773–777. https://doi.org/10.1016/j.bjp.2019.07.002

85. Oliveira DR, Sanada PF, Filho AC, Conceição GM, Cerutti JM, Cerutti SM. Long-term treatment with standardized extract of *Ginkgo biloba* L. enhances the conditioned suppression of licking in rats by the modulation of neuronal and glial cell function in the dorsal hippocampus and central amygdala. Neuroscience. 2013; 235:70–86.

86. Oliveira DR, Sanada PF, Saragossa ACF, Innocenti LR, Oler G, Cerutti JM, et al. Neuromodulatory property of standardized extract *Ginkgo biloba* L. (EGb 761) on memory: behavioral and molecular evidence. Brain Res. 2009; 1269:68–89.

87. Rendeiro C, Vauzour D, Kean RJ, Butler LT, Rattray M, Spencer JP, et al. Blueberry supplementation induces spatial memory improvements and region-specific regulation of

hippocampal BDNF mRNA expression in young rats. Psychopharmacology (Berl). 2012; 223(3):319–330.

88. Spencer JP, Vafeiadou K, Williams RJ, Vauzour D. Neuroinflammation: modulation by flavonoids and mechanisms of action. Mol Aspects Med. 2012; 33(1):83–97.

89. Williams RJ, Spencer JP. Flavonoids, cognition, and dementia: actions, mechanisms, and potential therapeutic utility for Alzheimer disease. Free Radic Biol Med. 2012; 52(1):35–45.

90. Spencer JP. The impact of fruit flavonoids on memory and cognition. Br J Nutr. 2010; 104(3):40-7.

91. Vasconcelos SMM, Oliveira GR, de Carvalho MM, Rodrigues ACP, Silveira ER, et al. Antinociceptive activities of the hydroalcoholic extracts from *Erythrina velutina* and *Erythrina mulungu* in mice. Biol Pharm Bull. 2003; 26: 946–949.

92. de Mello FB, Langeloh A, de Mello JRB. Pre-clinic toxicity of a phytoterapic containing Passiflora alata, Erythrina mulungu, Leptolobium elegans and Adonis vernalis. Latin American Journal of Pharmacy. 2007;26(2):191-200.

93. Fiss E, Guelere Paris E, De Castro Brandao D, Ghorayeb N. Passiflora, Crataegus and Erythrina combination efficacy and tolerability clinical evaluation compared to Passiflora, Crataegus and Salix combination in the treatment of patients suffering from insomnia and mild anxiety. Revista Brasileira de Medicina. 2006; 63(9):489-96.

94. Ministério da Saúde e Anvisa. Monografia da espécie *Erythrina mulungu* (mulungu). Brasília, 2005.

95. Pereira LGF, Guaratini T, Callegari JLL, Lopes NP, Bizaro AC, da Silva DB. Application of electron ionization mass spectrometry for mulungu alkaloid analysis. Quimica Nova. 2012; 35(11):2177-U101.

96. Panizza ST, Veiga RdS, Almeida MCd. Uso Tradicional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. São Paulo: CONBRAFITO; 2012.

97. de Lima MRF, de Souza LJ, dos Santos AF, de Andrade MCC, Sant'Ana AEG, Genet JP, et al. Anti-bacterial activity of some Brazilian medicinal plants. Journal of Ethnopharmacology. 2006; 105(1-2):137-47.

98. Proenca GV, Silva MG, Sabha M, Vila MMDC, Gerenutti M. Toxicological effects of erythrina mulungu mart. on the reproductive performance of pregnant rats. Pharmacologyonline. 2012; 2:23-8.

99. de Bona AP, Andrade MA, et al. Phytochemical and mutagenic analysis of leaves and inflorescences of Erythrina mulungu (Mart. Ex Benth) through micronucleus test in rodents. Rev bras plantas med. 2012;14(2):344-51.

100. Brasil. Farmacopeia Brasileira. In: ANVISA, editor. 5 ed. Brasília; 2010.

101. BRASIL. Ministério da Saúde. Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do SUS – RENISUS; 2022.

102. Lee HH, Sudhakara P, Desai S, Miranda K, Martinez LR. Understanding the Basis of METH Mouth Using a Rodent Model of Methamphetamine Injection, Sugar Consumption, and Streptococcus mutans Infection. mBio. 2021; 12(2):e03534-20.

103. Bowen WH. Do we need to be concerned about dental caries in the coming millennium? Crit Rev Oral Biol Med. 2002; 13:126–131.

104. Paes Leme AF, Koo H, Bellato CM, Bedi G, Cury JA. The role of sucrose in cariogenic dental biofilm formation: new insight. J Dent Res. 2006; 85(10):878-887.

105. Hamada S, Slade HD. Biology, immunology and cariogenicity of *Streptococcus mutans* and dental caries prevention. J Dent Res 1980; 63:407–411.

106. Marsh P, Martin MV. Microbiologia Bucal. Trad. 4ª ed. Sâo Paulo: Livraria Santos; 2005.

107. Banas JA, Vickerman MM. Glucan-binding proteins of the oral *streptococci.* Crit Ver Oral Biol Med. 2003; 14:89–99.

108. Kuramitsu HK. Virulence factor of mutans streptococci: role of molecular genetics. Crit Rev Oral Biol Med. 1993; 4:159-176.

109. Mcneill K, Hamilton IR. Acid tolerance response of biofilm cells of *Streptococcus mutans*. FEMS Microbiol Lett. 2003; 221: 25-30. https://doi.org/10.1128/AEM.01049-07

110. Abdus SM, Matsumoto N, Matin K, Tsuha Y, Nakao R, Hanada N, Sen- Puku H. Establishment of an animal model using recombinant NOD. B10.D2 mice to study initial adhesion of oral streptococci. Clinical and Diagnostic. Laboratory Immunology. 2004; 11: 379–386. https://doi.org/10.1128/CDLI.11.2.379-386.2004

111. Yamashita Y, Bowen WH, Burne RA, Kuramitsu HK. Role of the *Streptococcus mutans* gft genes in caries induction in the specific-pathogen-free rat model. Infect Immun, Oxford. 1993; 61:3811-3817. https://doi.org/10.1128/iai.61.9.3811-3817.1993

112. Hayacibara MF, Koo H, Rosalen PL, Duarte S, Franco EM, Browen WH, Ikegaki M, Cury JA. In vitro and vivo effects of isolated fractions of Brazilian propolis on caries development. J Ethnopharmacol.1995; 101:110-115. https://doi.org/10.1016/j.jep.2005.04.001

113. Sampaio FC, Pereira MS, Dias CS, Costa VC, Conde NC, Buzalaf MA. *In vitro* antimicrobial activity of *Caesalpinia ferrea* Martius fruits against oral pathogens. J Ethnopharmacol. 2009; 124:289–294. https://doi.org/10.1016/j.jep.2009.04.034

114. Turolla MSR, Nascimento ES. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences. 2006; 42(2):289-306. https://doi.org/10.1590/S1516-93322006000200015

115. Bowen WH. Do we need to be concerned about dental caries in the coming millennium? Crit Rev Oral Biol Med 2002;13:126–131.

116. Paes Leme AF, Koo H, Bellato CM, Bedi G, Cury JA. The role of sucrose in cariogenic dental biofilm formation: new insight. J Dent Res. 2006; 85(10):878-887.

117. Hamada S, Slade HD. Biology, immunology and cariogenicity of *Streptococcus mutans* and dental caries prevention. J Dent Res 1980;63:407–411.

118. Loesche WJ. Role of *Streptococcus mutans* in human dental decay. Microbiol Rev.1986; 50:353 – 380.

119. Keyes PH. Recent advanges in dental research. Bacteriology. Int Dent J, London, v. 12, n.4, p. 443-464, 1962.

120. Bentley RW, Leigh JA, Collins MD. Intrageneric structure of *Streptococcus* based on comparative analysis of small-subunit rRNA sequences. Int J Syst Bacteriol, 41 (4): 487- 494, 1991.

121. Marsh, PD. Microbial aspects of dental plaque and dental caries. Dent Clin North Am v. 43, 1999.

122. Marsh P, Martin MV. Microbiologia Bucal. Trad. 4ª ed. Sâo Paulo: Livraria Santos; 2005.

123. Da-Hong Lee *et al*.. Inhibitory effect of Aralia continentalis on the cariogenic properties of Streptococcus mutans.Journal of Ethnopharmacology .2011;137(2):979-84.

124. Lima JEO. Cárie dentária: um novo conceito. R Dental Press Ortodon Ortop Facial, 12 (6): 119-130, 2007.

125. Loureiro CCS *et al*.. Efeitos adversos dos medicamentos tópicos e sistêmicos na mucosa buccal. Revista Brasileira de Otorrinolaringologista. 2004; 70(1):106-111.

126. Oliveira FQ, Gobira B, Guimarães C, Batista J, Barreto M, Souza M. Espécies vegetais indicadas na odontologia. Revista Brasileira de Farmacognosia. 2007; 17(3): 466-476.

127. Sullivan A. Number of mutans streptococci or lactobacilli in a total dental plaque sample does not explain the variation in caries better than the numbers in stimulated whole saliva. Community Dent Oral Epidemiol, 24 (3): 159-163, 1996.

128. Featherstone JDB. The science and practice of caries prevention. J Am Dent Assoc 2000; 131: 887-99.

129. Alves PM, Pereira JV, Higino JS, Pereira MSV, Queiroz LMG. Atividade antimicrobiana e antiaderente *in vitro* da aroeira-do-sertão sobre o biofilme dental. RBO, 63: 271-4, 2006.

130. Fenalti JM, Baccega B, Santos TM, Santos PC, Scaini CJ. Diversidade das plantas brasileiras com potencial antihelmíntico. Vittalle- Revista de Ciências da Saúde. 2016; 28:39- 48.

131. Toledo ACO, Hirata LL, Buffon MCM, Miguel MD, Miguel OG. Fitoterápicos: uma abordagem farmacotécnica. Revista Lecta. 2003; 21(1/2): 7-13.

132. Rates SMK. Plants as source of drugs. Toxicon. 2001; 39:603-13. https://doi.org/10.1016/S0041-0101(00)00154-9

133. Carvalho AC, Ramalho LS, Marques RF, Perfeito JP. Regulation of herbal medicines in Brazil. J. Ethnopharmacol. 2014; 158:503-506. https://doi.org/10.1016/j.jep.2014.08.019

134. Capasso R, Izzo AA, Pinto L, Bifulco T, Vitobello C, Mascolo N. Phytotherapy and quality of herbal medicines. Fitoterapia. 2000; 71:S58-65. https://doi.org/10.1016/S0367- 326X(00)00173-8

135. Silva FT. Avaliação clínica da potencial atividade ansiolítica do extrato seco de *Erythrina velutina*. Relatório Final (Projeto de Pesquisa) - Laboratório de Fisiologia do Comportamento, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2008.

136. Stickel F, Baumuller HM, Seitz K, Vasilakis D, Seitz G, Seitz HK. Hepatitis induce by Kava (*Piper methysticum* rhizoma). Journal of hepatology. 2003; 39(1): 62-67.

137. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 48, de 16 de março de 2004. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. 2004.

138. Yeong ML, Wakefield SJ, Ford HC. Hepatocyte membrane injury and bled formation following low dose comfrey toxicity in rats. Ind. J. Exp. Pathol, 1993; 74(1): 211-217.

139. Abbot PJ. Comfrey: assessing the low cost health risk. Med. J. Aust. 1988; 149(1): 678-682. https://doi.org/10.5694/j.1326-5377.1988.tb120821.x

140. Naz R, Ayub H, Nawaz S, Islam ZU, Yasmin T, Bano A, Wakeel A, Zia S, Roberts TH. Antimicrobial activity, toxicity and anti-inflammatory potential of methanolic extracts of four ethnomedicinal plant species from Punjab, Pakistan. BMC Complement Altern Med. 2017;17(1):302.

141. Shahbaz MU, Arshad M, Mukhtar K, Nabi BG, Goksen G, Starowicz M, Nawaz A, Ahmad I, Walayat N, Manzoor MF, Aadil RM. Natural Plant Extracts: An Update about Novel Spraying as an Alternative of Chemical Pesticides to Extend the Postharvest Shelf Life of Fruits and Vegetables. Molecules. 2022;27(16):5152.

142. Schultz F, Osuji OF, Nguyen A, Anywar G, Scheel JR, Caljon G, Pieters L, Garbe LA. Pharmacological Assessment of the Antiprotozoal Activity, Cytotoxicity and Genotoxicity of Medicinal Plants Used in the Treatment of Malaria in the Greater Mpigi Region in Uganda. Front Pharmacol. 2021;12:678535.

143. Brasil. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Conselho Nacional de Saúde. Acessado em 25 de agosto 2022. https://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa

Universidade Estadual de Montes Claros
Comissão de Ética em Experimentação e Bem-Estar Animal da Unimontes
CEEBEA

Unimontes

CERTIFICADO

Certificamos que o protocolo nº **227**, relativo ao projeto intitulado *"Erythrina mulungu* (Mart. ex Benth): Estudo fitoquímico, atividade biológica, toxicológica e mutagênica de seus constituintes" - Coordenador: Prof. Dr. Sérgio Avelino Mota Nobre está de acordo com os princípios éticos na experimentação animal, adotados pela Comissão de Ética em Experimentação e Bem-Estar Animal da Unimontes, e encontra-se **APROVADO**.

A quantidade total de animais pelo CEEBEA para este projeto foi de 27 animais.
Este certificado é válido por cinco anos após sua aprovação.

Montes Claros, 06 de Agosto de 2021.

Profª Drª Antonia de Maria Filha Ribeiro
Coordenadora do CEEBEA/UNIMONTES

Profª Antonia de Maria F. Ribeiro
Coordenadora da
CEEBEA da Unimontes

Ao retornarmos as atividades presencias todos os documentos como CD, protocolo, projeto impresso, memorando ou Ata do departamento deverão ser entregue a CEEBEA/Pró-Reitoria de Pesquisa.

ANEXO B – Normas do periódico Brazilian Journal Microbiology.

Brazilian Journal of MicrobiologySubmission Guidelines

Last update: March 2021

The official journal of the Brazilian Society of Microbiology

Online ISSN: 1678-4405

About the journal: https://www.springer.com/journal/42770/

Submit your manuscript: https://www.editorialmanager.com/bjmi/default.aspx

This journal is member of and subscribes to the principles of COPE (www.publicationethics.org)

Table of Contents

Type of Articles

The Brazilian Journal of Microbiology accepts submissions of the following article types:

- Research Papers: report results of original research, which has not been published elsewhere.
- Short communications: a short communication should report new and significant findings. Submit form is the same way as research paper. They receive the same review, they are not published more rapidly than research paper.
- Reviews: Review articles should deal with microbiological subjects of broad interest.
- Letters to the editor: letters to the editor are intended only for comments on final, typeset articles published in the journal (manuscripts posted online are not accepted) and must cite published references to support the writer's argument.

Your manuscript must be written clearly, in comprehensible and linguistically correct English. Manuscripts written in poor English will not be accepted. Please check the section "English Language Support" how to get assistance.

Sections

The Brazilian Journal of Microbiology has the following sections (one of them should be selected during the electronic submission process):

- Biotechnology and Industrial Microbiology: Biosynthesis and bioconversion of natural products, including antibiotics, xenobiotics, and macromolecules produced by bacteria. Biosynthesis and bioconversion of natural products, including antibiotics, xenobiotics, and macromolecules produced by fungi. Molecular aspects of fungal biotechnology. Molecular aspects of bacterial biotechnology.
- Food Microbiology: Applications of microorganisms (bacteria and fungi) for food production. Food borne diseases, food spoilage, and microbial ecology in foods.
- Bacterial and Fungal Pathogenesis: The genetic, biochemical, and structural basis of bacterial pathogenesis.
- Clinical Microbiology: Studies of medically-important bacteria, fungi and virus.
- Environmental Microbiology: Ecology of natural microbial assemblages, microbial diversity of natural environments such as water, soil, sediments and higher organisms. Microbial interactions. Biodegradation, Bioremediation, and Environmental considerations for genetically engineered microorganisms.

- Veterinary Microbiology: Diseases of animals, Control and/or treatment of animals, Animal pathogen diagnostics, and Veterinary or zoonotic pathogens

- Fungal and Bacterial Physiology: Biochemistry, biophysics, metabolism, cell structure, stress response, growth, differentiation and other related process.

- Bacterial, Fungal and Virus Molecular Biology: Fungal and bacterial genetics, molecular biology, gene regulation, DNA replication and repair, genomics, proteomics, transcriptomics.

Manuscript Submission

Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before; that it is not under consideration for publication anywhere else; that its publication has been approved by all co-authors, if any, as well as by the responsible authorities – tacitly or explicitly – at the institute where the work has been carried out. The publisher will not be held legally responsible should there be any claims for compensation.

Permissions
Authors wishing to include figures, tables, or text passages that have already been published elsewhere are required to obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format andto include evidence that such permission has been granted when submitting their papers. Any material received without such evidence will be assumed to originate from the authors.

Online Submission
Please go to the submission system and upload all of your manuscript files following the instructions given on the screen. Please ensure you provide all relevant editable source files. Failing to submit these source files might cause unnecessary delays in the review and production process.

Plagiarism prevention with CrossCheck
Springer is a participant of CrossCheck, a multi-publisher plagiarism detection initiative to screen published and submitted content for originality. CrossCheck consists of two products: a database of scholarly publications (CrossCheck) and a web-based tool (iThenticate) to check an authored work againstthat database.This journal uses the plagiarism tool to detect instances of overlapping and similar text in submitted manuscripts and your manuscript may be screened upon submission for plagiarism against previously published works.

Authorship Policy
Authorship should incorporate and should be restricted to those who have contributed substantially to the work in one or more of the following categories:

• Conceived of or designed study
• Performed research
• Analyzed Data
• Contributed new methods or models
• Wrote the paper

Editorial Procedure

This journal follows a single-blind reviewing procedure.

Please use this template title page for providing the following information.

The title page should include:

- The name(s) of the author(s)
- A concise and informative title
- The affiliation(s) of the author(s), i.e. institution, (department), city, (state), country
- A clear indication and an active e-mail address of the corresponding author
- If available, the 16-digit ORCID of the author(s)

If address information is provided with the affiliation(s) it will also be published.

For authors that are (temporarily) unaffiliated we will only capture their city and country of residence, not their e-mail address unless specifically requested.

Abstract

Please provide an abstract of 150 to 250 words. The abstract should not contain any undefined abbreviations or unspecified references.

When applicable, also include trial registration number and date of registration

When applicable, also include trial registration number, date of registration followed by “retrospectively registered”

Keywords
Please provide 4 to 6 keywords which can be used for indexing purposes.

Declarations
All manuscripts must contain the following sections under the heading 'Declarations'.

If any of the sections are not relevant to your manuscript, please include the heading and write 'Not applicable' for that section.

Funding (information that explains whether and by whom the research was supported)

Conflicts of interest/Competing interests (include appropriate disclosures)

Ethics approval (include appropriate approvals or waivers)

Title Page

Consent to participate (include appropriate statements) Consent for publication (include appropriate statements)Availability of data and material (data transparency) Code availability (software application or custom code)

Authors' contributions (mandatory: please see more information here)

Text

Manuscripts should be submitted in Word.

- Use a normal, plain font (e.g., 10-point Times Roman) for text.
- Use italics for emphasis.
- Use the automatic page numbering function to number the pages.
- Do not use field functions.
- Use tab stops or other commands for indents, not the space bar.
- Use the table function, not spreadsheets, to make tables.
- Use the equation editor or MathType for equations.
- Save your file in docx format (Word 2007 or higher) or doc format (older Word versions).

Headings
Please use no more than three levels of displayed headings.

Abbreviations
Abbreviations should be defined at first mention and used consistently thereafter.

Footnotes
Footnotes can be used to give additional information, which may include the citation of a reference included in the reference list. They should not consist solely of a reference citation, and they should never include the bibliographic details of a reference. They should also not contain any figures or tables.

Footnotes to the text are numbered consecutively; those to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data). Footnotes to the title or the authors of the article are not given reference symbols.

Always use footnotes instead of endnotes.

Acknowledgments
Acknowledgments of people, grants, funds, etc. should be placed in a separate section on the title page. The names of funding organizations should be written in full.

Scientific Style

- Please always use internationally accepted signs and symbols for units (SI units).
- Genus and species names should be in italics.
- Generic names of drugs and pesticides are preferred; if trade names are used, the generic name should be given at first mention.

Citation
Reference citations in the text should be identified by numbers in square brackets. Some examples:

1. Negotiation research spans many disciplines [3].
2. This result was later contradicted by Becker and Seligman [5].
3. This effect has been widely studied [1-3, 7].

Reference list
The list of references should only include works that are cited in the text and that have been published or accepted for publication. Personal communications and unpublished works should only be mentioned in the text. Do not use footnotes or endnotes as a substitute for a reference list.

The entries in the list should be numbered consecutively.

References

- Journal article

  Gamelin FX, Baquet G, Berthoin S, Thevenet D, Nourry C, Nottin S, Bosquet L (2009) Effect of high intensity intermittent training on heart rate variability in prepubescent children. Eur J Appl Physiol 105:731-738. https://doi.org/10.1007/s00421-008-0955-8
  Ideally, the names of all authors should be provided, but the usage of “et al” in long author lists will also be accepted:
  Smith J, Jones M Jr, Houghton L et al (1999) Future of health insurance. N Engl J Med 965:325–329

- Article by DOI

  Slifka MK, Whitton JL (2000) Clinical implications of dysregulated cytokine production. J Mol Med. https://doi.org/10.1007/s001090000086

- Book

  South J, Blass B (2001) The future of modern genomics. Blackwell, London

- Book chapter

  Brown B, Aaron M (2001) The politics of nature. In: Smith J (ed) The rise of modern genomics, 3rd edn. Wiley, New York, pp 230-257

- Online document

  Cartwright J (2007) Big stars have weather too. IOP Publishing PhysicsWeb. http://physicsweb.org/articles/news/11/6/16/1. Accessed 26 June 2007

- Dissertation

  Trent JW (1975) Experimental acute renal failure. Dissertation, University of California

Always use the standard abbreviation of a journal's name according to the ISSN List of Title Word Abbreviations, see

ISSN.org LTWA

If you are unsure, please use the full journal title.

For authors using EndNote, Springer provides an output style that supports the formatting of in-text citations and reference list.

EndNote style (Download zip, 4 kB)

Authors preparing their manuscript in LaTeX can use the bibtex file spbasic.bst which is included in Springer's LaTeX macro package.

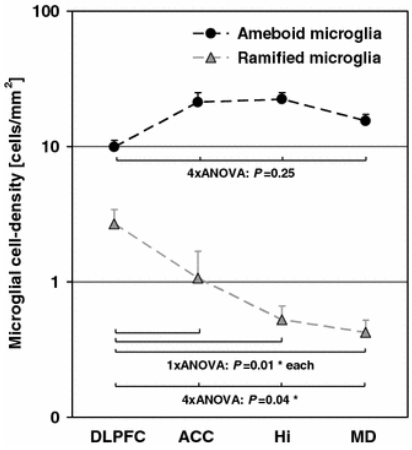
Tables

- All tables are to be numbered using Arabic numerals.
- Tables should always be cited in text in consecutive numerical order.
- For each table, please supply a table caption (title) explaining the components of the table.
- Identify any previously published material by giving the original source in the form of a reference at the end of the table caption.
- Footnotes to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data) and included beneath the table body.

Electronic Figure Submission

- Supply all figures electronically.
- Indicate what graphics program was used to create the artwork.
- For vector graphics, the preferred format is EPS; for halftones, please use TIFF format. MSOffice files are also acceptable.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.
- Name your figure files with "Fig" and the figure number, e.g., Fig1.eps.

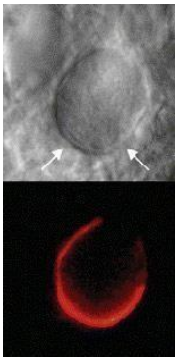
Line Art



- Definition: Black and white graphic with no shading.
- Do not use faint lines and/or lettering and check that all lines andlettering within the figures are legible at final size.
- All lines should be at least 0.1 mm (0.3 pt) wide.
- Scanned line drawings and line drawings in bitmap format shouldhave a minimum resolution of 1200 dpi.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts

Halftone Art

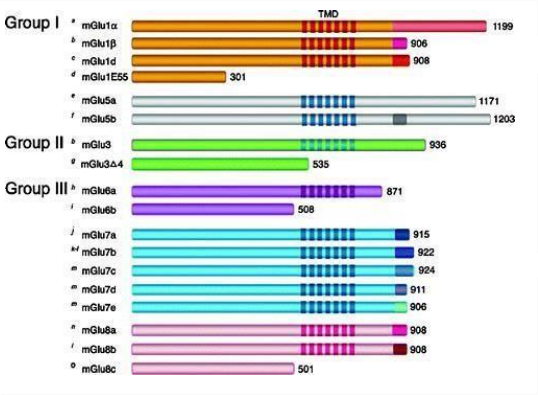
Artwork and Illustrations Guidelines



- Definition: Photographs, drawings, or paintings with fine shading, etc.

  If any magnification is used in the photographs, indicate this by using scale
- Halftones should have a minimum resolution of 300

Combination Art



- Definition: a combination of halftone and line art, e.g., halftones containing line drawing, extensive lettering, colordiagrams, etc.
- Combination artwork should have a minimum

Color Art

- Color illustrations should be submitted as RGB (8 bits per channel).

Figure Lettering

- To add lettering, it is best to use Helvetica or Arial (sans serif fonts).
- Keep lettering consistently sized throughout your final-sized artwork, usually about 2–3 mm (8–12 pt).
- Variance of type size within an illustration should be minimal, e.g., do not use 8-pt type on an axis and 20-pt type for the axis label.
- Avoid effects such as shading, outline letters, etc.
- Do not include titles or captions within your illustrations.

Figure Numbering

- All figures are to be numbered using Arabic numerals.
- Figures should always be cited in text in consecutive numerical order.
- Figure parts should be denoted by lowercase letters (a, b, c, etc.).
- If an appendix appears in your article and it contains one or more figures, continue the consecutive numbering of the main text. Do not number the appendix figures,"A1, A2, A3, etc." Figures in online appendices (Electronic Supplementary Material) should, however, be numbered separately.

Figure Captions

- Each figure should have a concise caption describing accurately what the figure depicts. Include the captions in the text file of the manuscript, not in the figure file.
- Figure captions begin with the term Fig. in bold type, followed by the figure number, also in bold type.

- No punctuation is to be included after the number, nor is any punctuation to be placed at the end of the caption.
- Identify all elements found in the figure in the figure caption; and use boxes, circles, etc., as coordinate points in graphs.
- Identify previously published material by giving the original source in the form of a reference citation at the end of the figure caption.

Figure Placement and Size

- Figures should be submitted separately from the text, if possible.

Permissions

If you include figures that have already been published elsewhere, you must obtain permission from the copyright owner(s). Please be aware that some publishers do not grant electronic rights for free and that Springer will not be able to refund any costs that may have occurred to receive these permissions. In such cases, material from other sources should be used.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your figures, please make sure that

- All figures have descriptive captions (blind users could then use a text-to-speech software or a text-to-Braille hardware)
- Patterns are used instead of or in addition to colors for conveying information (colorblind users would then be able to distinguish the visual elements)
- Any figure lettering has a contrast ratio of at least 4.5:1

Springer accepts electronic multimedia files (animations, movies, audio, etc.) and other supplementary files to be published online along with an article or a book chapter. This feature can add dimension to the author's article, as certain information cannot be printed or is more convenient in electronic form.

Before submitting research datasets as electronic supplementary material, authors should read the journal's Research data policy. We encourage research data to be archived in data repositories wherever possible.

Submission

- Supply all supplementary material in standard file formats.
- Please include in each file the following information: article title, journal name, author names; affiliation and e-mail address of the corresponding author.

Electronic Supplementary Material

- To accommodate user downloads, please keep in mind that larger-sized files may require very long download times and that some users may experience other problems during downloading.

Audio, Video, and Animations

- Aspect ratio: 16:9 or 4:3
- Maximum file size: 25 GB
- Minimum video duration: 1 sec
- Supported file formats: avi, wmv, mp4, mov, m2p, mp2, mpg, mpeg, flv, mxf, mts, m4v, 3gp

Text and Presentations

- Submit your material in PDF format; .doc or .ppt files are not suitable for long-term viability.
- A collection of figures may also be combined in a PDF file.

Spreadsheets

- Spreadsheets should be submitted as .csv or .xlsx files (MS Excel).

Specialized Formats

- Specialized format such as .pdb (chemical), .wrl (VRML), .nb (Mathematica notebook), and .tex can also be supplied.

Collecting Multiple Files

- It is possible to collect multiple files in a .zip or .gz file.

Numbering

- If supplying any supplementary material, the text must make specific mention of the material as a citation, similar to that of figures and tables.
- Refer to the supplementary files as “Online Resource”, e.g., "... as shown in the animation (Online Resource 3)", “... additional data are given in Online Resource 4”.
- Name the files consecutively, e.g. “ESM_3.mpg”, “ESM_4.pdf”.

Captions

- For each supplementary material, please supply a concise caption describing the content of the file.

Processing of supplementary files

- Electronic supplementary material will be published as received from the author without any conversion, editing, or reformatting.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your supplementary files, please make sure that

- The manuscript contains a descriptive caption for each supplementary material
- Video files do not contain anything that flashes more than three times per second (so that users prone to seizures caused by such effects are not put at risk)

After Acceptance

Upon acceptance of your article you will receive a link to the special Author Query Application at Springer's web page where you can sign the Copyright Transfer Statement online and indicate whether you wish to order OpenChoice and offprints.

Once the Author Query Application has been completed, your article will be processed and you willreceive the proofs.

Copyright transfer

Authors will be asked to transfer copyright of the article to the Publisher (or grant the Publisher exclusive publication and dissemination rights). This will ensure the widest possible protection and dissemination of information under copyright laws.

Offprints
Offprints can be ordered by the corresponding author.

Color illustrations
Publication of color illustrations is free of charge.

Proof reading
The purpose of the proof is to check for typesetting or conversion errors and the completeness and accuracy of the text, tables and figures. Substantial changes in content, e.g., new results, corrected values, title and authorship, are not allowed without the approval of the Editor.

After online publication, further changes can only be made in the form of an Erratum, which will be hyperlinked to the article.

Online First
The article will be published online after receipt of the corrected proofs. This is the official first publication citable with the DOI. After release of the printed version, the paper can also be cited by issue and page numbers.

Open Choice allows you to publish open access in more than 1850 Springer Nature journals, making your research more visible and accessible immediately on publication.

Open Choice

Article processing charges (APCs) vary by journal – view the full list

Benefits:

- Increased researcher engagement: Open Choice enables access by anyone with an internet connection, immediately on publication.
- Higher visibility and impact: In Springer hybrid journals, OA articles are accessed 4 times more often on average, and cited 1.7 more times on average*.
- Easy compliance with funder and institutional mandates: Many funders require open access publishing, and some take compliance into account when assessing future grant applications.

It is easy to find funding to support open access – please see our funding and support pages for more information.

* Within the first three years of publication. Springer Nature hybrid journal OA impact analysis, 2018.

Open Choice

Funding and Support pages

A submission to the journal implies that materials described in the manuscript, including all relevant raw data, will be freely available to any researcher wishing to use them for non-commercial purposes, without breaching participant confidentiality.

The journal strongly encourages that all datasets on which the conclusions of the paper rely should be available to readers. We encourage authors to ensure that their datasets are either deposited in publicly available repositories (where available and appropriate) or presented in the main manuscript or additional supporting files whenever possible. Please see Springer Nature's information on recommended repositories.

List of Repositories

Research Data Policy

Research Data Policy

General repositories - for all types of research data - such as figshare and Dryad may be used where appropriate.

Datasets that are assigned digital object identifiers (DOIs) by a data repository may be cited in the reference list. Data citations should include the minimum information recommended by DataCite: authors, title, publisher (repository name), identifier.

DataCite

Where a widely established research community expectation for data archiving in public repositories exists, submission to a community-endorsed, public repository is mandatory. Persistent identifiers (such as DOIs and accession numbers) for relevant datasets must be provided in the paper

For the following types of data set, submission to a community-endorsed, public repository is mandatory:

Mandatory deposition	Suitable repositories
Protein sequences	Uniprot
DNA and RNA sequences	Genbank DNA DataBank of Japan (DDBJ) EMBL Nucleotide Sequence Database (ENA)
DNA and RNA sequencingdata	NCBI Trace Archive NCBI Sequence Read Archive (SRA)
Genetic polymorphisms	dbSNP dbVar European Variation Archive (EVA)
Linked genotype and phenotype data	dbGAP The European Genome-phenome Archive (EGA)
Macromolecular structure	Worldwide Protein Data Bank (wwPDB) Biological Magnetic Resonance Data Bank (BMRB)Electron Microscopy Data Bank (EMDB)

Microarray data (must be MIAME compliant)	Gene Expression Omnibus (GEO)ArrayExpress
Crystallographic data for small molecules	Cambridge Structural Database

For more information: Research Data Policy Frequently Asked Questions

Data availability

The journal encourages authors to provide a statement of Data availability in their article. Data availabilitystatements should include information on where data supporting the results reported in the article can be found, including, where applicable, hyperlinks to publicly archived datasets analysed or generated during the study. Data availability statements can also indicate whether data are available on request from the authors and where no data are available, if appropriate.

Data Availability statements can take one of the following forms (or a combination of more than one ifrequired for multiple datasets):

- 1. The datasets generated during and/or analysed during the current study are available in the [NAME] repository, [PERSISTENT WEB LINK TO DATASETS]
- 2. The datasets generated during and/or analysed during the current study are not publicly available due [REASON WHY DATA ARE NOT PUBLIC] but are available from the corresponding author on reasonable request.
- 3. The datasets generated during and/or analysed during the current study are available from the corresponding author on reasonable request.
- 4. Data sharing not applicable to this article as no datasets were generated or analysed during the current study.
- 5. All data generated or analysed during this study are included in this published article [and its supplementary information files].

More examples of template data availability statements, which include examples of openly available and restricted access datasets, are available:

Data availability statements

Springer Nature provides a research data policy support service for authors and editors, which can be contacted at researchdata@springernature.com.

This service provides advice on research data policy compliance and on finding research data repositories. It is independent of journal, book and conference proceedings editorial offices and does not advise on specific manuscripts.

Helpdesk

This journal is committed to upholding the integrity of the scientific record. As a member of the Committee on Publication Ethics (COPE) the journal will follow the COPE guidelines on how to deal with potential acts of misconduct.

Authors should refrain from misrepresenting research results which could damage the trust in the journal, the professionalism of scientific authorship, and ultimately the entire scientific endeavour. Maintaining integrity of the research and its presentation is helped by following the rules of good scientific practice, which include*:

- The manuscript should not be submitted to more than one journal for simultaneous consideration.
- The submitted work should be original and should not have been published elsewhere in any form or language (partially or in full), unless the new work concerns an expansion of previous work. (Please provide transparency on the re-use of material to avoid the concerns about text-recycling ('self-plagiarism').
- A single study should not be split up into several parts to increase the quantity of submissions and submitted to various journals or to one journal over time (i.e. 'salami-slicing/publishing').
- Concurrent or secondary publication is sometimes justifiable, provided certain conditions are met. Examples include: translations or a manuscript that is intended for a different group of readers.
- Results should be presented clearly, honestly, and without fabrication, falsification or inappropriate data manipulation (including image based manipulation). Authors should adhere to discipline-specific rules for acquiring, selecting and processing data.
- No data, text, or theories by others are presented as if they were the author's own ('plagiarism'). Proper acknowledgements to other works must be given (this includes material that is closely copied (near verbatim), summarized and/or paraphrased), quotation marks (to indicate words taken from another source) are used for verbatim copying of material, and permissions secured for material that is copyrighted.

Ethical Responsibilities of Authors

Important note: the journal may use software to screen for plagiarism.

- Authors should make sure they have permissions for the use of software, questionnaires/(web) surveys and scales in their studies (if appropriate).
- Authors should avoid untrue statements about an entity (who can be an individual person or a company) or descriptions of their behavior or actions that could potentially be seen as personal attacks or allegations about that person.
- Research that may be misapplied to pose a threat to public health or national security should be clearly identified in the manuscript (e.g. dual use of research). Examples include creation of harmful consequences of biological agents or toxins, disruption of immunity of vaccines, unusual hazards in the use of chemicals, weaponization of research/technology (amongst others).
- Authors are strongly advised to ensure the author group, the Corresponding Author, and the order of authors are all correct at submission. Adding and/or deleting authors during the revision stages is generally not permitted, but in some cases may be warranted. Reasons for changes in authorship should be explained in detail. Please note that changes to authorship cannot be made after acceptance of a manuscript.

*All of the above are guidelines and authors need to make sure to respect third parties rights such as copyright and/or moral rights.

Upon request authors should be prepared to send relevant documentation or data in order to verify the validity of the results presented. This could be in the form of raw data, samples, records, etc. Sensitive information in the form of confidential or proprietary data is excluded.

If there is suspicion of misbehavior or alleged fraud the Journal and/or Publisher will carry out an investigation following COPE guidelines. If, after investigation, there are valid concerns, the author(s) concerned will be contacted under their given e-mail address and given an opportunity to address the issue. Depending on the situation, this may result in the Journal's and/or Publisher's implementation of the following measures, including, but not limited to:

- If the manuscript is still under consideration, it may be rejected and returned to the author.
- If the article has already been published online, depending on the nature and severity of the infraction:

  - an erratum/correction may be placed with the article
  - an expression of concern may be placed with the article
  - or in severe cases retraction of the article may occur.

The reason will be given in the published erratum/correction, expression of concern or retraction note. Please note that retraction means that the article is maintained on the platform, watermarked "retracted" and the explanation for the retraction is provided in a note linked to the watermarked article.

- The author's institution may be informed
- A notice of suspected transgression of ethical standards in the peer review system may be included as part of the author's and article's bibliographic record.

Fundamental errors

Authors have an obligation to correct mistakes once they discover a significant error or inaccuracy in their published article. The author(s) is/are requested to contact the journal and explain in what sense the error is impacting the article. A decision on how to correct the literature will depend on the nature of the error. This may be a correction or retraction. The retraction note should provide transparency which parts of the article are impacted by the error.

Suggesting / excluding reviewers

Authors are welcome to suggest suitable reviewers and/or request the exclusion of certain individuals when they submit their manuscripts. When suggesting reviewers, authors should make sure they are totally independent and not connected to the work in any way. It is strongly recommended to suggest a mix of reviewers from different countries and different institutions. When suggesting reviewers, the Corresponding Author must provide an institutional email address for each suggested reviewer, or, if this is not possible to include other means of verifying the identity such as a link to a personal homepage, a link to the publication record or a researcher or author ID in the submission letter. Please note that the

Journal may not use the suggestions, but suggestions are appreciated and may help facilitate the peer review process.

To ensure objectivity and transparency in research and to ensure that accepted principles of ethical and professional conduct have been followed, authors should include information regarding sources of funding, potential conflicts of interest (financial or non-financial), informed consent if the research involved human participants, and a statement on welfare of animals if the research involved animals.

Authors should include the following statements (if applicable) in a separate section entitled “Compliance with Ethical Standards” when submitting a paper:

Disclosure of Potential Conflicts of Interest

- Research grants from funding agencies (please give the research funder and the grant number)
- Honoraria for speaking at symposia
- Financial support for attending symposia
- Financial support for educational programs
- Employment or consultation
- Support from a project sponsor
- Disclosure of potential conflicts of interest
- Research involving Human Participants and/or Animals
- Informed consent

Please note that standards could vary slightly per journal dependent on their peer review policies (i.e. single or double blind peer review) as well as per journal subject discipline. Before submitting your article check the instructions following this section carefully.

The corresponding author should be prepared to collect documentation of compliance with ethical standards and send if requested during peer review or after publication.

The Editors reserve the right to reject manuscripts that do not comply with the above-mentioned guidelines. The author will be held responsible for false statements or failure to fulfill the above-mentioned guidelines.

- Position on advisory board or board of directors or other type of management relationships
- Multiple affiliations
- Financial relationships, for example equity ownership or investment interest
- Intellectual property rights (e.g. patents, copyrights and royalties from such rights)
- Holdings of spouse and/or children that may have financial interest in the work

In addition, interests that go beyond financial interests and compensation (non-financial interests) that may be important to readers should be disclosed. These may include but are not limited to personal relationships or competing interests directly or indirectly tied to this research, or professional interests or personal beliefs that may influence your research.

The corresponding author collects the conflict of interest disclosure forms from all authors. In author collaborations where formal agreements for representation allow it, it is sufficient for the corresponding author to sign the disclosure form on behalf of all authors. Examples of forms can be found

here:

The corresponding author will include a summary statement in the text of the manuscript in a separate section before the reference list, that reflects what is recorded in the potential conflict of interest disclosure form(s).

See below examples of disclosures:

Funding: This study was funded by X (grant number X).

Conflict of Interest: Author A has received research grants from Company A. Author B has received a speaker honorarium from Company X and owns stock in Company Y. Author C is a member of committeeZ.

If no conflict exists, the authors should state:

Conflict of Interest: The authors declare that they have no conflict of interest.

Research involving human participants, their data or biological material

Ethics approval

When reporting a study that involved human participants, their data or biological material, authors should include a statement that confirms that the study was approved (or granted exemption) by the appropriate institutional and/or national research ethics committee (including the name of the ethics committee) and certify that the study was performed in accordance with the ethical standards as laid down in the 1964 Declaration of Helsinki and its later amendments or comparable ethical standards. If doubt exists whether the research was conducted in accordance with the 1964 Helsinki Declaration or

comparable standards, the authors must explain the reasons for their approach, and demonstrate that an independent ethics committee or institutional review board explicitly approved the doubtful aspects of the study. If a study was granted exemption from requiring ethics approval, this should also be detailed inthe manuscript (including the reasons for the exemption).

Retrospective ethics approval

If a study has not been granted ethics committee approval prior to commencing, retrospective ethics approval usually cannot be obtained and it may not be possible to consider the manuscript for peer review. The decision on whether to proceed to peer review in such cases is at the Editor's discretion.

Ethics approval for retrospective studies

Although retrospective studies are conducted on already available data or biological material (for which formal consent may not be needed or is difficult to obtain) ethics approval may be required dependent on the law and the national ethical guidelines of a country. Authors should check with their institution to make sure they are complying with the specific requirements of their country.

Ethics approval for case studies

Case reports require ethics approval. Most institutions will have specific policies on this subject. Authors should check with their institution to make sure they are complying with the specific requirements of their institution and seek ethics approval where needed. Authors should be aware to secure informed consent from the individual (or parent or guardian if the participant is a minor or incapable) See also section on Informed Consent.

Cell lines

If human cells are used, authors must declare in the manuscript: what cell lines were used by describing the source of the cell line, including when and from where it was obtained, whether the cell line has recently been authenticated and by what method. If cells were bought from a life science company the following need to be given in the manuscript: name of company (that provided the cells), cell type, number of cell line, and batch of cells.

It is recommended that authors check the NCBI database for misidentification and contamination of human cell lines. This step will alert authors to possible problems with the cell line and may save considerable time and effort.

Further information is available from the International Cell Line Authentication Committee (ICLAC).

Authors should include a statement that confirms that an institutional or independent ethics committee (including the name of the ethics committee) approved the study and that informed consent was obtained from the donor or next of kin.

Research Resource Identifiers (RRID)

Research Resource Identifiers (RRID) are persistent unique identifiers (effectively similar to a DOI) for research resources. This journal encourages authors to adopt RRIDs when reporting key biological resources (antibodies, cell lines, model organisms and tools) in their manuscripts.

Examples:

Organism: *Filip1*$^{tm1a(KOMP)Wtsi}$ RRID:MMRRC_055641-UCD

Cell Line: RST307 cell line RRID:CVCL_C321

Antibody: Luciferase antibody DSHB Cat# LUC-3, RRID:AB_2722109

Plasmid: mRuby3 plasmid RRID:Addgene_104005

Software: ImageJ Version 1.2.4 RRID:SCR_003070

RRIDs are provided by the Resource Identification Portal. Many commonly used research resources already have designated RRIDs. The portal also provides authors links so that they can quickly register anew resource and obtain an RRID.

Clinical Trial Registration

The World Health Organization (WHO) definition of a clinical trial is "any research study that prospectivelyassigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects on health outcomes". The WHO defines health interventions as “A health intervention is an actperformed for, with or on behalf of a person or population whose purpose is to assess, improve,
maintain, promote or modify health, functioning or health conditions” and a health-related outcome is generally defined as a change in the health of a person or population as a result of an intervention.

To ensure the integrity of the reporting of patient-centered trials, authors must register prospective clinical trials (phase II to IV trials) in suitable publicly available repositories. For
example www.clinicaltrials.gov or any of the primary registries that participate in the WHO InternationalClinical Trials Registry Platform.

The trial registration number (TRN) and date of registration should be included as the last line of the manuscript abstract.

For clinical trials that have not been registered prospectively, authors are encouraged to register retrospectively to ensure the complete publication of all results. The trial registration number (TRN), date of registration and the words 'retrospectively registered’ should be included as the last line of the manuscript abstract.

Purely observational trials will not require registration.

Standards of reporting

Springer Nature advocates complete and transparent reporting of biomedical and biological research and research with biological applications. Authors are recommended to adhere to the minimum reporting guidelines hosted by the EQUATOR Network when preparing their manuscript.

Exact requirements may vary depending on the journal; please refer to the journal's Instructions for Authors.

Checklists are available for a number of study designs, including:

- Randomised trials (CONSORT) and Study protocols (SPIRIT)
- Observational studies (STROBE)
- Systematic reviews and meta-analyses (PRISMA) and protocols (Prisma-P)
- Diagnostic/prognostic studies (STARD) and (TRIPOD)
- Case reports (CARE)
- Clinical practice guidelines (AGREE) and (RIGHT)
- Qualitative research (SRQR) and (COREQ)
- Animal pre-clinical studies (ARRIVE)
- Quality improvement studies (SQUIRE)
- Economic evaluations (CHEERS)

Summary of requirements

The above should be summarized in a statement and included on a title page that is separate from the manuscript with a section entitled "Declarations" when submitting a paper. Having all statements in one place allows for a consistent and unified review of the information by the Editor-in-Chief and/or peer reviewers and may speed up the handling of the paper. Declarations include Funding, Conflicts of interest/competing interests, Ethics approval, Consent, Data and/or Code availability and Authors' contribution statements. Please use the following template title page for providing the statements.

Once and if the paper is accepted for publication, the production department will put the respective statements in a distinctly identified section clearly visible for readers.

Please see the various examples of wording below and revise/customize the sample statements according to your own needs.

• Provide “Ethics approval” as a heading (see template)

Examples of ethics approval obtained:

• All procedures performed in studies involving human participants were in accordance with the ethical standards of the institutional and/or national research committee and with the 1964 Helsinki Declaration and its later amendments or comparable ethical standards. The study was approved by the Bioethics Committee of the Medical University of A (No..).

• This study was performed in line with the principles of the Declaration of Helsinki. Approval was grantedby the Ethics Committee of University B (Date.../No).

• Approval was obtained from the ethics committee of University C. The procedures used in this study adhere to the tenets of the Declaration of Helsinki.

• The questionnaire and methodology for this study was approved by the Human Research Ethics committee of the University of C (Ethics approval number: ...).

Examples of a retrospective study:

• Ethical approval was waived by the local Ethics Committee of University A in view of the retrospectivenature of the study and all the procedures being performed were part of the routine care.

• This research study was conducted retrospectively from data obtained for clinical purposes. We consulted extensively with the IRB of XYZ who determined that our study did not need ethical approval.An IRB official waiver of ethical approval was granted from the IRB of XYZ.

• This retrospective chart review study involving human participants was in accordance with the ethical standards of the institutional and national research committee and with the 1964 Helsinki Declaration and its later amendments or comparable ethical standards. The Human Investigation Committee (IRB) of University B approved this study.

Examples no ethical approval required/exemption granted:

• This is an observational study. The XYZ Research Ethics Committee has confirmed that no ethicalapproval is required.

• The data reproduced from Article X utilized human tissue that was procured via our Biobank AB, whichprovides de-identified samples. This study was reviewed and deemed exempt by our XYZ Institutional

Review Board. The BioBank protocols are in accordance with the ethical standards of our institution and with the 1964 Helsinki declaration and its later amendments or comparable ethical standards.

If any of the sections are not relevant to your manuscript, please include the heading and write 'Not applicable' for that section.

Authors are responsible for correctness of the statements provided in the manuscript. See also Authorship Principles. The Editor-in-Chief reserves the right to reject submissions that do not meet the guidelines described in this section.

Informed consent

All individuals have individual rights that are not to be infringed. Individual participants in studies have, for example, the right to decide what happens to the (identifiable) personal data gathered, to what they have said during a study or an interview, as well as to any photograph that was taken. This is especially true concerning images of vulnerable people (e.g. minors, patients, refugees, etc) or the use of images in sensitive contexts. In many instances authors will need to secure written consent before including images.

Identifying details (names, dates of birth, identity numbers, biometrical characteristics (such as facial features, fingerprint, writing style, voice pattern, DNA or other distinguishing characteristic) and other information) of the participants that were studied should not be published in written descriptions, photographs, and genetic profiles unless the information is essential for scholarly purposes and the participant (or parent or guardian if the participant is incapable) gave written informed consent for publication. Complete anonymity is difficult to achieve in some cases. Detailed descriptions of individual participants, whether of their whole bodies or of body sections, may lead to disclosure of their identity. Under certain circumstances consent is not required as long as information is anonymized and the submission does not include images that may identify the person.

Informed consent for publication should be obtained if there is any doubt. For example, masking the eye region in photographs of participants is inadequate protection of anonymity. If identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic profiles, authors should provide assurance that alterations do not distort scientific meaning.

Exceptions where it is not necessary to obtain consent:

• Images such as x rays, laparoscopic images, ultrasound images, brain scans, pathology slides unless there is a concern about identifying information in which case, authors should ensure that consent is obtained.

• Reuse of images: If images are being reused from prior publications, the Publisher will assume that theprior publication obtained the relevant information regarding consent. Authors should provide the appropriate attribution for republished images.

Consent and already available data and/or biologic material

Regardless of whether material is collected from living or dead patients, they (family or guardian if thedeceased has not made a pre-mortem decision) must have given prior written consent. The aspect of confidentiality as well as any wishes from the deceased should be respected.

Data protection, confidentiality and privacy

When biological material is donated for or data is generated as part of a research project authors should ensure, as part of the informed consent procedure, that the participants are made what kind of (personal) data will be processed, how it will be used and for what purpose. In case of data acquired via a biobank/biorepository, it is possible they apply a broad consent which allows research participants to consent to a broad range of uses of their data and samples which is regarded by research ethics committees as specific enough to be considered "informed". However, authors should always check the specific biobank/biorepository policies or any other type of data provider policies (in case of non-bio research) to be sure that this is the case.

Consent to Participate

For all research involving human subjects, freely-given, informed consent to participate in the study must be obtained from participants (or their parent or legal guardian in the case of children under 16) and a statement to this effect should appear in the manuscript. In the case of articles describing human transplantation studies, authors must include a statement declaring that no organs/tissues were obtained from prisoners and must also name the institution(s)/clinic(s)/department(s) via which organs/tissues were obtained. For manuscripts reporting studies involving vulnerable groups where there is the potential for coercion or where consent may not have been fully informed, extra care will be taken by theeditor and may be referred to the Springer Nature Research Integrity Group.

Consent to Publish

Individuals may consent to participate in a study, but object to having their data published in a journal article. Authors should make sure to also seek consent from individuals to publish their data prior to submitting their paper to a journal. This is in particular applicable to case studies. A consent to publish form can be found here. (Download docx, 36 kB)

Summary of requirements

The above should be summarized in a statement and included on a title page that is separate from the manuscript with a section entitled "Declarations" when submitting a paper. Having all statements in one place allows for a consistent and unified review of the information by the Editor-in-Chief and/or peer reviewers and may speed up the handling of the paper. Declarations include Funding, Conflicts of interest/competing interests, Ethics approval, Consent, Data and/or Code availability and Authors' contribution statements. Please use the template Title Page for providing the statements.

Once and if the paper is accepted for publication, the production department will put the respective statements in a distinctly identified section clearly visible for readers.

Please see the various examples of wording below and revise/customize the sample statements according to your own needs.

Provide “Consent to participate” as a heading

Sample statements consent to participate:

- Informed consent was obtained from all individual participants included in the study.
- Informed consent was obtained from legal guardians.
- Written informed consent was obtained from the parents.
- Verbal informed consent was obtained prior to the interview.
- The patient has consented to the submission of the case report for submission to the journal.

Provide “Consent to publish” as a heading

- The authors affirm that human research participants provided informed consent for publication of the images in Figure(s) 1a, 1b and 1c.
- The participant has consented to the submission of the case report to the journal.
- Patients signed informed consent regarding publishing their data and photographs.
- Sample statements if identifying information about participants is available in the article:
- Additional informed consent was obtained from all individual participants for whom identifying information is included in this article.
- Additional informed consent was obtained from all individual participants for whom identifying information is included in this article.
- If any of the sections are not relevant to your manuscript, please include the heading and write 'Not applicable' for that section.
- Authors are responsible for correctness of the statements provided in the manuscript. See also Authorship Principles. The Editor-in-Chief reserves the right to reject submissions that do not meet the guidelines described in this section.

- Images will be removed from publication if authors have not obtained informed consent or the paper may be removed and replaced with a notice explaining the reason for removal.

Research involving animals

Experimental research on vertebrates or any regulated invertebrates must comply with institutional, national, or international guidelines, and where available should have been approved by an appropriate ethics committee. The Basel Declaration outlines fundamental principles to adhere to when conducting research in animals and the International Council for Laboratory Animal Science (ICLAS) has also published ethical guidelines.

A statement detailing compliance with relevant guidelines (e.g. Guide for the Care and Use of LaboratoryAnimals and Directive 2010/63/EU in Europe) and/or ethical approval (including the name of the ethics committee and the reference number where appropriate) must be included in the manuscript.

For experimental studies involving client-owned animals, authors must also document informed consent from the client or owner and adherence to a high standard (best practice) of veterinary care.

Field studies and other non-experimental research on animals must comply with institutional, national, or international guidelines, and where available should have been approved by an appropriate ethics committee. A statement detailing compliance with relevant guidelines and/or appropriate permissions or licenses must be included in the manuscript. We recommend that authors comply with the IUCN Policy Statement on Research Involving Species at Risk of Extinction and the Convention on the Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora.

Utilization of plants, algae, fungi

This journal values stewardship, transparency, and adhering to governance with regards to collecting and utilizing specimens and conducting experiments and/or field studies. Therefor the journal sets out the following guidelines:

Field studies involving genetically engineered plants must be conducted in accordance with national or local legislation and, if applicable, the manuscript needs to include a statement specifying the appropriate permissions and/or licences.

Authors utilizing genetic plant resources received via local suppliers/collectors, such as species collected from protected areas or endangered species with medical importance, must conduct their experiments following the Nagoya Protocol (as part of the Convention on Biological Diversity).

Authors whose research is focusing on quarantine organisms (i.e. harmful or pest organisms, including plant pathogens) should adhere to national legislation and notify the relevant National Plant Protection Organization of new findings before publication. More information can be found via the International Plant Protection Convention.

In principle, it is recommended that authors comply with:

- The International Union for Conservation of Nature (IUCN) Policy Statement on Research Involving Species at Risk of Extinction and consult the IUCN red list index of threatened species
- Convention on the Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora

Voucher specimens ensure that the identity of organisms studied in the field or in laboratory experiments can be verified, and ensure that new species concepts can be applied to past research. Voucher specimens documenting all investigated accessions (for population samples at least one specimen per population) are to be deposited in a public herbarium, for example: Index Herbariorum, or other public collection providing access to deposited material. Information on the voucher specimen and who identified it must be included in the manuscript such as Genus name, species name, author, and year of publication.

Names of plants, algae and fungi

Manuscripts containing new taxon names or other nomenclatural acts must follow the guidelines set by the International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants.

Authors describing new fungal taxa should register the names with a recognized repository, such as Mycobank, and request a unique digital identifier which should be included in the published article.

These guidelines describe authorship principles and good authorship practices to which prospective authors should adhere to.

Authorship clarified

The Journal and Publisher assume all authors agreed with the content and that all gave explicit consent to submit and that they obtained consent from the responsible authorities at the institute/organization where the work has been carried out, before the work is submitted.

The Publisher does not prescribe the kinds of contributions that warrant authorship. It is recommended that authors adhere to the guidelines for authorship that are applicable in their specific research field. In absence of specific guidelines it is recommended to adhere to the following guidelines*:

All authors whose names appear on the submission

1) made substantial contributions to the conception or design of the work; or the acquisition, analysis, or interpretation of data; or the creation of new software used in the work;

Authorship Principles

2) drafted the work or revised it critically for important intellectual content;

3) approved the version to be published; and

4) agree to be accountable for all aspects of the work in ensuring that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately investigated and resolved.

* Based on/adapted from:

ICMJE, Defining the Role of Authors and Contributors,

Transparency in authors' contributions and responsibilities to promote integrity in scientific publication, McNutt at all, PNAS February 27, 2018

Disclosures and declarations

All authors are requested to include information regarding sources of funding, financial or non-financialinterests, study-specific approval by the appropriate ethics committee for research involving humans and/or animals, informed consent if the research involved human participants, and a statement on welfare of animals if the research involved animals (as appropriate).

The decision whether such information should be included is not only dependent on the scope of the journal, but also the scope of the article. Work submitted for publication may have implications for public health or general welfare and in those cases it is the responsibility of all authors to include the appropriate disclosures and declarations.

Data transparency

All authors are requested to make sure that all data and materials as well as software application or custom code support their published claims and comply with field standards. Please note that journals may have individual policies on (sharing) research data in concordance with disciplinary norms and expectations. Please check the Instructions for Authors of the Journal that you are submitting to for specific instructions.

Role of the Corresponding Author

One author is assigned as Corresponding Author and acts on behalf of all co-authors and ensures that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately addressed.

The Corresponding Author is responsible for the following requirements:

- ensuring that all listed authors have approved the manuscript before submission, including the names and order of authors;
- managing all communication between the Journal and all co-authors, before and after publication;*

- providing transparency on re-use of material and mention any unpublished material (for example manuscripts in press) included in the manuscript in a cover letter to the Editor;
- making sure disclosures, declarations and transparency on data statements from all authors are included in the manuscript as appropriate (see above).

* The requirement of managing all communication between the journal and all co-authors during submission and proofing may be delegated to a Contact or Submitting Author. In this case please make sure the Corresponding Author is clearly indicated in the manuscript.

Author contributions

Authors must include contribution statements in the work that specifies the contribution of every author in order to promote transparency. These contributions should be listed at the separate title page.

Examples of such statement(s) are shown below:

• Free text:

All authors contributed to the study conception and design. Material preparation, data collection and analysis were performed by [full name], [full name] and [full name]. The first draft of the manuscript waswritten by [full name] and all authors commented on previous versions of the manuscript. All authors read and approved the final manuscript.

Example: CRediT taxonomy:

• Conceptualization: [full name], …; Methodology: [full name], …; Formal analysis and investigation: [full name], …; Writing - original draft preparation: [full name, …]; Writing - review and editing: [full name], …;Funding acquisition: [full name], …; Resources: [full name], …; Supervision: [full name],….

For review articles where discrete statements are less applicable a statement should be included who hadthe idea for the article, who performed the literature search and data analysis, and who drafted and/or critically revised the work.

For articles that are based primarily on the student's dissertation or thesis, it is recommended that thestudent is usually listed as principal author:

A Graduate Student's Guide to Determining Authorship Credit and Authorship Order, APA ScienceStudent Council 2006

Affiliation

The primary affiliation for each author should be the institution where the majority of their work was done. If an author has subsequently moved, the current address may additionally be stated. Addresses will not be updated or changed after publication of the article.

Changes to authorship

Authors are strongly advised to ensure the correct author group, the Corresponding Author, and the order of authors at submission. Changes of authorship by adding or deleting authors, and/or changes in Corresponding Author, and/or changes in the sequence of authors are not accepted after acceptance of a manuscript.

- Please note that author names will be published exactly as they appear on the accepted submission!

Please make sure that the names of all authors are present and correctly spelled, and that addresses and affiliations are current.

Adding and/or deleting authors at revision stage are generally not permitted, but in some cases it may be warranted. Reasons for these changes in authorship should be explained. Approval of the change during revision is at the discretion of the Editor-in-Chief. Please note that journals may have individual policies on adding and/or deleting authors during revision stage.

Author identification

Authors are recommended to use their ORCID ID when submitting an article for consideration or acquirean ORCID ID via the submission process.

Deceased or incapacitated authors

For cases in which a co-author dies or is incapacitated during the writing, submission, or peer-review process, and the co-authors feel it is appropriate to include the author, co-authors should obtain approval from a (legal) representative which could be a direct relative.

Authorship issues or disputes

In the case of an authorship dispute during peer review or after acceptance and publication, the Journal will not be in a position to investigate or adjudicate. Authors will be asked to resolve the dispute themselves. If they are unable the Journal reserves the right to withdraw a manuscript from the editorial process or in case of a published paper raise the issue with the authors' institution(s) and abide by its guidelines.

Confidentiality

Authors should treat all communication with the Journal as confidential which includes correspondence with direct representatives from the Journal such as Editors-in-Chief and/or Handling Editors and reviewers' reports unless explicit consent has been received to share information.

For editors and reviewers to accurately assess the work presented in your manuscript you need to ensure the English language is of sufficient quality to be understood. If you need help with writing in English you should consider:

- Asking a colleague who is a native English speaker to review your manuscript for clarity.
- Visiting the English language tutorial which covers the common mistakes when writing in English.
- Using a professional language editing service where editors will improve the English to ensure that your meaning is clear and identify problems that require your review. Two such services are provided by our affiliates Nature Research Editing Service and American Journal Experts. Springer authors are entitled to a 10% discount on their first submission to either of these services, simply follow the links below

English Language Support

.

English language tutorial

Nature Research Editing Service

American Journal Experts

Please note that the use of a language editing service is not a requirement for publication in this journal and does not imply or guarantee that the article will be selected for peer review or accepted.

If your manuscript is accepted it will be checked by our copyeditors for spelling and formal style before publication.

ANEXO C – Normas da revista Anais da Academia Brasileira de Ciências

Instruções aos autores

O periódico Anais da Academia Brasileira de Ciências considera para publicação as submissões feitas exclusivamente pelo sistema online de gerenciamento de artigos. Uma vez que seu artigo esteja de acordo com as instruções abaixo, favor acessar o sistema no link https://mc04.manuscriptcentral.com/aabc-scielo.

Por favor, leia estas instruções com atenção e as siga rigorosamente. Desta forma você irá garantir que a avaliação e a publicação de seu artigo sejam o mais eficiente e veloz quanto possível. Os editores reservam-se ao direito de devolver artigos que não estejam de acordo com estas instruções. Apesar de dispormos de uma página de instruções em português, lembramos que só consideramos para submissão, avaliação e publicação os artigos redigidos de forma clara e concisa na língua inglesa.

Objetivo e política editorial

Todos os manuscritos submetidos devem conter pesquisa original que não tenha sido publicada ou esteja sob consideração em outro periódico. O critério primário para aceitação é qualidade científica. Artigos devem evitar o uso excessivo de abreviações ou jargões, além de ser tão inteligíveis quanto possível para o público em geral. Deve ser dada atenção particular às seções Abstract, Introduction e Discussion, as quais devem detalhar a novidade e significância dos dados relatados. Não cumprir com qualquer um dos pontos acima pode causar atraso na publicação ou até mesmo a recusa do artigo.

Textos podem ser publicados em forma de revisão, artigo completo ou como comunicação curta (short communications). Os volumes regulares dos AABC são publicados em março, junho, setembro e dezembro.

Tipos de artigos

Revisões

Revisões são publicadas apenas por meio de convite, tendo ainda que passer pelo processo de revisão por pares. Contudo, uma proposta de revisão pode ser enviada por e-mail para a Assessoria de publicações (aabc@abc.org.br). O e-mail deve conter os tópicos e autores da revisão proposta, bem como o abstract, área dos AABC na qual o artigo se encaixa e a justificativa pela qual este tópico seria de particular interesse à área.

Os AABC permitem que os autores depositem preprints de seus artigos em servidores de preprint tais como, mas não limitados a, ArXiv.org e bioRxiv.org. Contudo, autores devem atualizar os registros informando que o artigo foi aceito/publicado pelos AABC.

Cartas ao editor

Cartas ao editor (Letters to the Editor) estarão sujeitas à edição e revisão, não podendo conter material que tenha sido submetido ou publicado em outro periódico. Cartas que venham a se referir a um artigo publicado nos AABC não podem exceder 250 palavras (não contando com referências) e devem ser recebidas em até 4 semanas após a

publicação online do artigo. Cartas não relacionadas a um artigo publicados pelos AABC não podem exceder 500 palavras (não contando com referências). Uma carta não pode ter mais de dez referências, além de uma figura ou tabela.

Articles

Sempre que possível, artigos devem estar subdivididos nas seguintes partes: 1. Página de rosto; 2. Abstract (em página separada, 200 palavras ou menos, sem abreviações); 3. Introduction; 4. Materials and Methods; 5. Results; 6. Discussion; 7. Acknowledgments, se aplicável; 8. Author contributions (se o artigo tiver mais de um autor); 9. References; 10. Legendas de figuras e tabelas, se aplicável. Artigos de algumas áreas, como por exemplo Ciências Matemáticas, devem seguir seu format padrão. Em alguns casos, pode ser aconselhável omitir a seção (4) e juntar as partes (5) e (6). Quando aplicável, a seção Materials and Methods deve indicar o Comitê de Ética que avaliou os procedimentos para estudos em seres humanos ou as normas seguidas para tratamentos experimentais em animais.

Short communications

Short communications procuram relatar uma importante e concisa contribuição para pesquisa, a qual progrediu para o estágio em que os resultados devem ser tornados públicos para outros pesquisadores do mesmo campo. Uma short communication também deve possuir Abstract (100 palavras ou menos, neste caso), uma pequena introdução (até 200 palavras) e não pode exceder 1500 palavras. Tabelas e Figuras podem ser incluídas no texto, mas este deve ser proporcionalmente reduzido. Este tipo de publicação nos AABC deve conter contribuições extremamente relevantes, sendo um tipo de artigo com alta competição.

Após recebimento e primeira triagem editorial, artigos serão avaliados por pelo menos dois revisores, sendo eles de instituições educacionais e/ou de pesquisa tanto nacionais quanto internacionais, desde que comprovada sua produção científica. Após possíveis correções e sugestões, o artigo pode ser aceito ou recusado, considerando os pareceres recebidos.

Nós utilizamos o programa integrado Crossref Similarity Check para detectar possíveis plágios.

Os AABC não possuem taxas de submissão, avaliação e publicação de artigos.

Preparação de manuscritos

Todas as seções do manuscrito devem possuir espaçamento duplo. Após o aceite, nenhuma mudança será feita no artigo, de modo que as provas de prelo precisem apenas de correções em erros tipográficos. Lembramos que o envio de artigos é feito exclusivamente pelos autores através do nosso sistema de gerenciamento de artigos.

Tamanho do artigo

Os artigos podem ser de qualquer tamanho necessário para a apresentação e discussão concisa dos dados, mas mantendo-se conciso e cuidadosamente preparado tanto em termos de impacto quanto de legibilidade. No entanto, artigos não devem exceder 50 páginas, incluindo todos os itens (figuras, tabelas, referências, etc.),a menos que possua autorização prévia do Editor-Chefe.

Página de rosto

A página de rosto do artigo deve apresentar os seguintes itens: 1. Título do artigo com até 150 caracteres, sem abreviações e com a tentativa de manter o interesse amplo da comunidade científica; 2. Nomes completos de todos os autores. Utilize números sobrescritos para indicar a filiação de cada autor. 3. Endereços profissionais e ORCID de todos os autores, incluindo instituição, departamento, rua, número, CEP, cidade, estado e país; 4. Key words (de 4 a 6 em ordem alfabética e separadas por vírgulas); 5. Running title (versão resumida – e não abreviada - do título com até 50 caracteres, incluindo espaços); 6. Seção dos AABC à qual o artigo pertence; 7. Nome, endereço, telefone e e-mail do autor para correspondência, a quem serão enviadas as mensagens mais relevantes do processo de avaliação. Este autor ou autora deve ser indicado com um asterisco após seu nome.

Não cumprir com qualquer dos requisitos acima fará com que o artigo seja devolvido (unsubmitted) para correções.

Abstract

O abstract deve conter até 200 palavras e apresentar as principais descobertas do artigo, incluindo uma breve introdução, os objetivos do trabalho e uma conclusão baseada nas presentes descobertas. Caso os autores estejam submetendo uma revisão convidada/autorizada, o abstract deve abordar o principal tema da revisão e explicitar a contribuição de tal revisão à área. O abstract não deve possuir títulos nem citações/referências.

Texto do manuscrito

Todo o texto deve ser escrito com espaçamento duplo utilizando a fonte Times New Roman tamanho 12 ou equivalente, desde que mantida a legibilidade. Por favor, organize seu texto nas seguintes partes sempre que possível: 1. Página de rosto; 2. Abstract (em página separada, 200 palavras ou menos, sem abreviações); 3. Introduction; 4. Materials and Methods; 5. Results; 6. Discussion; 7. Acknowledgments, se aplicável; 8. Author contributions (se o artigo tiver mais de um autor); 9. References; 10. Legendas de figuras e tabelas, se aplicável.

Artigos de algumas áreas, como por exemplo Ciências Matemáticas, devem seguir seu formato padrão. Em alguns casos, pode ser aconselhável omitir a seção (4) e juntar as partes (5) e (6). Quando aplicável, a seção Materials and Methods deve indicar o Comitê de Ética que avaliou os procedimentos para estudos em seres humanos ou as normas seguidas para tratamentos experimentais em animais.

Todos os procedimentos devem ser detalhadamente descritos. Utilize inglês norte-americano para escrever o texto. Nomenclaturas da área de Química devem ser fornecidos de acordo com a União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC). Cepas de organismos também devem estar identificadas. Informe nomes de fornecedores de reagentes e/ou equipamentos. Utilize unidades e símbolos de acordo com o Bureau International des Poids et Mesures (SI) sempre que possível.

Acknowledgments

Devem ser incluídos ao fim do texto, antes das referências. Agradecimentos pessoais devem preceder nomes de instituições e agências. De forma ideal, notas de rodapé devem

ser evitadas, mas, quando necessário, devem estar numeradas. Agradecimentos a financiamentos, subsídios, bolsas de estudo e dívidas com outros colegas, bem como menções à origem do artigo (como uma tese, por exemplo), devem estar nesta seção. Favor incluir o nome completo da agência de fomento, país e número do projeto (se aplicável).

Abreviações

Devem ser definidas em sua primeira ocorrência no texto, exceto por abreviações padrão e oficiais. Unidades e seus símbolos devem estar em conformidade com as aprovadas pelo Bureau International des Poids et Mesures (SI).

Legendas de figuras

Esta informação deve ser fornecida ao fim do manuscrito, após as referências. Todas as figuras devem conter legenda. A legenda deve possuir uma sentença introdutória que descreve as principais descobertas. Todas as divisões na figura devem ser identificadas com letras minúsculas, quando aplicável (1a, 2a, 2b, 3c, 3d, etc.). Quando for o caso da utilização de barras de erro, favor informar se um número que vem após o símbolo ± é um Standard Error Of Mean (SEM) ou standard deviation of mean (SD). Deve ser informado na legenda se o resultado apresentado representa N experimentos individuais.

Tabelas

Cada tabela deve possuir um pequeno título acima da mesma. Notas abaixo da tabelas também pode ser utilizadas. Tabelas devem ser citadas no artigo em algarismos romanos (Table I, Table II, Tables IV and V, etc.). Tabelas devem ser submetidas separadamente em arquivos editáveis, preferencialmente .doc ou .docx.

Figuras

Só serão aceitas figuras de alta qualidade (mínimo de 300 dpi). Todas as ilustrações serão consideradas figuras, incluindo desenhos, gráficos, mapas, fotografias, esquemas, etc. Seu posicionamento tentativo deve ser indicado, assim como todas as figuras devem ser citadas com seu respectivo número ao longo do texto. Figuras devem ser enviadas de acordo com as seguintes especificações: 1. Desenhos e ilustrações devem estar em formato .PS/.EPS ou .CDR (PostScript ou Corel Draw) e nunca inseridas no texto; 2. Imagens ou figuras em escala de cinza devem estar em formato .TIF e nunca inseridas no texto; 3. Cada figura deve ser enviada em arquivo separado; 4. Figuras devem, a princípio, ser submetidas no tamanho em que espera-se que estejam publicadas no periódico, ou seja, largura de 8cm (uma coluna) ou 16,2cm (duas colunas), com a altura máxima de cada figura e respectiva legenda sendo menor ou igual a 22cm.

As legendas das figuras devem ser enviadas com espaçamento duplo em página separada. Cada dimensão linear dos menores caracteres e símbolos não pode ser menor que 2mm após redução. Figuras coloridas são aceitas tanto como figuras em preto e branco. No entanto, 5 figuras em p/b são sem custo aos autores, enquanto cada figura colorida na versão impressa será cobrada dos autores, com a comunicação sendo feita durante a fase de produção (após o processo de avaliação). De modo a padronizar a contagem e cobrança de figuras preto e branco, tabelas que ocupem dois terços da página ou que tenham mais que 12 colunas ou 24 colunas serão consideradas figuras p/b. Manuscritos de Matemática, Física ou Química podem ser redigidos em TEX, AMS-TEX ou LaTeX, desde que o

arquivo .BIB seja enviado junto. Manuscritos sem fórmulas podem ser enviados em .RTF ou doc/docx para Windows.

Referências

Os autores são responsáveis pela exatidão das referências, bem como suas respectivas citações. Artigos publicados ou ainda 'In press' podem ser incluídos. Comunicações pessoais (Smith, personal communication) devem ser autorizadas por escritos pelos envolvidos. Referências a teses, abstracts de encontros (não publicados em jornais indexados) e manuscritos em preparação ou apenas submetidos, mas não ainda aceitos, devem ser citados no texto no formato (Smith et al., unpublished data) e NÃO devem ser incluídos na lista de referências.

Referências devem ser citadas no texto no formato a seguir sem a aspa simples, 'Smith 2004', 'Smith & Wesson 2005' ou, quando há 3 ou mais autores, 'Smith et al. 2006'. Quando houver dois ou mais artigos cujo nome do primeiro autor e ano de publicação são idênticos, as referências devem ser diferenciadas por letras minúsculas, como em 'Smith 2004a', 'Smith 2004b', etc.

As referências devem ser listadas alfabeticamente de acordo com o nome do primeiro autor, sempre na ordem SOBRENOME XY, sendo X e Y as iniciais. Se há mais de 10 autores na referência, usar SOBRENOME XY ET AL., sem listar os demais autores. Referências devem conter também o título do artigo. Os nomes dos periódicos devem estar abreviados sem itálico, pontos ou vírgulas. Para as abreviações corretas, verifique listas das maiores bases de dados nas quais o periódico está indexado, ou consulte a World List of Scientific Periodicals. A abreviação a ser usada em referências dos Anais da Academia Brasileira de Ciências é An Acad Bras Cienc. Os seguintes exemplos devem servir de guias para sua lista de referências em nossa revista:

REFERENCES

ALBE-FESSARD D, CONDES-LARA M, SANDERSON P & LEVANTE A. 1984a. Tentative explanation of the special role played by the areas of paleospinothalamic projection in patients with deafferentation pain syndromes. Adv Pain Res Ther 6: 167-182.

ALBE-FESSARD D, SANDERSON P, CONDES-LARA M, DELAND-SHEER E, GIUFFRIDA R & CESARO P. 1984b. Utilisation de la depression envahissante de Leão pour l'étude de relations entre structures centrales. An Acad Bras Cienc 56: 371-383.

KNOWLES RG & MONCADA S. 1994. Nitric oxide synthases in mammals. Biochem J 298: 249-258.

PINTO ID & SANGUINETTI YT. 1984. Mesozoic Ostracode Genus Theriosynoecum Branson, 1936 and validity of related Genera. An Acad Bras Cienc 56: 207-215.

Livros e capítulos de livros

DAVIES M. 1947. An outline of the development of Science. Thinker′s Library, n. 120. London: Watts, 214 p.

PREHN RT. 1964. Role of immunity in biology of cancer. In: NATIONAL CANCER CONFERENCE, 5., Philadelphia. Proceedings ... , Philadelphia: J. B. Lippincott, p. 97-104.

UYTENBOGAARDT W & BURKE EAJ. 1971. Tables for microscopic identification of minerals, 2nd ed., Amsterdam: Elsevier, 430 p.

WOODY RW. 1974. Studies of theoretical circular dichroism of polipeptides: contributions of B-turns. In: BLOUTS ER ET AL. (Eds), Peptides, polypeptides and proteins, New York: J Wiley & Sons, New York, USA, p. 338-350.

Comprovante de submissão